

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA -
PROHIS**

MESTRADO EM HISTÓRIA

LINHA DE PESQUISA: Cultura, Memória e Identidade

BRENO ASSIS ALBUQUERQUE FRANCO

**RIACHUELO NOS JORNAIS SERGIPANOS
(1860 - 1930).**

São Cristóvão/SE
2023

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PROHIS
MESTRADO EM HISTÓRIA

LINHA DE PESQUISA: CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE.

BRENO ASSIS ALBUQUERQUE FRANCO

**RIACHUELO NOS JORNAIS SERGIPANOS
(1860 - 1930).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para defesa de mestrado em História, na Área de Cultura, Memória e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Éder Donizeti da Silva

**São Cristóvão/SE
2023**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

F825r Franco, Breno Assis Albuquerque.
Riachuelo nos jornais sergipanos (1860-1930) / Breno Assis
Albuquerque Franco ; orientador Éder Donizeti da Silva. - São
Cristóvão, SE, 2023.
116 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de
Sergipe, 2023.

1. Riachuelo (SE) - História. 2. Jornais - Manchetes. 3. História
social. 4. Urbanização – Riachuelo (SE). I. Silva, Éder Donizeti da,
orient. II. Título.

CDU 930.2(813.7)

Aprovada em:

Prof. Dr. Eder Donizeti da Silva (UFS) – (Orientador)

Prof. Dr. Augusto da Silva – PROHIS/UFS (Examinador interno)

Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto – UNEAL (Examinador externo)

Prof. Dr. Samuel Barros de Medeiros Albuquerque – DHI/UFS (Examinador – suplente)

Dedico este texto a todos aqueles que
acompanharam essa aventura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, o Prof. Éder Donizete por me mostrar os caminhos da tecnologia da restauração e pela paciência que teve que ter nesse final de jornada de mestrado. Em segundo lugar, agradeço a minha família que muito relutou a minha entrada no curso de arquitetura e urbanismo, assim como a baixa compreensão aos meus ataques de ansiedade e de humor, assim como a necessidade de isolamento para estudar e escrever, mesmo não facilitando não teria chegado aqui sem eles.

Agradeço o apoio dos amigos mais presentes, em especial Fagner, Loly, Sirley e Karoline, agradeço também aos meus colegas de trabalho Dani, Sandro, Robson, Gustavo, Brenno, Marcelo e Wallace a quem tanto foram jogadas conversas sobre nossas insatisfações com o atual plano político e profissional. Agradeço ao professor Samuel, pela força nas horas de aperto, agradeço também aos meus professores do Atheneu, a quem devo muito pela minha jornada acadêmica, em especial a Patrícia, Willemberg e Alessandra. Agradeço aos amigos dos amigos aqui não citados que nos roôs sempre estiveram presentes e operantes.

Agradeço em especial Antônio Bezerra por sempre estar disposto em ajudar, a me emprestar as suas fotografias e conhecimento sobre a cidade. No mais sinto-me feliz e por essa conjectura ter me ajudado a levar a esse resultado em meio a tantas adversidades enfrentadas e desencadeadas no processo.

“Na tosca estrada empoeirada,
Cantando triste o carro de boi;
Riachuelo, doce balada,
Da minha infância que já se foi.”

Saudade, João Sapateiro (apud BEZERRA, 2012, p.200)

RESUMO

Na segunda metade do século XIX, sobre um solo de massapê, na região do Vale do Cotinguiba nasceu um povoamento ligado à vila de Laranjeiras, o qual num período de menos de quinze anos foi promovido à freguesia, à vila e à cidade. Esse desenvolvimento urbano foi acompanhado através das narrativas contidas em publicações de jornais sergipanos, buscando a partir desses documentos identificar as dinâmicas que atuaram no seu desenvolvimento socioeconômico. No entanto, o processo de urbanização não pode ser entendido como uma empreitada de sucesso, ao longo de todo o seu desenvolvimento, Riachuelo, foi um aglomerado humano de pessoas pouco abastadas, vulneráveis a várias doenças e a catástrofes naturais. Sendo assim o trabalho estabelece um limite temporal entre 1860, década indicada do surgimento do aglomerado humano, instituído pela construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, até os 30 primeiros anos do século XX, esses marcados por uma organização política dominada pelos donos de terras e produtores de açúcar, a mecanização no processamento da cana-de-açúcar, bem como período de construção de estruturas que reafirmava o distanciamento de um cenário rural da cidade - mercado, talho de carne, instalação ferrovia Leste Brasileira, fábrica de tecido, entre outras. Portanto, no primeiro momento, esse trabalho se dedica a traçar a herança carregada pela cidade e os seus empreendimentos agrícolas. Seguido pelo entendimento de uma diversificação econômica e industrial como mecanismos de transformação da cidade, esse baseado na exploração da mão de obra, agora organizada não mais em engenhos, mas sim num núcleo urbano. E por fim entende que o processo de urbanização é superado quando é estabelecido uma estrutura político-administrativa, bem como meios que possibilitem a concentração de atividades comerciais, serviços e lazer.

Palavras chaves: Jornais. História da Cidade. Desenvolvimento Urbano. Interior de Sergipe.

ABSTRACT

In the second half of the 19th century, on massapê soil, in the Cotinguiba Valley region, a settlement was born linked to the town of Laranjeiras, which in a period of less than fifteen years was promoted to parish, town and city. This urban development was monitored through narratives contained in newspaper publications in Sergipe, seeking from these documents to identify the dynamics that affected its socioeconomic development. However, the urbanization process cannot be understood as a successful endeavor, throughout its development, Riachuelo was a human cluster of somewhat affluent people, vulnerable to various diseases and natural disasters. Therefore, the work establishes a temporal limit between 1860, the decade indicated by the emergence of the human cluster, established by the construction of a chapel dedicated to Our Lady of Conceição, until the first 30 years of the 20th century, these marked by the organization of a policy dominated by the owners of land and sugar producers, mechanization in the processing of sugar cane, as well as a period of construction of structures that reaffirmed the distance from a rural setting to the city - market, meat butcher, East Brazilian railway installation, fabric factory , among others. Therefore, initially, this work is dedicated to tracing the heritage shared by the city and its agricultural enterprises. Followed by the understanding of economic and industrial diversification as mechanisms for transforming the city, based on the exploitation of labor, now organized no longer in mills, but rather in an urban nucleus. And finally, it is understood that the urbanization process is overcome when a political-administrative structure is foreseen, as well as means that enable the concentration of commercial activities, services and leisure.

Keywords: Newspapers. City history. Urban Development. Interior of Sergipe.

LISTA DE SIGLAS

BND - Biblioteca Nacional Digital;

CONDESE - Conselho de Desenvolvimento de Sergipe;

ITBEC - Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura;

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

UFS - Universidade Federal de Sergipe;

UNIT - Universidade Tiradentes;

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Povoado dos Pintos anterior a 1860.....	22
Figura 02 - Criação de cadeiras de primeiras letras no povoado.....	27
Figura 03 - Anúncio do roubo do chapéu.....	28
Figura 04 - Prisão de Manoel Nunes do Nascimento.....	28
Figura 05 - Nomeação do Bacharel Dionizio Eleutério de Menezes ao cargo de sub-inspetor.....	29
Figura 06 - Inscrição ao movimento republicano.....	37
Figura 07 - Presos entre 22 de maio e 31 de dezembro de 1876.....	41
Figura 07 - Pedido para construção de capela no engenho Penha.....	44
Figura 08 - Altar da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Engenho Penha, 1952.....	45
Figura 09 - Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Engenho Penha, 1952.....	45
Figura 10 - Casa-Grande do Engenho Porto dos Barcos, S/D.....	48
Figura 11 - Anúncio de médico na villa de Riachuelo, 1889.....	49
Figura 12 - Anúncio de advogado em Riachuelo, 1890.....	49
Figura 13 - Anúncio de fabricante de cofres, 1910.....	50
Figura 14 - Mapa ilustrativo com traçado das por volta de 1890.....	51
Figura 15 - Interior do Engenho Central, setor das caldeiras, final do século XIX.....	56
Figura 16 - Engenho Central, final do século XIX.....	57
Figura 17 - Quadro demonstrativo de movimento no Engenho Central, 1890.....	59
Figura 18 - Pedidos da câmara de intendentess ao governador, 1880.....	63
Figura 19 - Residência do Sr. Antonio Franco, entre as décadas de 1920-1930.....	65
Figura 20 - Casarão de Júlio Vieira, entre as décadas de 1920-1930.....	66
Figura 21 - Praça Coronel Antonio Franco, data desconhecida.....	68
Figura 22 - Inauguração da intendência.....	76
Figura 23 - Ao centro da foto, vestido em terno branco Francisco Rabello Leite, junto de seu filho Silvio e cercado por netos e amigos à frente de sua residência.....	77
Figura 24 - Retrato do Cel. Antonio do Prado Franco, década de 1930.....	78
Figura 25 - Retrato do Cel. Theophilo de Freitas Barrêto, década de 1930.....	78
Figura 26 - Mapa ilustrativo com traçado das por volta de 1930.....	79
Figura 27 - Disposição das linhas ferroviárias em Riachuelo, 1956.....	83
Figura 28 - Navegação Fluvial, Laranjeiras, Maruim e Riachuelo.....	84
Figura 29 - A) Estudo de implantação de estrada de ferro em Sergipe, 1883; B) Recorte do Estudo de implantação de estrada de ferro em Sergipe, 1883.....	85
Figura 30 - A) Estudo para implantação de estrada de ferro em Sergipe, 1884. B) Recorte do estudo para implantação de estrada de ferro em Sergipe, 1884.....	86
Figura 31 - Resposta do Presidente sobre a construção da Estrada de Ferro em Sergipe.....	87
Figura 32 - Notícia da construção do ramal Engenho Central/Leste Brasileiro.....	88
Figura 33 - Locomotiva de carga do Engenho Central, entre final do século XIX e início do século XX. 89	
Figura 34 - Tabela de tarifas e horários dos trens em suas respectivas paradas.....	90
Figura 35 - Descarrilamento de trem próximo de Riachuelo.....	90
Figura 36 - Fachada principal do Engenho Central, final da década de 1920.....	92
Figura 37 - Anexo do Engenho Central para a fabricação de Álcool Motor, final da década de 1920..	92
Figura 38 - Mensagem do Governador à Assembleia sobre enchente, 1922.....	93

Figura 39 - Fachada de casas da vila operária, Engenho Central.....	94
Figura 40 - Fachada da Igreja de Santo Antônio, Engenho Central.....	95
Figura 41 - Fachada da Igreja de Santo Antônio, Engenho Central.....	95
Figura 42 - Número de fogos no município de Riachuelo, 1915.....	97
Figura 43 - Posse de Manoel Mesquita na Sociedade Musical Coração de Jesus.....	98
Figura 44 - Apresentação da Sociedade Musical Coração de Jesus em Laranjeiras.....	98
Figura 45 - Cine Parque, década de 1930.....	99
Figura 46 - Projeto para diminuição de verbas para o hospital de Riachuelo.....	99
Figura 47 - Trecho sobre a varíola em Riachuelo.....	101
Figura 48 - Código de Postura de 1921;.....	103
Figura 49 - Código de Postura de 1923.....	103
Figura 50 - Talho de Carne Verde de Riachuelo, década de 1930.....	104
Figura 51 - Cobertura do Mercado, início do século XX.....	105
Figura 52 - Matadouro Municipal.....	106
Figura 53 - Prédio do Grupo Escolar.....	106
Figura 54 - Vista da ponte ligando a Cidade ao Engenho Central.....	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
- Parte I - Um arraial, um povoado, um distrito	25
Um início improvável.....	28
Um caso de prisão.....	36
Da lavoura ao advogado.....	44
- Parte II - Uma pequena revolução industrial	54
A mecanização.....	56
Ambiência Urbana.....	63
O poder senta na porta.....	71
- Parte III - A cidade superada	82
Rede de comunicação.....	84
Açúcar, álcool e algodão.....	93
Estruturação Urbana.....	99
Conclusões.....	110
Bibliografia.....	115

INTRODUÇÃO

Riachuelo é uma cidade localizada na região metropolitana, a cerca de 30 km da capital. Seu desenvolvimento esteve atrelado ao surgimento de uma economia agro-industrial que afetou diretamente a vida de quem nesse município se instalou. Segundo a narrativa oral, empregada nos escritos de Bezerra (2012, p. 27) a cidade de Riachuelo surgiu do Engenho Pintos, pertencente a família Mesquita Pinto, que se instalou na região por volta de 1590¹, pouco se tem levantado sobre o percurso dessa família, mas no local de seu engenho se desenvolveu uma povoação que em 1890 foi elevada a cidade.

É de certo que a gênese deste aglomerado se deu através de uma rede de comunicação que envolvia os engenhos de açúcar, Laranjeiras, Maruim e o *Porto das Redes*² - O primeiro destes foi o que mais empregou capital simbólico ao longo do despertar citadino da povoação, advindo do ímpeto de produtores de açúcar e do processo de ocupação territorial de Sergipe.

Riachuelo, enquanto povoado dos Pintos dependia administrativamente da vila de Laranjeiras, teve seu florescer na década de 1860. Essa década foi marcada por um ambiente de violência, e de modificações e de conformação de necessidade que vem ganhando proporções que culminam na sua elevação a freguesia em 1872, sendo chamada de Nossa Senhora da Conceição dos Pintos. Dois anos após sua elevação a freguesia foi elevada a vila em 1874, intitulada, vila de Nossa Senhora da Conceição do Riachuelo e, posteriormente, é elevada à categoria de cidade em 1890, nomeada de cidade de Riachuelo. É a partir de sua elevação como cidade que a história da urbanização de Riachuelo tem maior salto, ao modo que essa urbanização acompanha um período de ofertas de emprego impulsionada pelo sucesso do Engenho Central.

A ocupação primária da região em torno do que viria a ser a sede municipal de Riachuelo se deu por volta do século XVIII e XIX, onde se instalaram mais de 35 engenhos de açúcar (DANTAS, 1980, p.18), destes apenas nove engenhos tiveram projeção, foram eles: Fazenda Ângico, o Engenho Espírito Santo, o Engenho Massapê, o Engenho Porto dos Barcos, o Engenho Sant'Anna, o Engenho Penha, o Engenho Lyra e por fim o Engenho Central, este último no final do século XIX. A instalação do Engenho Central instituiu no município uma lógica de produção industrial, mecanismo que veio atrelado a um cenário de

¹ Importante ressaltar que o Vale do Cotinguiba, região a qual Riachuelo faz parte, tem sua ocupação iniciada por volta de 1602 (FREIRE, 1995, p.35), sendo suas terras desenhadas primeiramente por fazendas e posteriormente por engenhos de açúcar. No entanto, nota-se em Sergipe um crescimento de engenhos voltados para o plantio e processamento da cana-de-açúcar a partir do século XIX, por uma perspectiva do mercado exterior.

² “que era o local da Alfandega onde os barcos estrangeiros recebiam a carga para a Europa. De Maroim, Laranjeiras e Riachuelo chegavam os saveiros carregados de açúcar para a exportação” (DANTAS, 1980 p. 19).

novas dinâmicas de exploração sociais, atreladas a introdução de tecnologias no município/cidade, assim como do trabalho, que aos pouco deixou de ser uma atividade realizada por mão de obra escrava e passou a ser assalariado, bem como ao desenvolvimento de estruturas comerciais e sanitárias na cidade.

Entretanto, a riqueza da plantação de cana-de-açúcar nas primeiras décadas de construção citadina de Riachuelo pouco influenciou na estruturação efetiva deste ambiente, tal olhar só veio quando a estruturação urbana atravessou os limites de uma conformação política, formalizada a partir da instauração da república e consequentemente dos mecanismos administrativos da cidade. Do ponto de vista social, a produção agrária implementada em todo o Brasil favorecia a concentração dos lucros nas mãos dos donatários e pouco ou quase nada tinha retorno ao ambiente urbano, como afirma Reis Filho (1968, p.50), parte disso só muda, quando ocorre uma reconfiguração social, definida pela estabelecimento dos coronéis e donos de terra nas cidades, estes que adentram o ambiente urbano sob a figura de empresários e políticos, e, fazem prática de políticas públicas como meio carismático de dominação eleitoral.

Como consequência, não sendo possível aos centros urbanos desenvolverem formas de economia complementares da rural, apenas uma parcela muito pequena dos rendimentos da colônia permaneceu no meio urbano, com um esboço de comércio ou manufatura, praticamente inexistente nos centros menores e apenas presente nos de maior importância. (REIS FILHO, 1968, p.50)

Todavia a construção desse ambiente é atribuído a 1860, ao se ater a uma narrativa do Almanaque Laemmert³. Diferente da narrativa oral, retratada no livro de Bezerra (2012) sobre a história do município, essa que atrela a origem do núcleo originário de Riachuelo ao século XVI. Segundo o almanaque o núcleo humano que deu origem a cidade de Riachuelo tem sua origem em 1860, com a construção de uma capela, no entanto são encontrados indícios de que existia uma povoação chamada de “Pintos”, pertencente ao território de Laranjeiras antes mesmo de 1860.

Ao que tudo indica o povoamento se mantém como um lugar insalubre por muitas décadas, sendo afetadas corriqueiramente por epidemias de febre amarela, varíola, gripe entre outras doenças, chegando a pontos críticos várias vezes entre as décadas de 1890 a 1930. Além das doenças a cidade tinha problemas com enchentes anuais, sendo umas das mais perversas ocorreu em 1922, esta que afetou seriamente as cidade de Riachuelo, Laranjeiras e São Cristóvão.⁴

³ Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial, 1924, n.C00080, p.1114.

⁴ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1922, n.01, p.56.

À medida que a cidade se desenvolvia como lugar insalubre, a virada para o século XX foi marcado por um avanço expressivo nas questões industriais, bem como o aumento da produção de algodão e a instalação das primeiras indústrias de transformação. Em Riachuelo, essa modernização do setor industrial é sentida com a anexação de produções paralelas ao processamento do açúcar, através da fabricação de álcool motor e de tecidos. Ou seja, o início do século XX é marcado por modificações que perpassam os setores agrários, industriais e principalmente políticos.

No campo político, Riachuelo foi influenciada pelo poder exercido pelos líderes regionais que usufruíram de um poder simbólico incorporado a suas imagens ao longo dos anos, através da posse de terras e/ou influências militares. Os coronéis, marcaram os quarenta primeiros anos da República Velha (1889-1930), exercendo influência política e econômica sobre a população da cidade, manipulando votos, para alcançar posições em cargos municipais, estaduais e federais.

Na República Velha, segundo Dantas (2022, p.68), a urbanização se tornou uma realidade no Estado, e, em Riachuelo o olhar para a cidade é sentido através da execução de obras de pavimentação, bem como a construção de pontes, mercado municipal, matadouro, talho de carne e a criação de um sistema de abastecimento de água. É nessa perspectiva que o recorte temporal do trabalho é feito de 1860 até os 40 primeiros anos da República, ao entender que a cidade de Riachuelo tem sua estrutura formal, distanciada de uma realidade rural com a concretização de uma política administrativa, voltada para de obras estruturantes, principalmente entre as décadas de 1920 a 1930.

Desta forma a pesquisa procura entender como se estruturou o povoado dos Pintos até a sua elevação como cidade, e para a construção dessa narrativa foram usados recortes de jornais sergipanos como fonte de pesquisa. Os jornais mostram-se importantes fontes históricas, ao ponto em que transmitem nuances e ambiências da vida citadina de Riachuelo - os jornais são marcos ligados ao desenvolvimento da vida social nos centros urbanos, logo, surgem como fonte primordial para entender os fatos das cidades.

Na compreensão dessa construção citadina foram analisados os principais jornais em circulação na província e mais tarde estado, estes foram acessados no site da Hemeroteca Nacional Brasileira, de modo que os jornais disponíveis apresentavam menos furos em sua cronologia, além de seus mais de 181 títulos sergipanos. Foram eles: Correio Sergipense: Folha Oficial, Política e Literaria (1840-1866); Jornal do Aracaju (1872-1878); Gazeta de Sergipe: Folha Diaria (1890-1891); O Republicano: órgão do partido republicano (1888-1890); A Reforma: Órgão do Partido Liberal (1887-1889); A Provincia: Folha Política,

Commercial e Agrícola (1883); O Guarany (1847-1883); Echo Sergipano: Jornal Commercial , Noticioso, Agrícola e Recreativo (1884); Gazeta da Tarde (1887); Sergipe: jornal dedicado aos interesses da lavoura, commercio e melhoramentos geraes da provincia (1881-1882); A União: Jornal Politico, Litterario e Commercial (1852-1854).

Os jornais utilizados têm suas tipografias ligadas a cidade de Laranjeiras e a capital da Província e mais tarde do Estado, e, em sua maioria esses jornais repassaram as ações do governo entre outros órgãos ligados a este, como questões policiais, ocorridos nas câmaras e intendências, e uma ou outra publicação particular. Segundo Santos (2017, p.57), o período entendido a partir da última década do século XX, existiu a necessidade de uma imprensa que “assumisse um caráter oficial frente às ações do governo sobre o Estado, uma imprensa de caráter moderno e que se preocupasse com a divulgação do progresso moral e material de Sergipe.”

Ou seja, os jornais aqui não refletem o estado real da cidade ou do município, são instrumentos ligados a grupos ou partidos e refletem as narrativas destas pessoas ou do Estado, fazendo parte de seus discursos. Levando em consideração que os discursos não são apenas sinais com o objetivo de serem compreendidos e decifrados, mas também são indicativos de posições e status, como descreve Bourdieu (2001, p. 40, tradução do autor)⁵:

[...] os discursos não são apenas (ou apenas excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos ou decifrados; Eles também são sinais de riqueza destinados a serem valorizados, apreciados e sinais de autoridade destinados a serem acreditados e obedecidos. Independentemente dos usos literários - e especialmente dos usos poéticos - da linguagem, na vida cotidiana é muito raro que a linguagem funcione apenas como um puro instrumento de comunicação: a busca pela maximização do desempenho informativo é apenas excepcionalmente o propósito exclusivo da produção. A linguística e o uso puramente instrumental da linguagem que ela implica muitas vezes contradizem a busca muitas vezes inconsciente de benefícios simbólicos.

Os jornais, logo, são instrumentos de objetos de luta e de afirmação simbólica do poder, do status social, que com o adensamento das cidades se diferenciava da binaridade escravo, senhor de engenho. O status social das cidades estava no agrupamento, na família, na política de gabinete e na “nova nobreza: a dos doutores e bacharéis, talvez mais que a dos negociantes e industriais”(FREYRE, 2004b, p.712).

⁵ “[...] los discursos no son únicamente (o lo son sólo excepcionalmente) signos destinados a ser comprendidos, descifrados; son también signos de riqueza destinados a ser valorados, apreciados y signos de autoridad destinados a ser creídos y obedecidos. Independentemente de los usos literarios y especialmente de los usos poéticos- del lenguaje, en la vida ordinaria es muy raro que la lengua funcione sólo como puro instrumento de comunicación: la búsqueda de la maximización del rendimiento informativo sólo excepcionalmente es el fin exclusivo de la producción lingüística y el uso puramente instrumental del lenguaje que implica suele entrar en contradicción con la búsqueda, a menudo inconsciente, del beneficio simbólico.”

Além dos jornais foram tomados como fontes o Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (1907-1940); Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe (1933); Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia(1891-1930) e Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (1891-1930). Para alcançar os objetivos almejados, a opção foi por uma pesquisa de caráter qualitativo, tendo como instrumentos de coleta de dados: o uso de referências bibliográficas, matérias jornalísticas selecionadas, além da leitura de artigos, dissertações e teses.

Foi levado em consideração alguns estudos cânones sobre Sergipe que tratam da sua história, seu território e da economia açucareira como tema, realidade presente no recorte temporal, a exemplo destes: Passos Subrinho (2000), Dantas (1980), Dantas (2022), Freire (1891) e Nunes (1989,1996). Outra parte de grande contribuição a esta pesquisa são as narrativas já construídas sobre os engenhos de Riachuelo e sobre os seus patrimônios históricos, esse último se destaca por ser um atrativo aos estudos arquitetônicos e arqueológicos – é o caso da dissertação de Pina (2016) e a monografia de Santos (2015), os dois primeiros sobre o engenho Penha e o último sobre o engenho Lyra.

Outros autores que se debruçaram sobre a história de Riachuelo são, Loureiro (1999) e Bomfim (2019), a primeira apresenta dois engenhos de Riachuelo na catalogação sobre a arquitetura açucareira no Vale do Cotinguiba em seu livro *arquitetura sergipana do açúcar*, e cita um pouco da história do engenho Penha e Santana, enquanto Bomfim (2019), recentemente, vai demonstrar do ponto de vista sociológico a manutenção do poder das oligarquias após a república através de redes políticas encabeçadas por lideranças de duas famílias tradicionais. Logo se faz horizonte teórico sobre a cidade de Riachuelo e seus patrimônios, os trabalhos de Bezerra (2012), Bomfim (2019), Pina Neto (2018), Santos (2015) e Loureiro (1999).

De certo, traçar a história da cidade a partir de meados da segunda metade do século XIX, não é algo fácil, as bibliografias existentes se preocupam com a construção de uma urbanidade colônia, enquanto que Riachuelo tem seu desenvolvimento atrelado ao Segundo Império, percorrendo a República Velha. De modo geral, entende-se que o processo de urbanização das cidades brasileiras é estabelecido a partir de uma ordem social, criada e mantida juntamente com o ponto de vista econômico pela fixação e concentração de indivíduos, atividades religiosas, educacionais, militares e políticas (Reis Filho, 1968, p.21). Dito e feito, o estabelecimento de conceituação das cidades aqui trabalhadas se ramifica entre uma teoria europeia e brasileira, ao entender que o ponto de vista de Holanda (2014), Reis

Filho (1968), Risério (2013) e Azevedo (1992), estes que utilizam como base as proposituras de Weber (2004).

Essas mudanças eram vistas no setor social de Sergipe mediante as transformações, que ganhava maior densidade durante a primeira década da República, impulsionados principalmente pela oferta de trabalho que antes estiveram concentradas no campo, nos engenhos ou nas fazendas, e que gradualmente foram sendo migradas para as indústrias, os serviços e até mesmo as casas comerciais foram proliferando no meio urbano (DANTAS, 2022, p.66). Além disso a cidade ganhava novas formas de socialização, que não cabia mais somente a Igreja e trabalho, entrava em no cenário urbano também: os cinema⁶, as escolas, os bilhares e as apresentações musicais⁷.

Além disso o processo urbanizatório requereu além do comércio, o serviço de mão obra especializada em ofícios como: pedreiros, carpinteiros, padeiros, oficinas mecânicas, funileiros, alfaiates, modistas, barbeiros entre outros, tanto para abarcar demandas das indústrias quanto para demandas civis. Criando também uma nova classe social urbanas, essa composta por trabalhadores liberais, que se somavam aos serviços administrativos do município, esse composto por agricultores e ou apadrinhamentos dos mesmos, o comércio e o trabalhador assalariado das indústrias.

De uma coisa é certa, o povoado dos pintos, estava distante do ambiente bucólico, a cidade de Riachuelo se demonstra como um local de conflitos, selvageria e exploração. A construção do urbano aqui é inicialmente um subproduto da construção social da casa grande e senzala, cuja base familiar exerce um poder do qual assim como no campo, a existência estaria comprometida se não fosse o domínio familiar (FREYRE, 2004, p.85).

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a formação e história da cidade de Riachuelo, Sergipe, desde a sua instituição como povoado, freguesia, vila e cidade até o final da República Velha, sendo a década de 1930 tida como período de progresso da região, o qual estrutura um entendimento sobre as dinâmicas econômicas, sociais e políticas que se deram no seu território, ou seja, em âmbito geral é analisar os percursos que levaram Riachuelo a ser entendida como cidade, bem como os mecanismo, foi responsável pelo seu desenvolvimento. Especificamente, busca-se: (i) Compreender como surgiu e se organizou a cidade de Riachuelo; (ii) Compreender as dinâmicas e mecanismos que surgem em Riachuelo a partir do

⁶ Em 1921, aparece no Almanak Laemmert, um cinema situado na cidade chamado *Smart*. (Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1921, n.C00077-00078, p.877.)

⁷ Riachuelo no início do século XX, contava com duas Filarmonicas: a S.S. do Coração de Jesus, fundada por Benjamin da Silva e a União Riachuelense, desmembramento da primeira, fundada por Manoel Neglo. (Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1903, n.A00060, p.1321.)

estabelecimento de uma economia urbana e seus reflexos no cotidiano urbano; (iii) Entender como a produção canavieira afetou a formação e transformações urbanas em Riachuelo;

Desta feita, por meio deste trabalho podem-se trazer contribuições significativas para o avanço das discussões sobre a história da cidade em Sergipe e por uma História Urbana que toma o município de Riachuelo como base para a construção de narrativa sobre suas dinâmicas de ocupação no Estado, neste caso usando como ponto de partida os jornais como fonte de pesquisa. E assim, obter por meio destas análises uma compreensão sobre as relações existentes nas possibilidades de reconversão de recursos sociais e competências adquiridas no âmbito da construção urbana. Apresenta-se síntese dos capítulos que compõem a referida dissertação:

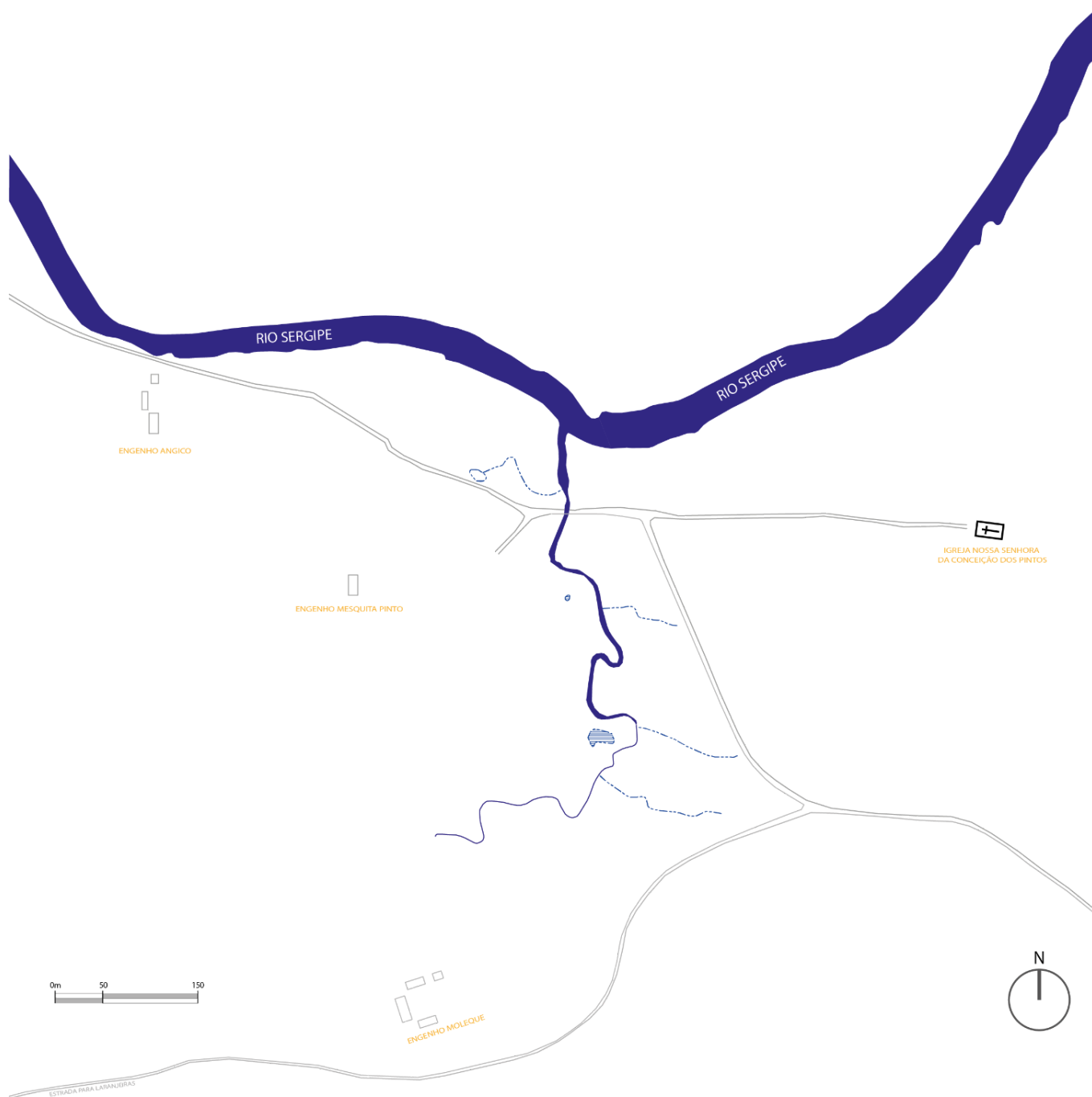
Parte I - neste primeiro momento, é procurado estabelecer uma aproximação do leitor com a questões que rodeavam o povoamento, este que se era destacado muitas vezes como arraial, povoado ou distrito de Laranjeiras, titulações que deram nome a esta seção do texto: *Um arraial, um povoado, um distrito*; desta forma são levados em considerações acontecimento publicados em jornais em meados do século XIX até a elevação desta como cidade.

Parte II - na segunda parte do texto, dedica-se a entender a influência da política e das transformações econômicas no município na vida urbana. Essa mudança econômica que vem através da Instalação do Engenho Central, tem influência direta na mudança de interações com a cidade, desde sua arquitetura, até mesmo nas questões políticas com o advento da República.

Parte III - em a cidade superada, o fator cidade já é algo real, estabelecido, o que se percebe é uma formalização dos equipamentos: transporte, mercado, água, saúde e normatização urbana. Além de uma expansão industrial que atende a uma especialização econômica regional, e, perante a isso, a cidade fecha um ciclo vicioso de poder familiar e submissão a estrutura imposta.

Por conseguinte, apresentamos as **Considerações finais** dessa dissertação, que objetiva trazer contribuições significativas para entender até que ponto a cidade de Riachuelo se demonstrou um empreendimento social de controle simbólico a partir da força de trabalho e da construção de dominação política e econômica. Seguida de uma análise sobre os desdobramentos da cidade de Riachuelo até por volta de 1960, além disso contribuir para reflexão sobre as mudanças sociais afetadas pelo fechamento do Engenho Central e como conseguinte o término de um período do açúcar em Sergipe.

Figura 01 - Povoado dos Pintos anterior a 1860.⁸



Fonte: Elaboração própria a partir de mapa topográfico disponibilizado pela Prefeitura do Município de Riachuelo (2023).

⁸ Mapa com traçado das ruas foi elaborado baseado na ocupação das quadras por edifícios públicos construídos em suas proximidades - em destaque a capela de Nossa Senhora da Conceição dos Pintos.

- Parte I -

Um arraial, um povoado, um distrito.

Ao tornar a cidade de Riachuelo estudo de caso, se torna perceptível que a mesma está inserida em uma realidade muito comum no Nordeste brasileiro, a influência de uma herança cultural açucareira na sua conformação como aglomerado humano e como núcleo urbano. É nessa perspectiva que a primeira parte do texto vai demonstrar os fatos ocorridos antes da formalização de Riachuelo como cidade, buscando em jornais e bibliografias narrativas que precederam a sua afirmação deste aglomerado como ambiente urbano.

Desde já, algumas questões ajudaram no estabelecimento humano na região, entre elas às questões climáticas, o solo, e geografia local, bem como as políticas regionais de ocupação territorial, sendo outro fator importante, o aumento da demanda pelo açúcar no exterior, que fez com que houvesse um crescimento dos engenhos no Nordeste brasileiro. Desta forma, o Nordeste se destacou e alcançou uma posição privilegiada no quadro econômico nacional. Destaque esse, que foi reconhecido e nomeado mais tarde como a Civilização do Açúcar, para Quintas (2007, p.16), essa civilidade permitiu mais que uma construção econômica:

Permitiu a formação de uma sociedade aristocrática, dominada por grandes e médios proprietários de terra, os sesmeiros, que viviam em casas grandes, ricas e luxuosas, dispondo de uma imensa quantidade de serviçais, além de artífices especializados na fabricação do açúcar e da aguardente. (QUINTAS, 2007, p. 16)

Arelada a formação sócio-econômica do açúcar existe uma formação de dinâmicas que fortalecem a construção de microeconomias que vão se desenvolvendo em pequenos aglomerados humanos. É nesse desenvolvimento que algumas cidades nascem através do intercruzamento entre uma economia rural e uma economia urbana⁹ (Risério, 2013). Entendendo que esses aglomerados são produtos que nascem fora das ideias iniciais dos seus colonizadores, mas que depois são englobados e firmados como nova formatação estrutural de dominação.

Para Risério (2012) a cidade no Brasil surgiu a partir de postura comercial, não de uma vontade aristocrática, não de uma vontade do clero, não de uma vontade da nobreza, mas sim de um empreendimento de comerciantes. Não obstante a isso que a os primeiros

⁹ Risério (2012, p.70), em seu livro, *a cidade no Brasil*, traz “[...] a cidade nasceu numa encruzilhada, em consequência do incremento da produção agrícola e sob a pressão do crescimento populacional. Esta seria a condição de formação do fenômeno urbano se constelado, independente do fato de que esta ou aquela cidade particular tenha se constelado, objetivamente, em função de um local de culto ou de comércio, ou, ainda nas cercanias de uma edificação militar. Ou seja: a revolução agrícola provocou a revolução urbana.”

aglomerados e centros urbanos no Brasil não tinham a intenção de fixação de uma comunidade, mas sim de um mero ponto de repouso e passagem, sendo a fixação uma consequência ou “uma resposta às características e vicissitudes da economia rural” (REIS FILHO, 1968, p. 39).

Pois só na segunda metade do século XVI que se implantou no Brasil uma política centralizadora, a qual tinha como objetivo um maior controle econômico e administrativo da Colônia. Diante disso, é notado um dos primeiros sinais de abertura do Governo Geral para a questão urbanizadora, no entanto, não cabiam aos governadores a criação de vilas nas suas capitânias, esse poder ficava a cargo dos donatários de terras que tinham o poder de criar aglomerados humanos (REIS FILHO, 1968).

No entanto, é no século XVIII que a política urbanística vai ganhar mais forma, com um aumento significativo da população, esse aumento traz consigo uma necessidade ainda maior de controle fiscal da Coroa, essa "movimentação demográfica que, com todas as suas demandas gerou - em ritmo vertiginoso, para a época - e elenco de povoados, vilas e, adiante, cidades [...]” (RISÉRIO, 2013, p. 109).

Em Sergipe o cultivo da cana-de-açúcar, implicou na influência sócio-econômica em núcleos urbanos, como Laranjeiras, Maruim, Estância, Riachuelo e outros - possibilitando que se desenvolvessem nessas localidades dinâmicas que afetam a vida cotidiana e no desenvolvimento urbano dessa aglomeração.

Os engenhos, logo, criam estruturas bases para as relações que se estabeleceram na origem de uma rede econômica proto-urbana baseada no cultivo e processamento da cana-de-açúcar. Dentre estes é possível dizer que oito tiveram expressividade e melhor estruturação (casa-grande, senzala, fábrica, capela..), são estes: Engenho Massapê, Engenho Vasaringui, Engenho Porto dos Barcos, Engenho Lyra, Engenho Angico, Engenho Santana, Engenho Espírito Santo e Engenho Penha.

O estabelecimento desses engenhos e a circulação de seus produtos, fizeram com que em meados do século XIX fosse estabelecido um aglomerado, este ligado à Vila de Laranjeiras. Deste, estabelecem-se moradias fixas, onde os jornais indicam existir um comércio de fluxo constante que deságua em uma feira, desta surge a diversificação econômica a partir da oferta de serviços e produtos que produziu juntamente com os engenhos ali já instalados, cuja formalização como cidade só ocorreu em 1890.

Riachuelo tem seu assentamento humano por muito tempo tímido, no entanto já se mostrava mesmo que tardiamente um local promissor para a construção de uma vida citadina e ponto estratégico para o comércio de açúcar. Quanto povoado de Laranjeiras, Riachuelo,

compunha um trio comercial base da economia de exportação do Vale do Cotinguiba, segundo Dantas (1980, p. 20) “Riachuelo, antiga Paróquia de Santana, também se projetava, formando com Maroim o trio comercial de importância da Cotinguiba.”

Desta forma se constrói em Riachuelo uma rede econômica baseada na exportação do açúcar, cuja a produção tinha projeção quantitativas, segue em Dantas (1980, p.19) “Maroim, naquela época, exportava cerca de 20 mil caixas de açúcar e, juntamente com Laranjeiras e a paróquia de Santana (Riachuelo), 40 mil”. No fim, essa produção era destinada ao “Porto das Redes”, local onde funcionava a Alfândega e eram despachadas as mercadorias que iam para a Europa.

Foi em meados do século XIX que a então província de Sergipe estava estabelecida e o império tinha adquirido vigor, “isto após dez anos de paz doméstica e de desenvolvimento da produção agrícola e do comércio com o estrangeiro” (FREYRE, 2009, p.60). Foi em meados do século XIX, que no Brasil começaram a ser instalados os primeiros trens, bem como a navegação a vapor, no entanto, essas inovações chegaram primeiro nos grandes centros urbanos, da época. Nesse século o Brasil era nas palavras de Freyre (2009, p.61) formado por “Brasis, regionalmente diversos: também por vários e diversos Brasis...”.

Neste cenário a configuração regional do território sergipano no período imperial interferiu para a criação de Riachuelo como núcleo urbano, assim como suas nuances, personagens e patrimônios. O estudo deste crescimento citadino é retirado de memórias apreendidas nos jornais, demonstrando pequenas amostras do que se passava no povoado entre o século XIX e início do século XX. Desta forma, essa primeira parte é dividida em primeiro - entender a gênese da cidade; em segundo, as primeiras manifestações desta nos jornais; em terceiro, é entender as mudanças das dinâmicas do campo e a importância do povoado nesse processo.

Um início improvável

Em contraposição a versão oral da origem do núcleo humano de Riachuelo, pode ser retirada de um recorte do Almanaque Laemmert de 1924, uma outra narrativa, a qual conta que o processo de povoamento teve o improvável começou em 1861, quando José Gonçalves Freire de Mesquita, juntamente com alguns fazendeiros, resolveram construir uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição dos Pintos. Tido como primeiro habitante o senhor Luiz Pinto, e dele veio o nome de batismo do povoado “Pintos”¹⁰ e consequentemente o nome de batismo da capela.

Luiz Pinto, nas terras sergipanas, teve um filho, Vicente, apelidado de Vicente Boi; depois de Luiz, vieram morar na região os portugueses: José dos Santos e Feliciano de Tal, Manoel Maria e José Castor. Teve como primeiro pároco, o Cônego Jesuíno Telles Nogueira Cravo, falecido em 1900, este que segundo o Almanaque, havia contribuído bastante para o desenvolvimento da cidade - aos olhos do escritor do artigo, a cidade se caracterizava por ser: “saúdavel em geral, apesar do mau estado hygienico da cidade”¹¹.

Em contradição a essa narrativa do Almanaque, são encontrados registros sobre esse núcleo humano anteriores à 1861, este já intitulado como arraial ou distrito dos Pintos e pertencente ao território de Laranjeiras. Portanto, compreende-se que Riachuelo não surgiu de um querer de amigos que se uniram na construção de uma capela, ou, não na data estipulada. Esses registros se juntam a outras narrativas e demonstram as inconsistências dessas datas e acontecimento, dito isto pode-se dizer que esse núcleo ganha forma, realmente, a partir de 1860, como poderá ser visto ao longo da narrativa.

A instalação desse aglomerado às margens do rio Sergipe, estabelece uma relação importante para o seu desenvolvimento a partir da proximidade com engenhos de açúcar, além da proximidade de centros importantes de escoamento da cana-de-açúcar, como Laranjeiras e Maruim, possibilitando que se manifestassem dinâmicas que afetou a vida cotidiana no desenvolver urbano dessa localidade.

Na busca por fontes históricas que ajudassem a demonstrar como se organizou esse povoamento, foi nos jornais que essa informação se mostrou mais abundante. De acordo com Luca (2010), a imprensa nesse tempo era meio de expressão de um único indivíduo, o financiador do impresso. Cujo conteúdo veiculado nos jornais era de natureza doutrinária e

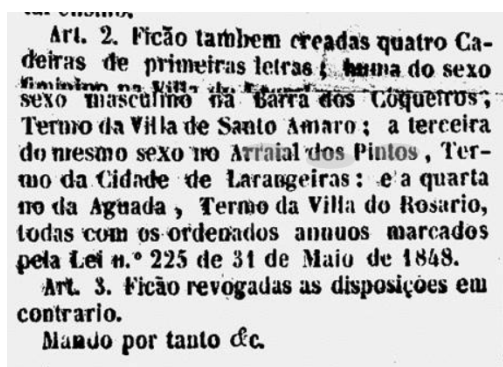
¹⁰ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1924, n.C00080, p.1114.

¹¹ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1903, n.A00060, p.1320.

servia como mecanismo de combate, defesa apaixonada de ideias e instrumento de influência no meio público (LUCA, 2010, p.133). Logo, os jornais eram um meio de domínio intelectual da massa letrada da época, o qual tinha sempre o ponto de vista de um partido ou pessoa ligada a ideias partidárias da época. Desta forma toda narrativa aqui descrita é um compilado de pensamentos e ações de grupos, pessoas e famílias que controlavam esses meios de comunicação.

Nos Jornais, Riachuelo é em um primeiro momento intitulada vezes como arraial, outras vezes de distrito dos Pintos, nomenclatura que demonstra as condições precárias de instalação desse povoamento, no qual se tinha uma estrutura provisória. Em um segundo momento, já se reconhecia esse estabelecimento humano como povoado ligado a Laranjeiras, este agora sendo reconhecido pelo controle físico da polícia.

Figura 02 - Criação de cadeiras de primeiras letras no povoado.



Art. 2. Ficão também creadas quatro Cadeiras de primeiras letras (parte inelegível) do sexo feminino na Villa (parte inelegível) sexo masculino na Barra dos Coqueiros”; Termo da Villa de Santo Amaro; a terceira do mesmo sexo no Arraial dos Pintos, Termo da Cidade de Laranjeiras; e a quarta no da Aguada, Termo da Villa do Rosario, todas com os ordenados annuos marcados pela Lei n. 225 de 31 de Maio de 1848.

Art. 3. Ficão revogadas as disposições em contrario.

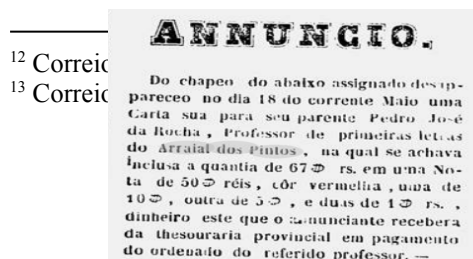
Mando por tanto &c.

Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional¹².

O povoado dos Pintos, aparece pela primeira vez nos jornais pesquisados em março de 1849, quando foi anunciada a criação da cadeira de primeiras letras. Cadeira essa destinada para o sexo masculino, em maio de 1853¹³, cargo este pertencente ao senhor Pedro José da Rocha, como pode ser visto em um recorte do jornal *Correio Sergipense*, transcrito abaixo a partir da **Figura 03**. No trecho de anúncio, é feita uma denúncia do roubo de um “chapeo”, esse contendo o ordenado de 67 réis, recolhido pelo Sr. Manoel de Jesus Souto e Andrade na tesouraria do Governo. Este dinheiro correspondia ao ordenado recebido pelo professor Pedro José da Rocha, como professor do povoado, no anúncio pede ainda que justiça seja feita e que em meio ao dinheiro roubado estava uma nota de 50 réis assinado com as iniciais M.J.S. caso algum comerciante o recebesse poderia denunciar.

Figura 03 - Anúncio do roubo do chapéu.

ANNUNCIO.



¹² Correio e Literaria, 1849, p.01.

¹³ Correio e Literaria, 1853, n.32, p.04.

Do chapeo do abaixo assignado desip-pareceo no dia 18 do corrente Maio uma Carta sua para seu parente Pedro José da Rocha, Professor de primeiras letras do Arraial dos Pintos, na qual se achava inclusa a quantia de 67 \$ rs, em uma No-ta de 50 \$ réis, cor vermelha, uma de 10\$, outra de 5\$, duis de 1\$ rs., dinheiro este que o annunciante recebera da thesouraria provincial em pagamento do ordenado do referido professor. -

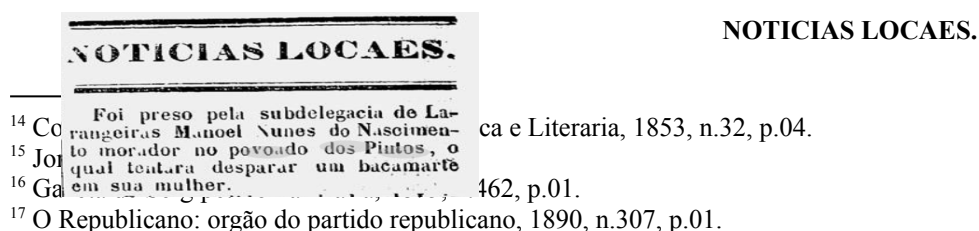
-O annouciante presume que a dita Carta fora sacada de um quartinho con-tiguo a sala do Porteiro da Secretaria do Governo, onde se achava seo chapeo, contendo não só a dita carta, como uns occulos, 2 xarutos, e outros papeis.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.¹⁴

Em 1860, Pedro José da Rocha, ainda como professor do povoado, juntamente com outros professores de localidades vizinhas, incluindo seus filhos que seguiram a mesma carreira do pai, ensinando em municípios vizinhos, foram pontualmente elogiados. Dentro desses elogios, o professor Pedro José da Rocha é destacado pelo seu dever e pontualidade, quanto profissional da educação, para com seus cerca de cem alunos. Pedro José da Rocha foi jubilado¹⁵ no ano de 1875 aos 63 anos após ser diagnosticado com bronquite crônica, incurável¹⁶, posteriormente entrando na carreira política como presidente do conselho municipal em 1890¹⁷.

Analisando a carreira de Pedro José da Rocha é possível perceber que em 1860 o povoado tinha uma quantidade de alunos vultosa, ao visto que o professor José Joaquim d'Oliveira da vila de Rosário tinha 112 alunos, Manoel Cândido da Cunha Dormund em Laranjeiras contava com 80 alunos e Antonio Rodrigues de Loureiro Fraga em Maruim contava com 91 alunos - povoações essas já estabelecidas. Ou seja, existia uma demanda de estudantes que se equiparava aos estabelecimentos humanos já categorizados como cidade, até mesmo de sua sede, Laranjeiras - deve ser considerado aqui que a educação não era algo aberto a todos, os aproximadamente cem alunos é uma demanda de filhos de homens livres que residiam no povoado e seus arredores.

Figura 04 - Prisão de Manoel Nunes do Nascimento.



¹⁴ Co... ca e Literaria, 1853, n.32, p.04.

¹⁵ Jo... 462, p.01.

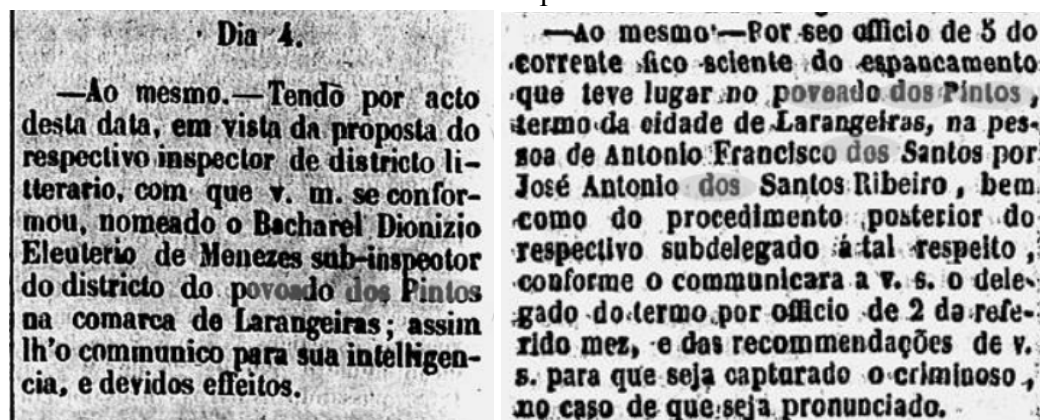
¹⁷ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.307, p.01.

Foi preso pela subdelegacia de Laranjeiras Manoel Nunes do Nascimento morador no povoado dos Pintos, o qual tentara disparar um bacamarte em sua mulher

Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional¹⁸.

Haviam neste povoado representações da educação e do poder público, anterior à instalação do Luiz Pinto, como é o caso do sub-inspetor e de um subdelegado, ou seja, o povoamento tinha representantes próprios nas instâncias de estruturação administrativa, mesmo pertencendo a cidade de Laranjeiras - em recorte demonstrado na **Figura 04**, de 1856, onde Manoel Nunes do Nascimento foi preso ao disparar um bacamarte em sua esposa, levado a delegacia de Laranjeiras¹⁹, desta forma a representação respondia à sede policial que ficava na comarca de Laranjeiras.

Figura 05 - Nomeação do Bacharel Dionizio Eleutério de Menezes ao cargo de sub-inspetor.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.²⁰

Essas representações para cargos administrativos eram ocupadas sob indicação de pessoas envolvidas politicamente ou de pessoas com influência dentro dessas incorporações, como exemplo trazido pela **Figura 05**, quando o Bacharel Dionizio Eleuterio de Menezes é indicado ao cargo de sub-inspetor do povoado pelo inspetor e reverendo José Lino de Oliveira²¹. Dionizio Eleuterio, nada mais era do que dono do Engenho Lyra, um dos maiores engenhos e um dos mais próximos da região do povoado, em 1933 tinha seu valor venal de aproximadamente 200.000\$, propriedade na região de valor abaixo somente do Usina Espírito Santo e Usina São Paulo²².

Assim também acontece com o cargo de subdelegado em 1861, no Jornal "*Correio Sergipense*" uma indicação de Pedro, filho de Francisco José de Sant'Anna, para o cargo de

¹⁸ Correio Sergipense : Folha Oficial, Política e Literária (SE), 1856, ano XIX, nº 30, p.03/04.

¹⁹ Correio Sergipense: Folha Oficial, Política e Literária, 1856, n.30, p.03.

²⁰ Correio Sergipense: Folha Oficial, Política e Literária, 1859, n 34, p. 02.

²¹ Correio Sergipense: Folha Oficial, Política e Literária, 1859, n.34, p.02.

²² Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.357.

subdelegado. Francisco José de Sant'Anna aparece vinculado a política de Simão Dias, tanto em lista de eleitor²³, como assumindo cadeira de conselheiro em Simão Dias sob o título de tenente²⁴. Na mesma sessão do jornal é feito o comunicado ao subdelegado do povoado, o qual fica dito: “foi remetido a á capitania do porto o menor Pedro, de que trata o seu dito officio, para ser inpeccionado e ter conveniente destino, se for julgado apto para o fim a que se propõe.”

Já em 1863, o Dr. Raymundo Telles de Meneses, pediu exoneração do cargo de de 1º suplente subdelegado dos Pintos, indicando o cidadão Luiz Telles de Meneses²⁵. Pelo sobrenome subentende-se que faziam parte da mesma família, sendo o Dr Raymundo de Menezes, formado em Direito na Faculdade de Direito do Recife em 1851 (Martins, 1931, p.149). No mesmo ano Luiz Telles Meneses pediu a exoneração do cargo, sendo nomeado posteriormente o cidadão Alexandre José de Faro, este por sua vez dono do Engenho São Félix, localizado em Laranjeiras, o mesmo que mais tarde iria abrigar em sua residência o Clube Republicano²⁶. Alexandre José de Faro foi deposto do cargo em 1866, a partir de razões pessoais não descritas no Jornal²⁷.

Na saúde, ao que foi visto, não existia uma representação própria no povoado, sendo necessário a ida ou vinda de médico de Laranjeiras ao povoado. É o que fica entendido com notícia de uma epidemia ocorrida em 1862²⁸, noticiada no Jornal Correio Sergipense. O enunciado é um verdadeiro pedido de socorro ao inspetor de saúde pública da província e ao membro do 1º distrito médico de Laranjeiras, na tentativa de evitar que novos casos fatais venham ocorrer por conta da moléstia, conforme pode ser observado no recorte apresentado a seguir:

Dia 18.

Ao inspector de saude publica da provincia:-Constando-me que na cidade de Larangei-ras, e principalmente no povoado dos Pintos, acha-se (ilegível) uma molestia epidemica, que já tem apresentado alguns casos falaes, e con vindo que, antes que o mal se generalize por entre a população, tenha esta Presidencia por feito conhecimento tanto do seo caracter, como da marcha que vai tendo, o roceios que de-ve inspirar, cumpre que para este fim dirija-se v.m. logo e logo a referida cidade, e a qual-quer outro ponto de respectivo termo, onde o mal se tenha desenvolvido, e entregando-se mais minuciosos e accuradas averiguações trate de enviar-me uma fiel exposição, con-tendo não só as noticias e esclarecimentos que dezejo ter, mas ainda as medidas que se de-vem adoptar em ordem a combater o

²³ A Reforma: Órgão do Partido Liberal, 1887, n.29, p.04.

²⁴ Diario Official, 1895, n.06, p. 03.

²⁵ Correio Sergipense : Folha Official, Politica e Literaria, 1863, n.56, p.02.

²⁶ Em 1º de novembro, na residência de Alexandre José de Faro, era instalado o Clube Republicano e lançado os fundamentos do Partido Republicano de Sergipe, que teria como mestre intelectual Silvio Romero (NUNES, 2006, p.261).

²⁷ Correio Sergipense : Folha Official, Politica e Literaria, 1866, n.46, p.01.

²⁸ Correio Sergipense: Folha Official, Politica e Literaria, 1862, n.44, p.04.

mal em seo começo, e a soccorrer a população, se in-felismente o flagello a houver de fulminar.

Para este effeito convirá que v. m. se en- tenda com as commissões nomeadas para os dous districtos medicos d'aquella cidade, man-dando pôr em execução as medidas sanitarias constantes das inclusas instrucções naquillo que julgar applicavel, e authorisando-as a propôr por seo intermedio a esta Presidencia quaesquer outras medidas que v. m. enten-der mais consentaneas, deixando-lhes para este fim as convenientes direcções.

-Ao presidente e membros do 1º. districto medico da cidade de Laranjeiras.-Constan-do-me que nessa cidade, e no povoado dos Pintos se acha graçando uma molestia epide-mica, que já tem feito algumas victimas, e convindo que desde já se tome medidas ten-dentes a combater o mal antes que se gene-ralise por entre a população, tenho para este fim mandado seguir para ahi agora mesmo inspector de saude publica da provincia, visto ter recommendado a este funcionario que se entendesse com essa commissão afim de conjuntamente accordarem sobre o melhor meio e systhema de minorar a iutensidade do mal, e de prestar a população os soccorros de que carecer, se infelizmente for fulminada, espero dos distinctos membros da mesma com-missão que se não negarão a um serviço tão meritorio, e humanitario, e que antes envidarão todos os seos exforços para que em uma crise tão penivel .e. assustadora seos nomes s fação eternamente recommendaveis.

- Idention so presidente e membros da commissão do 2º. districto medico da mesma cidade. (Hemeroteca Digital Brasileira²⁹).

A doença não é efetivamente descrita, no entanto em edições anteriores e posteriores do *Correio Sergipense* haviam enunciados mostrando como minimizar os efeitos da febre amarela, iguais a transcrição feita abaixo, visto que nas edições posteriores não houve uma resposta ou cobrança adicional nem para o Presidente da Província, nem para o distrito médico de Laranjeiras. É certo que doenças relacionadas a saneamento, deveriam ser frequentes, devido às condições precárias a qual o povoado deveria contar, além disso os estilos de casa pouco arejadas, principalmente da população menos abastada, criaram condições favoráveis a enfermidades fúngicas, virais e bacterianas.

ESPECIFICO-CONTRA A FEBRE AMA- RELLA.

Logo que suffer-se o ataque da febro ap-lique-se um escalda-pés de agoa bem quente com mistura de vinagre e sal; depois dei-tem-se sinapismos de mostarda bastante fortes na barriga das pernas até empolar a pelle; to-me-se na mesma occasião chá mui quente de for de tilia com assucar, tendo o cuidado de abafar-se bem para promover a transpiração e d'ahi a 8 horas um purgante de oleo do ri-cino de 2 à 4 onças, conforme a fortaleza do doente:e: passadas que sejam 24 horas, deve-se usar igualmente de outro purgante de 1 à 2 onças, abstendo-se o enfermo de comida e be-bida de qualquer natureza que seja por espa-ço de 3 à 4 dias; podendo apenas fazer uzo do chá a cima indicado, quanto for preciso mesmo para satisfazer-lhe o appetito : "depois d'este periodo principiará então a alimentar-se com caldos mui fracos de gallinha, com fatias de pão torradas e chá preto durante 8 ou 10 dias; e d'ahi em diante observari gradualmen-te uma dieta regular até 40 dias.

Siga-se a risca a formula aconselhada, e.o restabelecimento da saude será prompto e certo.

O auctor d'esta receita lança sob palavra de honra que entre milhares de pessoas, que se utilizarão d'ella, como está determinado nem-nma sequer pereceo da febre amarella; e espora assim em Deos ter ainda uma vez o prazer de ver seo remedio,

²⁹ Correio Sergipense: Folha Official, Politica e Literaria, 1862, n 44, p.04.

aliás bem simples, produzir os resultados que são de desejar. (Hemeroteca Digital Brasileira³⁰).

Outro fator importante a ser pontuado, em relação a saúde pública era a feira livre, a qual citada por Bezerra (2012), como centro de atração de pessoas das redondezas, fazia com que o fluxo de pessoas no povoado durante os dias de domingo desenvolve não só uma troca de econômica e social, como também um ambiente de transmissão de doenças. Reiterando que dentro do imaginário ao qual se expõem até o momento o povoamento era ainda algo primitivo, desta forma, seria desprovido de muitas das ações sanitárias que se promoveram no século seguinte.

A feira, então, que ocorria aos domingos, como já demonstrado, teve seu papel como aglomerante, e sua importância não se restringia apenas na sua existência, para os moradores, a mudança do dia em decorrência a uma escolha da câmara municipal de Laranjeiras não agradou muito. A câmara de Laranjeiras imponha a mudança do dia da feira do domingo para as segundas-feiras³¹, em contraposição a população recorreu a discussões para a permanência desta feira aos domingos entra com ação na justiça civil.

A organização política do povoado com a busca por voz perante a câmara municipal da então sede administrativa de Laranjeiras, é algo que vai desaguar meses mais tarde na elevação desta como freguesia. Esta conquista delineou ainda mais os contornos urbanos do povoado quanto à cidade. No dia 01 de maio de 1872 que o processo de elevação a freguesia foi a discussão na Assembleia Provincial, através do projeto de nº52, como pode ser visto na ata, publicada no *Jornal do Aracaju*³²:

3.^a discussão do projeto n. 52 creando freguesia no povoado dos Pintos. O sar. vigario Menezes faz considerações contra o projecto e a favor o sar. Oliveira Ribeiro.

O sar. Silveira Britto offerece o seguinte substitutivo:
Substitutivo ao projecto. 52.

“A divisão da freguezia de N. S. da Conceição dos Pintos principiará da barra do rio Jacarecica; por este acima a barra do rio Dangra; por este acima da barra do rio Vermelho; por este acima sua nasçença na serra do alecrim; (Inelegível) seguirá pelo cimo das serras para serra grande de Itabaiana e desta á ganhar a estrada real que vem da mesma villa para a cidade de Laranjeiras; estrada abaixo á passagem do rio Cotinguiba no engenho Brejo; por este até o engenho Cambão de baixo; d’este ao sítio Campestre; d’abi ao engenho Tanque do Moura, deste ao porto do Engenho Massapê; d’ahi reacho abaixo ao rio Sergipe, por este acima a barra do rio Jacarecica, onde principia a divisão. Silveira Britto. L. Tavares.

Em discussão o projeto com o substitutivo falla o sar. vigario Menezes no sentido de ser ouvido o Prelado Diocesano sobre a alteração que se pretende pelo substitutivo apresentado. O sar. Oliveira Ribeiro falla em sentido contrario.

O sar. Coelho e Campos faz considerações sobre o projecto e o substitutivo.

Não havendo mais uem pedisse a palavra, são ambos postos a votos e aprovados.

³⁰ Correio Sergipense : Folha Oficial, Politica e Literaria, 1862, n 45, p.04.

³¹ Jornal do Aracaju, 1872, n.251, p.01.

³² Jornal do Aracaju, 1872, n.275, p.02.

O sar. presidente declara que na forma do art. 181 do regimento o substitutivo deve passar por uma discussão especial e por tanto ha de ser opportunamente dado para a ordem do dia.

2.^a discussão do projecto n. 27 de 1870. (Posturas da camara de Laranjeiras.) O sar. Coelho e Campos requer que se mande imprimir o projecto para ser distribuido pelos snrs. deputados.

E' approvado o requerimento.

Dada a hora o sar. presidente levanta a sessão designando para a ordem do dia seguinte:

1.^a parte - projetos, propostas etc.

2.^a parte - continuação da antecedente, 2.^a do projecto n. 30 e 3.^a dos de m. 14 e 29; discussão especial do projecto n. 52 e discussão de um parecer adiado. (Hemeroteca Digital Brasileira³³).

Na discussão, o corpo de avaliadores era composto por militares com patente de sargento, o que faz crer que a nomeação da cidade tenha origem por esses representantes, outro ponto a destacar era a falta de unanimidade quanto à aprovação do referido projeto. No entanto, o projeto virou lei no dia 06 de maio de 1872, sendo publicado no *Jornal do Aracaju*, na edição 283 de 19 de junho de 1872, lei n.946 - transcrita abaixo. A lei aprovada se distingue do projeto de nº52 a partir de algumas alterações no texto correspondente aos limites da agora, freguesia.

Lei n. 946.

DE 6 DE MAIO DE 1872.

Luiz Alvares d'Azevedo Macédo, ba charel-formado em sciencias juridicas e sociaes pela faculdade d'Olinda d presidente da provincia de Sergipe.

Faço saber que a assembléa le- gislativa provincial, decretou e eu sancionei a resolução seguinte:

Art. 1. Fica elevado á cathego-ria de freguezia o povoado de N. S. da Conceição dos Pintos, sob a in-vocação de N. S. da Conceição do Riachuelo. Art. 2. A nova freguezia terá a divisão seguinte:

Principiará da barra do rio Jaca- racica; por esta acima a barra do rio Dangra; d'esta à do rio Verme- tho; d'ahi à nascença d'este, na ser- ra do Alecrim; d'alti passará pelo cim das serras pela parte do sul, seguindo sempre a cordilheira e ser ra grande de Itabaiana; d'esta a ginliar a estrada real, que vai da villa deste nome para a cidade de Laranjeiras; d'ahi estrada abaixo á passagem do rio Cotinguiba, no engenho Brejo; por este até o enge- nho Cambio de baixo e d'elle ao si- tio Campestre; e d'ahi ao engenho Tanque do Moura, e d'este ao porto do engenho Massapé; d'ahi riacho abaixo ao rio Sergipe e por este aci- ma á barra do rio Jacaracica, onde principia a divisão.

Art. 3. Revogam-se as disposi- ções em contrario.

Mando, portanto, a todas as au- toridades à quem o conhecimento e execução da referida resolução portencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como n'ella se contem.

O secretario da provincia a faça imprimir, publicar e correr. Palacio do governo de Sergipe, em 6 de Maio de 1872, 51. da independencia e do Imperio.-(L. S.)-Luiz Alvares d'Azevedo Macedo. Sellada e publicada na secre- taria do governo de Sergipe, aos 6 dias do mez de Maio de 1872.

O secretario interino, Oséas d'Oliveira Cardoso. (Hemeroteca Digital Brasileira³⁴)

Com isso o até então povoado se tornou freguesia a partir do dia 06 de maio de 1872, com a aprovação da proposta, e assim o povoado de Nossa Senhora da Conceição dos

³³ Jornal do Aracaju, 1872, n.275, p. 02.

³⁴ Jornal do Aracaju, 1872, n.283, p.01.

Pintos, tornou-se a freguesia de Nossa Senhora do Riachuelo. O nome, Riachuelo surge aqui, segundo Bezerra (2012, p. 27), como homenagem à batalha Naval de Riachuelo, ocorrida em 1865 na Bacia do Prata, episódio que compunha a Guerra do Paraguai, travado entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai).

II

Um caso de prisão

É notório que a vitória obtida na batalha naval de Riachuelo aparece várias vezes nos jornais no final do século XIX, no *Jornal do Aracaju*, essa publicação se inicia na edição 287 segue pelas edições 289 e 292, as duas referentes ao ano de 1872. Nessas matérias existe um teor saudosista, onde se narra todo o ocorrido com alguns detalhes, como se fosse uma sessão de folhetim, com direito a expressões de orgulho pela conquista: “A batalha de Riachuelo, debaixo do ponto de vista exclusivamente militar, foi um dos maiores feitos navaes de que reza a história.”³⁵;

Trava-se, corpo a corpo, medonho combate ou antes horrorosa carnefcina, no meio do qual os denodados officiaes, negros de fumo cobertos de sangue, erguem-se como vulto homericos, com a espada em punho. Greenhalg, ainda criança, prosta com um tiro o official que ousara intimal-o para arrear a bandeira, mas cahe por sua vez aos golpes da horda que o cerca. Pedro Alfonso e Maia conquistam imperecedoura gloria para exereal que representam, batendo-se a ferro frio succumbindo depois de completamente mutilados. (Hemeroteca Digital Brasileira³⁶).

No apanhado geral sobre a toponímia da palavra Riachuelo, tem ainda uma narrativa poética na qual o nome da cidade se deu pela atribuição aos cursos d’água onde Riachuelo viria de “terra entre dois riachos”; Pela semântica a palavra vai estar atrelada ao significado de “riacho pequeno”, “curso d’água”, “arroio”, denominações que também não foge a geografia local, visto que o rio Sergipe, que corta a região, tem essa característica, como rio de baixo fluxo de água na maior parte do tempo, de certo seja no contexto militar, ou poético, ou semântico, não existe um consenso sobre como se deu a escolha do nome da cidade. Este que deixou seu nome de herança agrícola, ganhou ao mesmo tempo uma denominação de viés religioso e militar.

³⁵ Jornal do Aracaju, 1872, n.294, p.03.

³⁶ Jornal do Aracaju, 1872, n.292, p.03.

Quanto ao motivo religioso que carrega, não é só da segunda metade do século XIX que vem a tradição de culto a Maria, quanto à figura de Nossa Senhora da Conceição, ou Nossa Senhora do Rosário, ou do Amparo, ou da Ajuda, enfim. O culto à virgindade de Maria, vem desde a Contrarreforma no século XVI, com a formação dos primeiros padres veio a se expandir a devoção a Maria, como figura ligada à maternidade pela crença judaico-cristã, assim como a fertilidade pelas crenças pagãs (LÚZIO, 2016, p.300).

O culto à figura feminina de Maria se expressa também na freguesia através das construção de capelas rurais, como a exemplo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no Engenho Penha, posteriormente, a capela³⁷ de Sant'Ana, do Engenho Sant' Ana e mais tarde na reconstrução da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Outro exemplo da devoção a figura de Maria pode ser vista na celebração do mês mariano, este comemorado no mês de setembro como pode ser visto na transcrição de 1873:

Mez Marianno - A população da villa do Riachuelo, em cuja freguezia se acha collado o nosso distincto amigo e comprovinciano, padre Jesuino Telles Nogueira Cravo, teve a satisfação de assistir pela primeira vez na sua matriz, no mez passado, os festejos que durante o mesino se fazem na maior parte das parochias da diocese. e que são consagrados a Virgem nossa co-redemptora. Com toda a pompa e na altura devida, de conformida-le com os recursos de um logar ainda principiante, foram os mesmos realizados, e como fossem devidos aos esforços de seu intelligente e zeloso paracho, damos os nossos parabers a todos os seus habitantes, que no reverendo Jesuino Telles encontraran um verdadeiro director espiritual; saudando-os ainda pela inauguração de uma festividade das mais importantes do catholicismo. (Hemeroteca Digital Brasileira³⁸).

De certa forma, a figura de Maria representava o patriarcado, como uma figura submissa aos desígnios divinos, para CARDOSO (2000, p. 03) “[...] a devoção a Nossa Senhora foi usada, conscientemente ou não, para transmitir e reforçar para o povo uma imagem de mulher calada, submissa, passiva e resignada.”. Ou seja, era transmitido tanto às mulheres, quanto aos escravos e outros, de que a força dominadora naquele espaço era a de uma figura masculina, onde tudo deveria orbitar.

Entretanto, a identificação do lugar pela santa padroeira caiu em desuso quando o mesmo foi elevado à vila no ano de 1874, espanta-se a celeridade a qual se elevou a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Riachuelo Pintos em Vila do Riachuelo. O fato foi consumado no dia 31 de março de 1874 a Res. n. 964³⁹, estabelecendo os seguintes limites territoriais:

³⁷ A capela de Sant' Ana aparece em Dantas, como paróquia; “Riachuelo, antiga Paróquia de Santana, também se projetava, formando com Maroim o trio comercial [Laranjeiras, Riachuelo e Maruim] de importância da Cotinguiba.” (DANTAS, 1980, p. 20)

³⁸ Jornal do Aracaju, 1873, n.419, p. 02.

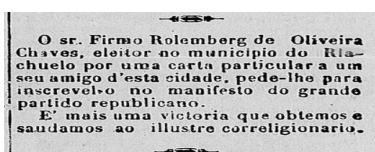
³⁹ Jornal do Aracaju, 1873, n. 471, p. 01.

Começarão na confluência dos rios Jacarecica e Sergipe. pelo qual subirá até o riacho Camboatá, pelo qual seguirá até a estrada real que vae de Santa Rosa ao engenho Cannabrava; dahi á serra do Alecrim correndo pelo pino da serra em direcção á serra -Grande de Itabaiana, e desta a encontrar a estrada real que vem da mesma villa para Laranjeiras, estrada abaixo até a passagem do rio Cotinguiba, no engenho Brejo; por este ao engenho Cambão de Baixo incluindo-o. e deste ao sitio Campestre; dahi ao engenho Tanque do Moura: deste ao pasto do engenho Massapé, riacho abaixo ao rio Sergipe, e por este acima até o Jacarecica. Com Itabaiana e Divina Pastora limita-se começando a linha na foz do rio Jacarecica, e subindo pelo rio Sergipe até a passagem do engenho Areia Branca, na estrada que leva o engenho Piedade Velha, o qual, com sua capella pertencerá a Divina Pastora: segue a estrada que conduz ao engenho Novo Oriente, a encontrar o mesmo rio Sergipe, donde continua até o marco que divide o engenho Meirelles com o Engenho Velho, e dahi leva rumo direito á foz do riacho Estiva no rio Dangra: por este até sua nascença na serra do Alecrim, donde seguirá pela serra do Capunga até a estrada da Borda da Matta, no riacho que conduz ao Janóca, e por este ao rio Sergipe. (Hemeroteca Digital Brasileira⁴⁰)

Direcionado a uma perspectiva política, a mudança no nome cai muito bem, pois a retirada do prefixo religioso, traz à tona as configurações políticas que se desenhavam no estado a partir dos movimentos republicanos. O novo nome gerava uma identificação ainda maior com os ideais nacionalistas, não que a exclusão do nome buscava acabar com o patriarcado, mas de mostrar força perante as questões abolicionistas e republicanas que pairavam no ar no mesmo período.

Um exemplo das movimentações republicanas na cidade e na província é demonstrado na **Figura 06** o pedido do Sr. Firmo Rollemberg Oliveira⁴¹ para inscrever-se no manifesto do partido republicano, atente-se ao jornal quando o mesmo destaca “eleitor”, para reforçar a ideia de parlamentarismo republicano, ideias muito presente em Laranjeiras e que respingar na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Riachuelo:

Figura 06 - Inscrição ao movimento republicano.



O sr. Firmo Rollemberg de Oliveira Chaves, eleitor no municipio do Riachuelo por uma carta particular a um seu amigo d'esta cidade, pede-lhe para inscrevelo no manifesto do grande partido republicano. E' mais uma victoria que obtemos e saudamos ao illustre correligionario.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira⁴².

Laranjeiras foi o berço de toda essa agitação, foi nessa localidade que em 18 de outubro de 1888 foi assinado o Manifesto Republicano de Sergipe e fundado o partido de mesma orientação política (FIGUEIREDO, 1986, p. 164). Porém, antes de ser criado o Clube Republicano Federal Laranjeirense, foi fundado nessa mesma cidade o Clube Democrático, que teve como diretor Balthazar de Araújo Góes (Redator do Jornal O

⁴⁰ Jornal do Aracaju, 1873, n. 471, p. 01.

⁴¹ O Republicano: órgão do partido republicano, 1888, n.05, p.03.

⁴² O Republicano: órgão do partido republicano, 1888, n.05, p.03.

Republicano, uma das grandes fontes deste trabalho). Essa organização existiu por curto prazo, enquanto estava ativo, suas principais atividades se concentraram na realização de conferências em prol de educar o povo e divulgar os novos pensamentos sociais voltados à constituição de uma república (GÓES, 1891, p. 69-70).

Além do furor pela introdução de novos ideários de sociedade e organização política, o convívio com escravidão era uma mazela social recorrente nos noticiários, a exemplo da fuga de escravos: “João, de propriedade do cidadão do Francisco Muniz, residente no Treme da freguezia do Riachuelo.⁴³”; “Idem, ao do Riachuelo, dizendo ficar na casa de prisão desta capital Reinaldo, escravo de Francisco Rabello Leite, que un Pedra Molle, matou a Manoel Thomaz.⁴⁴” Ou ainda quando há o noticiário o possível assassinato de um dono de engenho a mando de outro dono de engenho, crime executado por seu escravo⁴⁵.

Serà exacto?- Afli mains nos que o sr. Jose Correia de Brito empenhou se com um mo- ço proprietario para pedir ae promotor publico da comarca de Larangeiras, para não inque tir umas testemunhas sobre o facto da morte de Themlosio, praticada por seu celebre es- cra vo Fiel. Serà isto exacto?

Si assuun è. porque motivo teme o sr. Juse Correia a pre- sença dessas testemunhas?

Pois a sea influencia de Senhor de engenho já não cumprou Lestemonnas falsas para jurarem em juisu, que Theodosio fora assassinado por um tal Balmiro a mandado da pobre Assis? Não encontroo jais seu com padre, que assistisse ao depor mento desses automatoss vendidos, sem ao menos inflingir-lhes as penas da lei?

Porque teme qus o prome- tor publico inquiras essas teste- munhas?

Ora, sr. Juso Correia, um homem que empresta negro pa- ra espancar um cidadão, que nunca u offendeu, e somente pa- ra satisfazer cap:chos estalios de ricos a quem bajula, nã deve temer,, quo testemunhos digam a verdade com relação au assassino de Theodozio.

E' isto uma covardia, e um seabor de engenho de sua bito- la não deve recuar ante essas Crisilas, que não abalam o razão empedernido de uma fi. gura tão bonita como a sua Tenha corágom; Deixe o pro- motor cumprir o seu dever. Isto & favor que não se pede, por. que nelle vai a propria dignida de do órgão da justiça publica. Quer affronta o mais, deve ser atrevido para o menos.

E' maíto conveniente que o ill. dr. juis de direito da co- smarca de Larangeiras lance suas benevolas vistas sobre es. -se escandalo, que se está dando no termo do Riachuelo, para i que a justiça publica não seja rembaída por esses caricatos arrastada pelos cabelios por es- sas figuras rachiticas e ridiculas. Confiamos muito no criterio e justiça du illa, sr. dr. Costa Ramos. (Hemeroteca Digital Brasileira⁴⁶).

Essas notícias trazem consigo uma imagem de que o aglomerado se construía em meio a um ambiente de violências, pois nos períodos compreendidos entre as décadas de 1870 e 1880 as notícias que se destacam são relacionadas à violência. Essa violência materilizada em assassinatos, brigas, roubos, nas mais diversas esferas, como demonstra o

⁴³ Jornal do Aracaju, 1877, n.794, p.01.

⁴⁴ A Provincia: Folha Política, Commercial e Agricola, 1883, n.10, p.01

⁴⁵ O Guarany, 1883, n.33, p.03.

⁴⁶ O Guarany (SE) - 1883, Ano 05, Edição 33, p. 03/04

caso a seguir, o qual a própria força legal de repressão a violência, tortura um cidadão cruelmente em espaço público⁴⁷.

Uma selvageria

Escreveram-nos do Riachuelo em data de 20 do corrente:

No dia 16 por uma simples queixa sem fundamento de uma das figuras de um reisado o 3º. suplente de delegado de polícia prendeu sem culpa formada ao cidadão Felix, caboclo do reisado, mandando arrochar-lhe a cabeça com uma corda com tanta brutalidade que quebrou-se a corda; depois mandou torcer as orelhas com alicates, em seguida crucificando-o em duas varas onde foram estiradas as mãos e os pés atados, sendo por último algemado e preso no tronco sem poder receber alimentos. O tal suplente respondia aos gritos da população indignada que pedia misericórdia, com refadas no infeliz Felix que padecia innocentemente.

Os soldados algumas vezes recusavam em cumprir estas ordens e aconselhavam ao delegado moderação, a exceção de um nome Etelvino que foi o carrasco.

No dia 18 o cidadão Meneses, fazendeiro do município, sendo sabedor do ocorrido requereu habeas-corpus, sendo posta em liberdade a vítima.

Depois de executado o cidadão Felix, foi executado outro que sofreu os mesmos castigos a exceção do arrocho na cabeça; mas em compensação foi amarrado pelo pescoço seguindo assim para o quartel depois de passar pelas ruas da villa.

Eis uma autoridade amiga da ordem e que merece sem contestação o premio de uma demissão e mais alguma cousa que a faça lembrar pelos tempos adiante que os castigos corpóreos estão abolidos até no exercito e armada.

O castigo, esperamos, não se fará demorar para este deshumano.

O trecho da carta que trans- crevemos é de pessoa que nos merece certo credito. (Hemeroteca Digital Brasileira⁴⁸).

A violência, na sociedade Riachuelense do século XIX, pode ser encarada como parte da formação social, a qual René Girard (1988, apud MARCONDES FILHO, 2001, p.21), diz que “toda sociedade se instaura sob a base de uma violência fundadora”. Para Marcondes Filho (2001, p.21), no Brasil “a violência fundadora assente-se $\frac{3}{4}$ do ponto de vista histórico $\frac{3}{4}$ sobre uma cultura tradicionalmente herdada, com raízes na sociedade escravocrata”; Essa afirmação se explica pelo tipo de colonização que aqui se instalou, bem como as práticas exercidas pela exploração do trabalho e conquista de terras, bem como a transposição de herança colonizadora rural para o ambiente urbano.

Para Han (2017), a violência muitas vezes se manifesta em decorrência do sistema, “assim, as formas de violência manifestas e expressas se referem às estruturas implícitas que estabelecem e estabilizam uma ordem de domínio” (HAN, 2017, p. 159), reafirmando o que já foi dito antes por Marcondes Filho. Ou seja, a violência é um produto da estrutura social, indispensável para manutenção desta, a modo que a violência torna-se uma “linguagem organizadora”, a qual Marcondes Filho (2001, p.22) afirma: “Ela organiza as relações de poder, de território, de autodefesa, de inclusão e exclusão e institui-se como único

⁴⁷ Gazeta de Sergipe: Folha Diaria , 1890, n.18, p.02.

⁴⁸ Gazeta de Sergipe : Folha Diaria, 1890, n.18, p.02.

paradigma.” Sendo possível complementar com Han (2017, p.159): “as estruturas edificadas e implícitas no sistema social fazem com que persistam os estados de injustiça; estabelecem e descrevem as relações de poder desiguais, sem se revelarem como tais.”

Assim sendo, a violência pode ser entendida também como máscara a problemas sociais mais sérios, como a fome, a exploração do trabalho, a falta de condições básicas entre outros entraves sociais. No entanto como não é possível expressar com exatidão essas outras vivências veladas pela violência, cabe apenas trazer a existência de um mecanismo de força pública organizado, quando é noticiado no *Jornal do Aracaju*, um conflito em meio a feira, onde foram deferidos entre cinco a seis facadas pelo credor,⁴⁹ o agressor recebe voz de prisão e acaba fugindo para a casa de Francisco Muniz Barreto⁵⁰, onde o caso é encerrado. A violência chegava a tal ponto, que o próprio juiz da freguesia foi obrigado a se retirar da vila:

“O SR. BARÃO DA ESTANCIA: A comarca do Riachuelo tem sido o theatro de desordens: taes que o proprio juiz de direito, que é conservador, viu-se forçado a mudar a sua residencia da séde da comarca para o outro termo, por ser alli ameaçado de morte por um desordeiro que pertorba a tranquillidade do logar, contando com o apoio da policia, como se le neste pequeno artigo d'A Reforma do Aracajú, n. 16, para o qual chamo a attenção do governo. (Hemeroteca Digital Brasileira⁵¹).

Este recorte se refere a um conflito que ocorreu por conta de uma vingança envolvendo dois senhores, um deles não encontrando seu alvo, dispara três tiros contra a companheira do irmão deste. Não satisfeito vai a casa de um outro “inimigo”, e dispara mais três tiros, ainda não satisfeito visualiza seu primeiro alvo e dispara mais três tiros, esses se esgotam de forma a alegrar seus outros inimigos, como se faz comentar de forma irônica o escritor.⁵² Além do sentimento de insegurança, existia outro sentimento expresso no jornal *A Reforma*, a impunidade, como pode ser visto nestes dois casos, tratando-se da soltura de criminosos após crime de assassinato, o primeiro do Sr. Luiz Freire e o segundo do Sr. João Rodrigues:

Um facto de alta gravidade e que mereceria severa punição, se da parte das autoridades desta provincia houvesse circumspecção, acaba de dar-se na villa de Itabaiana.

E' elle um arremedo do que praticaram o sr. Luiz Freire, deputado geral, o delegado de policia e outros na villa do Riachuelo.

Tendo sido submettido á julgamento por crime de tentativa de morte o réu João Rodrigues, por força da grande protecção que lhe dispensam os con e servadores, foi absolvido. O dr. juiz -de direito, que é uma garantia na s quella villa, na fórmula de lei, appellan os da sentença, ficando preso o réu. Na noite do dia. 23 (vespera

⁴⁹ Jornal do Aracaju, 1872, n.260, p.02.

⁵⁰ Francisco Muniz Barreto, era dono do engenho Treme, sendo intendente do município de Riachuelo entre 1903 e 1904, como poderá ser visto no decorrer do texto.

⁵¹ A Reforma: Orgão do Partido Liberal, 1887, n.31, p.03.

⁵² A Reforma: Orgão do Partido Liberal, 1887, n.14, p.02.

de natal), porém, a população da villa viu escandalizada o referido réu passear garantido pela policia, desfarçado com o fardamento de uma das praças e com o competente refle ao lado. (Hemeroteca Digital Brasileira⁵³).

Tendo sido submettido á julgamento por crime de tentativa de morte o réu João Rodrigues, por força da grande protecção que lhe dispensam os conservadores, foi absolvido. O dr. juiz de direito, que é uma garantia haquella villa, na fórmula da lei, appellou da sentença, ficando preso o réu. Na noite do dia 23 (vespera de natal), porém, a população da villa viu escandalizada o referido réu passear garantido pela policia, desfarçado com o fardamento de uma das praças e com o competente refle ao lado [...]

[...] A impunidade dos muitos crimes perpetrados em diversos pontos da provincia por figurões autorisam a pratica de outros, como este, de alta gravidade. (Hemeroteca Digital Brasileira⁵⁴).

Esse cenário da “cidade sem lei”, transmitido pelo jornal *A Reforma*, é algo recorrente, este tinha como redator Gumersindo Bessa. O qual denunciava que o governo provincial concedia liberdade a presos que tinham proximidade com pessoas ligadas ao governo. O clima no jornal chega a ser muito claro quanto ao posicionamento contrário do redator com o governo: “O que está immobilizando o braço da justiça do Riachuelo não já é uma disposição do direito, é uma sugestão do medo. O que val ao bacharel. Luiz Freire não é a sua prerrogativa de deputado, são os seus direitos de genro.”⁵⁵

Dessa forma o jornal *A Reforma*, vê em Riachuelo uma comarca na qual os criminosos poderiam ter aval das forças legais para ganhar liberdade. Ao longo desta redação o tom sensacionalista é presente, e a partir desse sensacionalismo se fazia um papel político quando este veicula os crimes cometidos pelo deputado do distrito, Pedro Menezes. O jornal toma para si um posicionamento de defesa até mesmo quando o deputado é absorvido, o jornal noticia a permanência deste na vila⁵⁶, demonstrando desta forma a inocência e brandura com a qual Pedro Menezes tomava perante os fatos do possível crime.

Apesar deste clima acalorado, o número de presos em Riachuelo aparenta ser pequeno, ao analisar a tabela publicado em 1877 (**Figura 07**), referente às capturas de presos entre 22 de maio e 31 de dezembro de 1876, o número de presos localizados em Riachuelo é muito pequeno, sendo o crime cometido pelo mesmo o de furto. Em Laranjeiras esse número também é pequeno, com apenas dois homicídios e uma deserção.

⁵³ A Reforma: Orgão do Partido Liberal, 1888, n.53, p.02.

⁵⁴ A Reforma: Orgão do Partido Liberal, 1887, n.31, p.03.

⁵⁵ A Reforma: Orgão do Partido Liberal, 1888, n.55, p.01.

⁵⁶ A Reforma: Orgão do Partido Liberal, 1887, n.36, p.04.

Figura 07 - Presos entre 22 de maio e 31 de dezembro de 1876.

Localidades onde foram presos	Crimes porque foram capturados																	TOTAL
	HOMICIDIO	TENTATIVA DE HOMICIDIO	INFANTICIDIO	FURTO DE GRAVES	OFFENSAS PHYSICAS	ROUBO	FURTO	ESTUPRO	DEFLORAMENTO	ENVENENAMENTO	USO DE ARMAS	INJURIAS	PERJURIO	FUGA DE PRESOS	ESTELLIONATO	DAMNO	DISECCAO	
Capital	1					2												3
Estancia	2	1		3	1	6	1					2		1				17
Maroim						6												6
N. S. das Dores					1		4		2			1						8
S. Amaro	3																	3
Aquidaban	2	1																3
Divina Pastora			1							1								2
Capella					1													2
Itabaiana	6	2		4		2	6					1		1				21
S. Christovam						1	1						1					3
Simão Dias				1			1										1	3
Riachão	1																	1
Riachuelo							1											1
Larangeiras	2																	2
Propriá	4	1		2											1	1		9
Itabaianinha	1							1			1							4
Campos							1											1
Somma	22	5	1	9	5	17	15	1	2	1	1	4	1	1	1	1	2	89

Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional.⁵⁷

O ambiente carcerário, foi tema atrelado ao relatório ao qual essa tabela foi apresentada, este descrito como “casas insalubres, verdadeiros focos de infecção, em que não são, nem podem ser observados os preceitos da sciencia penitenciaria.”⁵⁸, a preocupação do relatório não se restringia em falar apenas da questões físicas e morais da cadeias sergipanas, como também a preocupação com a reabilitação desses presos, analisando o sistema ineficaz adotado. O noticiário ainda aponta como a melhor estrutura da província se encontrava na capital, São Cristóvão, seguidas pelas as casas de prisão de Propriá, Lagarto, Capela, Itabaianinha, Vila Nova e de Estância.

Entre outras pontuações do relatório se direciona a escolha de pessoas para os cargos, onde se toma o seguinte tom: “O maior escrupulo tem presidido à escolha das autoridades policiais.” A estrutura punitiva da província logo era um espécie de cabide de indicações políticas atrelado a uma elite rural, com estrutura deficitária, onde em única casa de cadeia poderia encontrar até 200⁵⁹ pessoas nas piores situações sanitárias possíveis.

III

Da lavoura ao advogado

Nos primeiros séculos do processo urbanizatório de Riachuelo, não é notado nos jornais um interesse dos grandes donos de terra no desenvolvimento de qualquer tipo de

⁵⁷ Jornal do Aracaju, 1877, n.765, p.03.

⁵⁸ Jornal do Aracaju, 1877, n.765, p.03.

⁵⁹ Jornal do Aracaju, 1877, n. 765, p. 03.

organização urbana, interesse esse notado também no Brasil de modo geral, os aglomerados humanos e cidades eram tidos como ambientes insalubres, além disso a sociedade rural tinha “na sua estrutura e na sua população” pouco interesse para a vida pública (AZEVEDO, 1992, p. 159). Logo, a classe dominante se recolhia nas fazendas, enxergando a cidade como ambiente vulgar, até por volta do século XIX, quando a urbanização foi se tornando uma realidade, muito pelo papel político-administrativo e de modelagem das normativas sobre o espaço habitado. Além disso, o sistema começou a contribuir com outros setores da economia, inclusive na agricultura, é quando vai ser possível ver uma maior transformação no setor da urbanização, transformação essa já vinha sendo apreendida desde o século XVII, com o desenvolvimento do comércio e manufaturas, no entanto, essas mudanças estavam restritas apenas aos grandes núcleos urbanos do império. (REIS FILHO, 1968).

Em Riachuelo o processo de urbanização, que consiste na mudança dos aspectos rurais para aspectos urbanos, só vai vir a acontecer nos primeiros 30 anos do século XX, quando o processamento da cana-de-açúcar deixou de ser uma preocupação da maioria dos engenhos e a vida política passou a ser um novo campo de poder a ser explorado. Enquanto isso, em todo o século XIX, o território foi preenchido com engenhos, os quais Passos Subrinho (2000, pg. 58) contabiliza a existência de 35 unidades, isso por volta de 1875, mas Bezerra (2012, p.50-51) defende que esse número é ainda maior ao fazer um levantamento com cerca de 37 engenhos, cabe ressaltar que o tamanho de muitos desses estabelecimentos não passavam de engenhocas, entretanto essas estruturas foram de suma importância, visto que são os primeiros instrumentos de ocupação das terras mais tarde compreendidas como Riachuelo.

Destes é possível destacar alguns engenhos: Ângico, de propriedade do Major Agostinho José Ribeiro Guimarães; o Araçá, de José Vieira Dantas; Brejo, de João Baptista Oliveira Ribeiro; Bom Jardim, de Felipe José Menezes; Cágado, de Antônio Freire Mesquita; Carregosa, de João da Costa Santos; Escuta, de Dionízio Barreto Menezes; Espírito Santo, de José Francisco Menezes Sobral; Flor da Roda, do Coronel João Gonçalves Franco; o Jacu, de Vicente Francisco Mesquita; o Matta, de José Vieira Barreto; o Massapê, de Felipe Faro Motta; o Lyra, de Dr. Dionízio Eleutério Menezes; o Penha, de Joaquim Gonçalves Franco; o Porto dos Barcos, de Manoel Antônio Moraes; o Sant’Anna, de Dr. Rufino Oliveira Sampaio; o São Bento, de Anna Maria Lemos; o São José, de João Gonçalves Franco; o Tanque do Moura, de Felipe Faro Motta; o Tartaruga, de José Francisco Menezes Sobral; o Várzea, de Joaquim Leite Costa Belém; o Vasaringui, de

propriedade do Sr. João Barbosa de Oliveira. Além dos engenhos Buqueval, Carretão, Jacoca, Mangueira, Palmeira, Passagem, Quintas, Recurso, Santa Maria, São Paulo de Nestor, Tingui e Treme. (Bezerra, 2012, p.50).

A produção de açúcar em Sergipe é tardia em comparação a Pernambuco e Bahia, além disso a expansão dos engenhos por seu território só foi possível devido às estruturas de baixo custo da qual esses engenhos e engenhocas faziam parte. Alagoas, Paraíba e Sergipe foram centro de engenhos que mantiveram técnicas de produções tradicionais, assim como postergaram o trabalho escravo até o último momento. (PASSOS SUBRINHO, 2000, p. 203 - 208).

No entanto, a exploração da mão de obra escrava não foi um fator decisivo de derrocada desses pequenos engenhos, mas sim o fator tecnológico. A lavoura Sergipana era dramaticamente atrasada tecnologicamente, o problema central girava em torno da falta de alternativas para financiar investimentos tecnológicos da produção. Ao longo da segunda metade do século XIX, alguns Presidentes da Província de Sergipe, tentaram medidas para melhorar esse cenário, como: liberação de dinheiro, isenção de impostos, melhoramento em portos, criação de engenhos centrais e órgãos públicos destinados que auxiliassem a vida no campo. (NUNES, 2006, p.26-29).

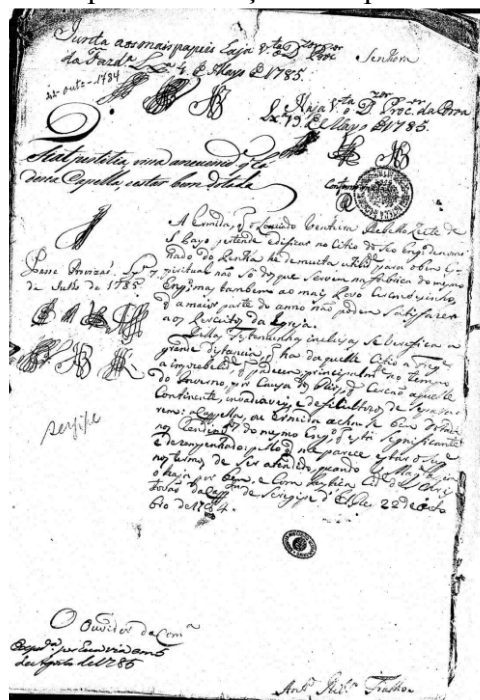
Essas medidas levaram o império a ganhar força e pudesse competir com os produtos estrangeiros, ao modo que o Brasil perdia mercado pelo açúcar cubano e o açúcar de beterraba europeu (NUNES, 2006, p.21-22). No final do século XIX, essas medidas eram sentidas em Riachuelo, ao fato que existiam nas suas imediações cerca de 31 engenhos segundo o governo Provincial⁶⁰, destes, 25 tinham motores a vapor e 6 ainda funcionavam a tração animal. Esse número tende a apresentar uma variação devido tanto à falta de definição dos limites do território entendido como Riachuelo, bem como ao desenvolvimento de outros núcleos pertencentes, tais como Malhador e Areia Branca.

Além disso, são escassas as fontes que ajudam a entender melhor o cenário do trabalhador no ambiente dessas unidades agrícolas de Riachuelo, em meio a isso, chama a atenção a vida patriarcal do Engenho Penha, um dos poucos na região a ter capela em sua estrutura, seguido apenas do Engenho Sant'Anna e mais tarde o Engenho Central. O pedido para construção da capela de Nossa Senhora da Conceição do Engenho Penha, é de 1784, o requerimento foi feito por Ventura Rabello Leite de Sampaio a rainha de Portugal, Dona Maria I (PINA NETO, 2018, p. 61), sendo as obras desta iniciada em 1795 e concluída

⁶⁰ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1900, n.035, p.30.

cinco anos mais tarde segundo Loureiro (1999, p.35), conforme documento apresentado na figura a seguir:

Figura 07 - Pedido para construção de capela no engenho Penha.



Fonte: Arquivo Ultramarino **apud** PINA NETO, 2018, p. 215.

Em meio a construção da capela em devoção a Nossa Senhora da Conceição, Ventura Rabello Leite⁶¹ de Sampaio morreu, como este era solteiro e não tinha filhos, a propriedade é assumida pelo seu sobrinho, José Matheos da Graça Leite Sampaio⁶², este recebeu as benfeitorias do engenho, inclusive a capela, a qual dá continua a construção até sua conclusão. A propriedade permaneceu com a mesma família até 1870, quando esta foi vendida ao Tenente-coronel João Gonçalves Franco.

⁶¹ Segundo Dantas, (1980, p.31) a família Rabelo Leite se instala no engenho Tartaruga vindos de Penedo, a família ganha destaque com o assassinato do Capitão Gonçalo Rabelo Leite, por volta de 1850, esse planejado por membros da família Cavalcante, de Itabaiana.

⁶² Em 1787, adquiriu do tenente-coronel José Luís Coelho e Campos, o engenho Sant'Anna, este tendo destaque no engenho a sua bela igreja construída pelo padre Manuel Carneiro de Sá que fundador da propriedade. José Matheos da Graça Leite Sampaio trabalhou arduamente pela Independência da capitania sergipana do poderosíssima capitania da Bahia. (Santos, 2019, p. 7-8, 14)

Figura 08 - Altar da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Engenho Penha, 1952.
Figura 09 - Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Engenho Penha, 1952.



Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A Capela do Engenho Penha destacava-se pela sua característica única de azulejaria em todo o seu interior. No centro, apresentava elementos florais e uma moldura com estilo marmorizado em tons azulados. No altar-mor, os azulejos estendiam-se desde o piso até o forro, exibindo desenhos geométricos e florais em tons de amarelo e azul, seguindo um padrão único e repetitivo. Pina Neto (2018, p.29), vai falar que a arquitetura das capelas de engenhos, juntamente com a casa grande foram os que mais receberam refinamento, sendo as capelas os prédios de maior evidência na paisagem rural sergipana. Assim como a casa grande, tais prédios tinham seu valor social hierárquico, o que fez com que muitas dessas estruturas atravessaram séculos, servindo de moradia e de devoção aos santos católicos.

As capelas ficavam situadas ao lado das casas grandes ou no ponto mais alto para representar a importância do sagrado. Além disso, eram os edifícios mais preponderantes dos engenhos, pois era neles que a “vida social do engenho em parte se realizava [...], que, assim como se prestavam para a demonstração de fé dos senhores de engenho em um determinado santo padroeiro, poderiam também revelar as posses desse mesmo senhor” (GOMES, 2006, p. 168).

Outro engenho que possui uma estrutura muito preservada é o engenho Moleque, vendido ao Dr. Dionysio Eleutherio de Menezes que, logo após a compra, substituiu o nome da propriedade para engenho Lyra. Em meados de 1869 até 1919, o Dr. Dionysio Eleutherio de Menezes esteve à frente do engenho, juntamente com a sua esposa Joanna de Menezes⁶³.

⁶³ Inteligente e de rara facilidade na enunciação do pensamento, o seu fino espírito de homem educado apurava-se no emprego dos termos mais delicados para exprimir-se com graça e elegância na sua variada conversação com as pessoas íntimas, como nas mais seletas reuniões. Jamais se utilizou da carta de formatura, nem desempenhou qualquer função pública em toda a sua longa existência, tendo preferido continuar a vida de

O dono do engenho Lyra, possuía vocação natural para as artes, instrumentos musicais e composições. Na época de estudante, produziu duas peças musicais conhecidas como: As cólicas de Sabbatinas e Escuta, Moleque.

Na época do Dr Dionysio Eleutherio, o engenho era constituído basicamente pela casa grande, a fábrica, a casa dos trabalhadores e a senzala. Essas construções formavam um retângulo, onde o centro possuía um grande pátio. Na casa grande, o dono tinha uma visão geral do que acontecia no engenho. Apesar de não ter uma capela, apresenta uma característica ímpar, cujo o dono Dr Dionysio Eleutherio (político e agricultor), construiu o seu “Panteon”, como era denominado por ele (SANTOS, 2015). Essa construção parecia atender às aspirações religiosas de Dionysio. Essa construção, foi feita para ser o seu lugar sagrado, onde repousaria com a esposa em um sono derradeiro, a sua finalidade era ser uma espécie de mausoléu dentro de seu engenho, algo completamente único na região.

No dia 4 de maio de 1914, às 20:00, Joanna de Menezes faleceu no engenho Lyra. Cinco anos depois, em 10 de julho de 1919, aos 91 anos de idade, Dionysio Eleutherio, esposo de Joanna, também veio a falecer. Como o casal não teve filhos, Joanna nomeou seu sobrinho, Dr. Mario de Menezes, como seu legítimo herdeiro, seguido pelo afilhado Antônio do Prado Franco. Assim, a administração do engenho passou para as mãos do Dr. Mario de Menezes. A herança de Joanna e Dionysio foi alvo de muitas disputas e conflitos, o que resultou em diversas idas à justiça devido aos confiscos realizados pelo Dr. Mario. Além disso, o engenho enfrentou incêndios e até mesmo a explosão de uma caldeira, felizmente sem causar ferimentos a ninguém. (SANTOS, 2015, p.69-74).

Esses dois engenhos descritos acima têm diferença na sua destinação ao longo dos anos, o primeiro tem suas atividades anexadas, mais tarde, pelo Engenho Central e sua centralidade não é favorável para a manutenção de suas estruturas, enquanto que o Engenho Lyra permaneceu como residência até a morte do Dr. Dionysio Eleutherio. O segundo, por uma localização próxima da sede da freguesia, teve suas atividades mantidas pelo dono, criando uma espécie de ambiente limite entre o urbano e o rural. A manutenção dessas

agricultor dos seus antepassados. Em atenção às antigas solicitações, apenas aceitou o cargo de juiz municipal suplente do termo de Laranjeiras para exercê-lo por muito pouco tempo. Sua natural vocação para as artes desviou-o da ciência que estudou, para dedicar-se, fora das horas do trabalho rural, ao exercício da mecânica nas suas oficinas montadas no próprio engenho, nas quais executou curiosas obras de arte, sobrelevando em perfeição as preparadas em torno. Predisposto o seu temperamento de artista a apaixonar-se pela música foi instrumentista e compositor. Seus instrumentos prediletos foram o violão e a flauta e da boa cópia de peças musicais que produziu, fazem parte as duas valsas intituladas As cólicas de sabatinas e Escuta, moleque, feitas no tempo de estudante. Quando aparecia na imprensa, assinava invariavelmente os seus artigos sempre escritos em estilo epistolar. Viajou pela Europa, tendo assistido em Paris a Exposição de 1867. Fez parte do extinto Comício Agrícola Sergipense, de que foi vice-presidente em 1871, e era sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. (GUARANÁ, 1925, 115-116).

estruturas foi sendo deixada de lado com a mudança da vida social para a cidade, bem como o desinteresse de seus herdeiros na vida bucólica das antigas estruturas rurais, mantendo no máximo as estruturas de apoio para o cultivo da cana-de-açúcar e/ou espaço de veraneio das famílias.

O Engenho Porto dos barcos, por exemplo, uma memória que muito chama a atenção, é o uso das instalações do engenho para veraneio o que foge da ideia de lugar de produção, morada fixa e de exploração agrícola, as residências dos engenhos também representavam a vivência de suas donos como local de descanso, como pode ser visto em trecho retirado de Dantas (1980, p.76), nesse trecho é possível ter uma noção de como era a vida das famílias nessas propriedades de engenho:

A casa erguia-se numa planície alta, onde ficavam o engenho, a senzala e o curral, numa vista maravilhosa a descortinar o rio Sergipe correr logo abaixo, sinuoso e forte, com os saveiros de vela solta correndo ao sopro dos ventos, as canoas vagarosas remadas por um prático e, em dias determinados, uma lanchinha a vapor transportando passageiros de Riachuelo para Aracaju.

Lúcio parava o carro para a descida de D. Neném e dos filhos à frente da casa-grande. Era uma área grande, onde as plantas colocadas em latas floriam, para a alegria da família. O desembarque era uma corrida de abraços e beijos saudosos, onde um riso de satisfação se multiplicava em todas as fisionomias. O sr. José Vieira, simples e bonitão, de barbas e bigodes longos, completando a cabeleira loura, não se parecia com o Comendador Dantas em nada. Vestindo roupa de brim e calçando chinelos, comunicava-se com a maior naturalidade. Era assim o seu feitio. D. Fausta, baixa e gorda, morena de cabelos pretos e toda risonha, derramava beijos à filha e netos com imenso carinho. Os olhos cheios de lágrimas de contentamento expressavam anseios de quem esperava aquele momento há muitos dias. As tias Dona Amélia (Iaiá) e Cristina eram uma casa cheia. Tocavam piano, pintavam, mantinham seus jardins sempre floridos, costuravam e faziam a alegria da casa-grande, bem diferente daquela solenidade de Vassouras. Meu pai, que não sabia rir, como dizia o avô José Vieira, mantinha um riso no canto da boca para amenizar a seriedade. Todos conviviam dentro de ambiente de plena liberdade, sem o menor constrangimento e com a espontaneidade própria do meio. Também com moças, meninos e flores a espalharem a fragrância dos jardins aos lados da casa, mais ainda o piano a tocar valsas vienenses, teria de resultar aquele ambiente descontraído e feliz em álcere paraíso tropical. (DANTAS, 1980, p. 76).

O E. Porto dos Barcos, pertencente aos Vieiras, residentes no município de Capela, tinham o engenho em Riachuelo como local de descanso e de contato com a natureza, como deixa claro o relato de Dantas (1980, p.80) “[...] eis um local de privilegiada beleza. Ali, a comunhão da natureza foi perfeita [...]; [...] o local mais agradável para umas férias prolongadas, onde se gozava da liberdade de andar de pés descalços [...]”. De um lado o que se tinha de beleza do engenho, existia ainda a manutenção deste como engenho, sendo mantido o trato com a lavoura e o processamento da cana-de-açúcar, como fica retratado: “apreciava-se o moleque tangendo o boi que puxava o couro carregado de bagaço [...]” “O

engenho ficava no alto do platô. Embaixo, havia um tanque de água para a alimentação da caldeira.” (DANTAS, 1980, p. 82).

Figura 10 - Casa-Grande do Engenho Porto dos Barcos, S/D.



Fonte: (DANTAS, 1980, p. 77).

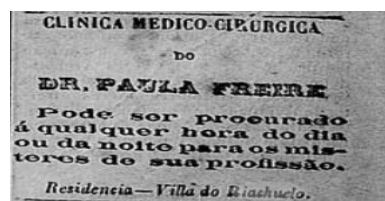
Como pode perceber na **Figura 10**, a propriedade do Engenho Porto dos Barcos apresentava uma estrutura simples, a estrutura da casa segue uma estética urbana, sem avarandado em seu entorno, com platibanda e segmentos de aberturas. Essa configuração estética indica que a construção é da virada do século XIX para o século XX, período em que as casas sofreram bastante modificação visto que a utilização de beirais remetia a uma ideia de atraso, essas modificações foram adotadas desde então nos centros urbanos, seguida de vários elementos decorativos feitos com argamassa que remetiam a florais, formalismos abarrocados, pilastras de inspiração clássica e composições geométricas (WEIMER, 2012).

Mas mesmo se vestindo de novidade, núcleos urbanos bem como os engenhos e fazendas em Sergipe eram precários, segundo Nunes (2006) essa precariedade era decorrente das atividades econômicas da vida colonial, essas caracterizadas pela pecuária e agricultura de subsistência. Além disso, o desenvolvimento destes núcleos urbanos no século XIX só foi possível pois, "tornar-se-iam polos de gravitação da região onde estavam localizadas, centralizando as atividades mercantis de exportação e importação impostas pela economia regional” Nunes (2006, p.219).

O ambiente de carácter urbano construído na então vila de Riachuelo vai muito além da violência e de uma economia rural, ao longo da pesquisa é crescente o número de

propagandas relacionadas a serviços ao longo da década de 1880, a exemplo da residência de médicos na vila, como o Dr. José Vieira da Costa Valente⁶⁴, o Dr. Paula Freire⁶⁵, este último ainda salienta que a possibilidade de atendimento a qualquer horário.

Figura 11 - Anúncio de médico na vila de Riachuelo, 1889.

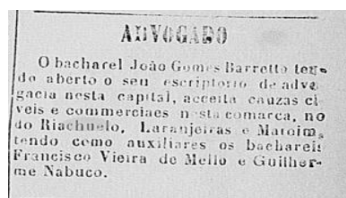


CLINICA MEDICO-CIRURGICA
DO
DR. PAULA FREIRE
Pode ser procurado á qualquer hora do dia ou da noite
para os mis-teres de sua profissão.
Residencia - Villa do Riachuelo.

Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁶⁶.

Já o Dr. Theodoreto Archanjo do Nascimento, prometia que o vinho produzido pelo pharmaceutico Virgílio do Valle Vianna, curaria o enjoo de mulheres grávidas evitando assim, o vômito e “*dyspepsias*”⁶⁷ ⁶⁸. Outros serviços noticiados são relacionados a produtos farmacêuticos, mudança de atendimento de sapateiro para a cidade, serviços de advocacia como mostrado abaixo, entre outros, estes sempre em pequenos anúncios. Com a virada do século, outros anúncios se juntam a esses, mostrando uma diversificação na oferta de produtos e serviços, como é o caso do fabricante de cofres, o Sr. André Ramos, que atendia em Riachuelo e na capital, Aracaju.

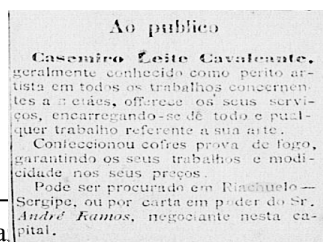
Figura 12 - Anúncio de advogado em Riachuelo, 1890.



ADVOGADO
O bacharel João Gomes Barretto ten-do aberto o sen
escriptorio de advocacia nesta capital, accents cauzas el
veis e commerciaes nesta comarca, no do Riachuelo,
Laranjeiras e Maroim, tendo como auxiliares os
bacharel: Francisco Vieira de Mello e Guilher-me
Nabuco.

Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁶⁹.

Figura 13 - Anúncio de fabricante de cofres, 1910.



Ao publico
Casemiro Leite Cavalcante, geralmente conhecido como perito ar-tista em todos os trabalhos concernen-tes a táes, offerece os seus servi-ços, encarregando-se de todo e qual- quer trabalho referente a sua arte.

⁶⁴ Ga 3.

⁶⁵ O Republicano: órgão do partido republicano, 1889, n.24, p.04.

⁶⁶ O Republicano: órgão do partido republicano, 1889, n.24, p.04.

⁶⁷ Dor ou desconforto na parte superior do abdômen.

⁶⁸ A Reforma: Orgão do Partido Liberal, 1889, n.118, p.04.

⁶⁹ O Republicano: Orgão do partido republicano, 1890, n.87, p.04.

Confeccionou cofres prova de fogo, garantindo os seus trabalhos e modicidade nos seus preços. Pode ser procurado em Riachuelo-Sergipe, ou por carta em poder do Sr. André Ramos, negociante nesta capital.

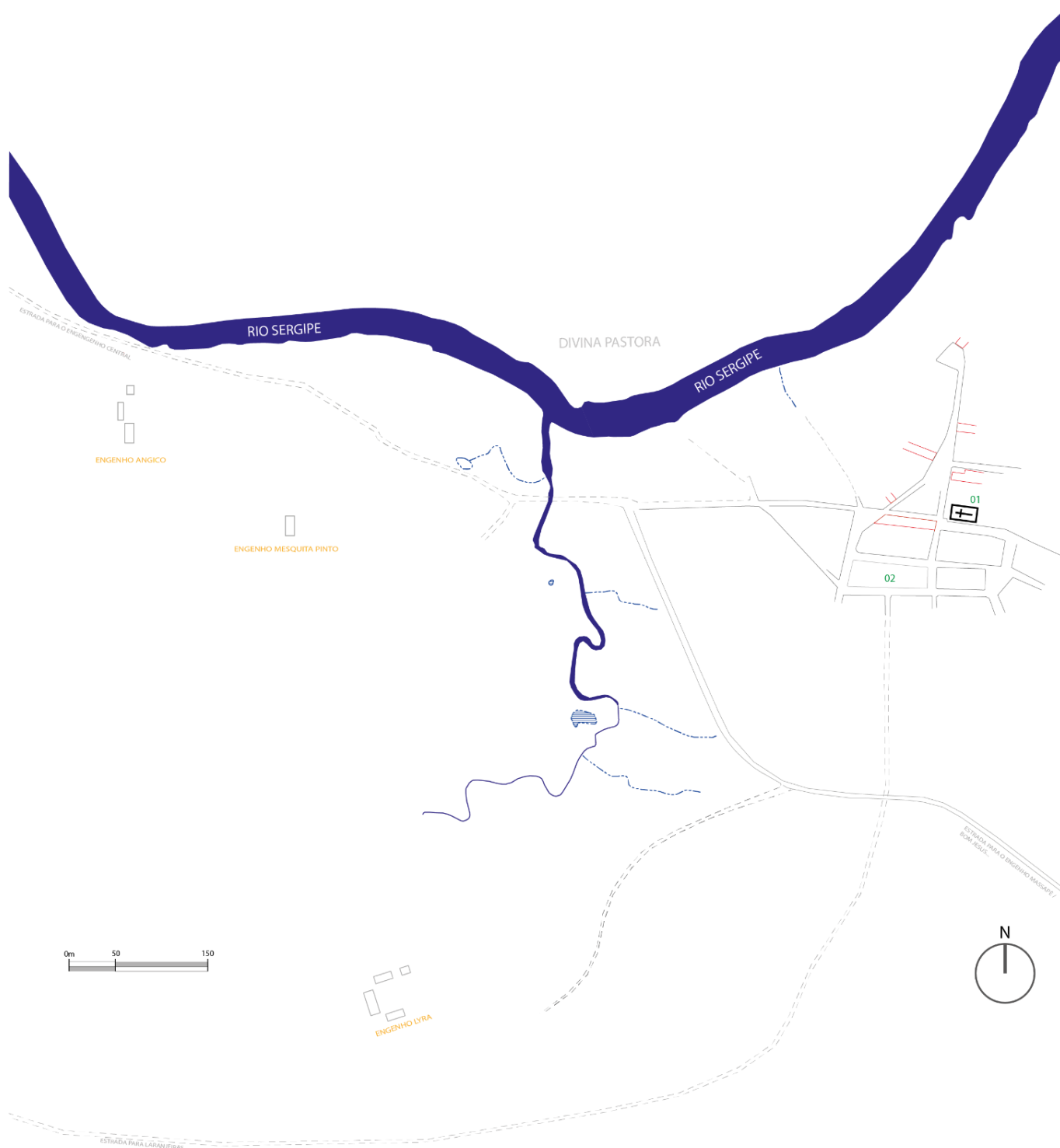
Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁷⁰

Outros serviços como os correios, em 1884, funcionava de forma improvisada, quem recebia os jornais e correspondência era o Sr. Manoel Antonio de Moraes em sua própria casa⁷¹ e esses seguiam para entrega daí, ao modo que não existia um prédio exclusivamente destinado aos correios na vila. Quanto à locomoção de pessoas e mercadorias, tem-se poucas informações, sabe-se que esta era feita tanto por rede terrestre e fluvial - este último através do porto no Sapé em uma região compreendida entre o Engenho Porto dos Barcos e Vassaringui. Segundo Almeida (1984, p. 229) “para se chegar a costa, pessoas ou produtos tinham que vencer toda sorte de dificuldades. Um centro de produção que não contasse com o curso de um rio navegável passava a dispor de formas de escoamento bastante precárias”.

⁷⁰ Folha de Sergipe: Orgam Republicano, 1910, n.334, p.03.

⁷¹ Echo Sergipano: Jornal Commercial, Noticioso, Agricola e Recreativo, 1884, n.04, p.04.

Figura 14 - Mapa ilustrativo com traçado das por volta de 1890.⁷²



Fonte: Elaboração própria a partir de mapa topográfico disponibilizado pela Prefeitura do Município de Riachuelo, (2023).

⁷² Mapa com traçado das ruas foi elaborado baseado na ocupação das quadras por edifícios públicos construídos em suas proximidades - Em destaque as casas dos coronéis, essas que ficam na região próxima a Igreja Matriz 1) Igreja Nossa Senhora da Conceição; 2) Praça da Feira.

- Parte II -

Uma pequena revolução Industrial

Na segunda metade do século XIX, Sergipe estava marcado por crises que afetaram diretamente a vida na província, entre estas podem ser citadas os surtos epidêmicos principalmente o de cólera-morbus, as secas periódicas, a instituição da república, entre outras. Em meio a isso o desenvolvimento urbano no estado era visto ainda como precário, mas mesmo assim estabeleceram pólos de gravitação regional onde era centralizada as questões mercantis de importação e exportação, essas por sua vez, derivada das economias regionais (NUNES, 2006, p.219).

Em Riachuelo essa característica tinha o Engenho Central como agente central na questões de importação e exportação, principalmente com a dinamização de sua produção, a partir da introdução da fabricação de álcool, motor e tecido. A cidade entrava aqui como palco dessas negociações econômicas, através do trapiche Santa Maria e instrumento político, o que saía dessas negociações eram pequenos negócios que ofertavam produtos e serviços para manutenção da vida na cidade.

Em relação ao desenvolvimento rural a região já despontava como produtora de açúcar; adentrando o século XX estavam em funcionamento cerca 50 engenhos, dos quais 48 de motor à vapor⁷³, destes apenas uma usina completa (Engenho Central Riachuelo), 14 meias usinas (Tôpo, Jericó, Sta. Clara, Cupertino, Saco, Caraíbas, S. Joaquim, S. José, Bismarck, Pati, Itaperoá, S. Carlos, Belém, Escurial), 19 engenhos com Wetzells e turbinas (Mercês, Cumbé, Várzea-Grande, Serra Negra, Vitória, Unha do Gato, Mato-Grosso, Pedras, Lombada, Vassouras, São Felix, Tabúa, Lira, São Luiz, Espírito Santo, S. Paulo, Quintas, São Estêvão e Boa-Luz) (DANTAS, 1944, p.27).

No entanto, o aumento da produção açucareira e o crescimento do número desses engenhos se dava por medidas tomadas ainda no império, mesmo assim esses engenhos careciam de modernização - Para isso, o Governo Imperial concedeu privilégios a várias pessoas interessadas em estabelecer companhias para a instalação de engenhos centrais. Em Sergipe, foram concedidos esses privilégios, juntamente com garantias de juros, ao Dr. Matos Barreto, proprietário do Engenho Contador, em Riachuelo, e ao Coronel João Gonçalves de Siqueira Maciel, dono do Engenho Jericó em Japaratuba. (DANTAS, 1944).

⁷³ Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1904, n.01, p.42.

Apesar do esforço, o plano de instalação de Engenhos Centrais em Sergipe fracassou, devido à falta de recursos financeiros para investir em capacidade industrial, muitos proprietários de engenhos não conseguiram enfrentar os desafios econômicos e sociais da época. Poucos foram os que conseguiram aproveitar essas vantagens, aqueles que conseguiram, empregaram os financiamentos em novos equipamentos para melhor aproveitamento da produção de açúcar, como demonstrado pelo Engenho Central, estes foram o Barão de Estância, dono do Engenho Escurial e José de Faro Rolemborg, proprietário do Engenho São Joaquim no município de Divina Pastora (DANTAS, 1944, p.26-27).

Não obstante, o Engenho Central teve papel fundamental nessa segunda parte da pesquisa, à medida que sua instalação impulsionou novas dinâmicas socioeconômicas, estas inclusive, responsáveis pela elevação da vila à cidade, como fica demonstrado na publicação do jornal *O Republicano*⁷⁴, edição 57 de 1890. Na questão política, segue uma formulação presente em todo o Estado de Sergipe, a qual aponta para a criação de uma política fundamentada nas relações familiares. Nesse período vamos ter uma política local liderada por Albano do Prado Pimentel Franco (Engenho São José do Pinheiro, Laranjeiras) e por Francisco Rabello Leite (Engenho Espírito Santo, Riachuelo) (BOMFIM, 2018, p.65).

Além disso, percebe-se que a freguesia foi se especializando e criando nichos de trabalhos de carácter urbano, como é o caso do farmacêutico: Cantidiano de J. de Oliveira; os pedreiros: Fausto Graça e Aristides de Araújo; os sapateiros: Francisco Paulino de Sant'Anna, Antonio Serapião Rodrigues e Simeão Barreto; professores públicos: Aristides da Cunha Bittencourt, Sabina de Almeida, Josepha Maria da Trindade Menezes, Emiliana Leopoldina Leite e Secundina de Oliveira Dantas; carpinteiro: Delphino de Menezes; alfaiate: José Joaquim da Fraga.⁷⁵

Ao passo em que a vila cresceu, novas dinâmicas foram sendo inseridas na trama urbana, surgiram novas necessidades que careceram de investimento público, necessidades que se materializam em investimentos em vários âmbitos urbanos, com maior força, na década de 1920. Sejam eles na correção em obras de necessidade municipal, a criação de abastecimento de água potável, o melhoramento e criação de estradas intermunicipais, além de aterro indispensável em algumas ruas da cidade.

Dito isto, esta parte da pesquisa vai se ater a traçar uma genealogia do Engenho Central, bem como a construção do ambiente urbano nas últimas décadas do século XIX e

⁷⁴ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.57, p.01

⁷⁵ Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial, 1903, n.A00060, p.1321.

por fim os mecanismos políticos que levaram a uma segunda fase de urbanização da cidade de Riachuelo, já nas primeiras décadas do século XX. Desta forma, procurando traçar uma narrativa entre a economia, a política e a cidade, de forma a entender suas dinâmicas e personagens que vão desaguar nos desdobramentos da instituição da república.

IV

A mecanização

Os Engenhos Centrais surgiram pelo interesse do Governo Imperial em modernizar a indústria do açúcar no país, a partir de meados do século XIX, com a concessão de privilégios para pessoas que quisessem se organizar em companhias e pudessem instalar usinas. Na edição n.56 do ano de 1882, é divulgado no jornal: *Sergipe: jornal dedicado à lavoura, commercio e melhoramentos geraes da provincia*, um edital para concessão de empréstimo para a instalação de até três Engenhos Centrais na província, estes direcionados para as cidades de Riachuelo, Maruim e São Cristóvão, como fica demonstrado abaixo:

Engenhos centrais. - Por decretos de 11 do expirante, foi concedida a garantia de juros de 6%, às companhias que se organizarem para o estabelecimento de um engenho central para o fabrico de assucar de canna em cada um dos municipios de Maroim, Riachuelo e S. Christeovam (a margen do Vasa-barris,) n'esta provincia. O capital garantido é de 300:000, para cada empreza.

São concessionarios da 1ª, o commendador Francisco de Panta Mayrink; da 2ª, o engenheiro Joaquim Machado Fagundes de Mello, e da 3ª, o engenheiro André Paturan e e Joaquim Candido Guimarães Junior.

E uma noticia que não pode deixar de causar viva satislação aos nossos comprovincianos, especialmente aos proprietarios d'aquelles municipios, pelos beneficios de que taes emprezas poderão advir-lhes.(Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional)⁷⁶

Dentre os três empreendimentos, apenas o Engenho Central em Riachuelo foi concretizado, mesmo debaixo de severas críticas, com o projeto do engenheiro Dr. José Maria Borges⁷⁷, a usina levantava a descrença por parte de grupos políticos, e da população quanto ao sucesso deste empreendimento de modernização agrícola. Assim, se faz o comentário do Conselheiro Dr. Jeronymo Sodré Pereira, o qual pede uma diminuição de impostos para a manutenção deste no território:

Muito de proposito não enumerei a concessão dos Engenhos Contraes, como medida auxiliar da lavoura do assucar, porque entre nós, em todo o imperio, funestos e contrarios têm sido os resultado. Em minha provincia lá estão abandonados, fallidos, estes collossos de fabricação de assucar, tendo dado, de mais, gravissimos prejuizos ac lavradores.

⁷⁶Sergipe: jornal dedicado aos interesses da lavoura, commercio e melhoramentos geraes da provincia, 1882, n.56, p.02.

⁷⁷ Gazeta da Tarde, 1887, n.06, p.02.

Creio que em outros lugares não mais felizes têm sido, mormente os que não são de iniciativa particular, e têm abusado, somente, da garantia de juros pelo Estado. Faço, no entanto, sinceros votos para que melhores destinos tenha o Engenho Central de Riachuelo, já aqui inaugurado, e que longe, bem longe vão minhas sinistras previsões, filhas, aliás, da propria experiencia. Se não soubesse das criticas e mesmo assustadoras circunstancias do erario provincial, eu vos lembraria a extinção do imposto de exportação sobre o assucar, mas na emergencia actual seria um crime: convem; porem, que permaneçam, e até com mais amplidão, as disposições orçamentarias que isentam as machinas de fabricação de assucar e instrumentos agricolas, e bem assim estendam-se taes medidas ás differentes especies de gado, que venham para a provincia com o fim de melhorar as raças, já tão abastardadas aqui e em quasi todos os lugares.(Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁷⁸)

O Engenho Central foi, então, instalado em 1886, numa região entre o Engenho Sant'Anna e o Engenho Penha, entrando em operação em 1888, sendo sua primeira safra regular entre 1889-1890. De propriedade da *Companhia Assucareira Parahyba-Sergipe*⁷⁹, o seu diferencial fica por conta do seu maquinário de origem holandesa, que se destacava dos maquinários de origem inglesa usados no resto do estado, além da criação de toda uma infraestrutura de comunicação ferroviária com engenhos vizinhos.

Na primeira safra regular, o engenho recebeu 42.2 toneladas de cana-de-açúcar para processamento, adquiridas por contrato com 14 engenhos locais, ao preço de sete réis por quilo. A capacidade de processamento da usina era de aproximadamente 200 toneladas em 24 horas. Em 1896 produziu 40.000 sacos de açúcar de 60 quilos e 576.000 litros de aguardente e processou 29.000 toneladas de cana de açúcar. Posteriormente aumentou a sua capacidade para 400 toneladas, melhorando a sua produção com novos e aperfeiçoados maquinários.

A proposta dos engenhos centrais seguia uma lógica de dividir e otimizar a linha de produção do açúcar, na qual a companhia tinha todo o trabalho de processar e vender o produto final, enquanto os engenhos se concentravam simplesmente em plantar e colher a cana-de-açúcar. Ou seja, um pensamento industrial, que de um lado facilitaria uma vida urbana para os herdeiros dos engenhos e para outro fortaleceria a cultura de açúcar na região, devido a concentração deste produto a uma única companhia, como fica demonstrado neste trecho:

Além dos grandes e aperfeiçoados aparelhos de pressão e fabricação, possui o engenho uma fabrica connexa de aguardente e alcool, uma ferrovia de um metro de bitola, desenvolvendo-se por uns 22 kilometros, ponte de embarque e desembarque, uma fazenda, resultante da fusão de tres grandes engenhos, grande material rodante, e, no valor englobado de cerca de dois mil contos de réis. (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁸⁰).

⁷⁸ A Reforma: Órgão do Partido Liberal, 1889, n.159, p.01.

⁷⁹ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1900, n.01, p. 29

⁸⁰ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1897, n.01, p. 29.

A realidade dos engenhos presentes no território de Riachuelo não possibilitaria a aquisição de determinados maquinários, logo essa modernização, era impossível aos engenhos “banguês” devido o alto valor de investimento, sendo essa modernização suprida através do Engenho Central. Desacreditado inicialmente pelos investidores locais, o engenho Central, logo demonstrou força, e se tornando já nas primeiras décadas um destaque regional, quanto ao processamento de açúcar. Na **Figura 15** abaixo é possível ter a noção do tamanho deste equipamento, apresentando seis caldeiras todas de grande porte movidas a vapor, além de vários troncos de madeira disposto de forma desordenada por todo o ambiente:

Figura 15 - Interior do Engenho Central, setor das caldeiras, final do século XIX.



Fonte: Arquivo Particular de Antonio Martins Bezerra.

Existia assim um robusto aparato industrial, onde a força motriz era obtida através da queima de madeiras extraídas dos arredores e ou regiões vizinhas, imagina-se que a queima desse material bem como a dos canaviais tenha gerado vários tipos de poluição ambiental, mas os jornal *O Republicano*, n.38 de 1891, alerta apenas para a liberação de rejeitos no rio. Os rejeitos da produção eram compostos de uma calda denominada vinhaça que apresentava odor forte despejado no rio Sergipe e chega a afetar até mesmo cidades como Divina Pastora, essa que tem seu relevo bastante elevado em relação à fábrica.

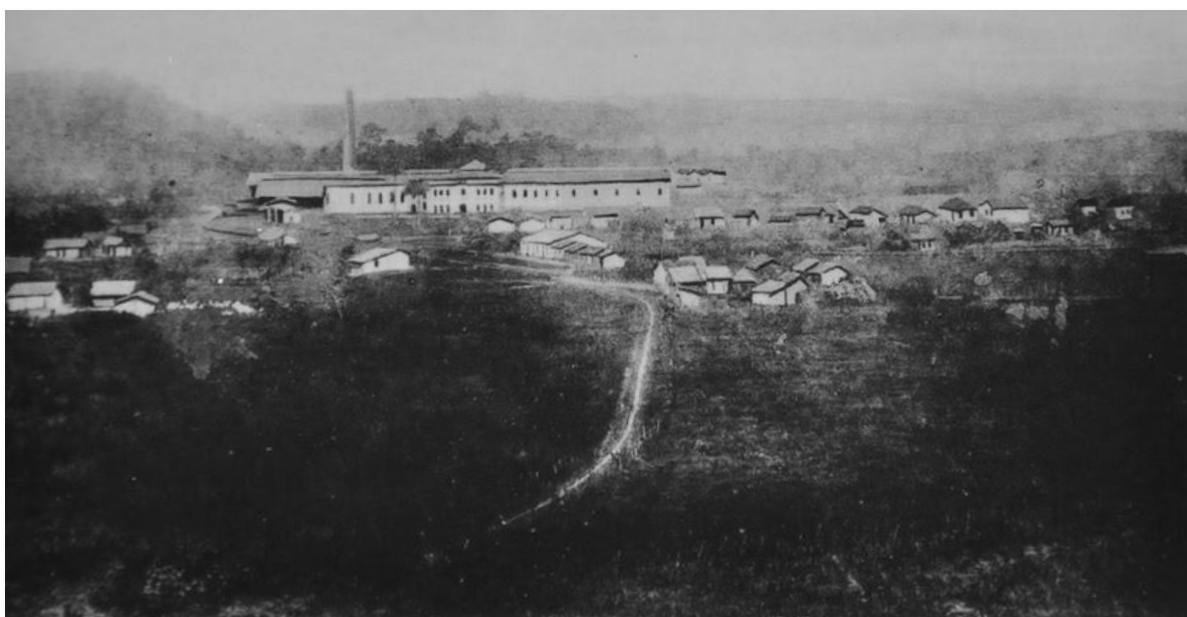
O volume de material processado no Engenho Central era vultoso e se deu pela centralização da produção dos seguintes engenhos⁸¹: Araçá, Mangueira, Escuta, Lyra,

⁸¹Listagem citada em Bezerra (2012, p.63), aparecendo também em: Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe (SE) - 1933 (página 357, fonte Biblioteca Nacional), as fazendas: Jesus Maria José, São José, Mangueira,, Quintas, Matta, Piedade, Carretão, Escuta, São Felix, Cantandouro, Penha e Várzea, pertenciam ao engenho Central, o que indica que a comunicação por via férrea era feita nos engenhos de propriedade própria e nos que cortavam ou margeavam esses ramais.

Vazaringui, Sapé, Cantadouro, Matta, Quintas, Jesus Maria José e outros - sendo o transporte dessa produção feita por locomotivas, que transportavam tanto a cana de açúcar, quanto lenha e trabalhadores que moravam nas imediações desses engenhos, assim como na zona urbana, por onde também se passava uma das linhas das quatro linhas férreas.

Na **Figura 16** é possível ver o Engenho Central em um dos seus primeiros anos de funcionamento, Instalada paralela ao rio, que passava por detrás do prédio, teve seu entorno ocupado de forma desordenada, com um conjunto de casas pequenas.

Figura 16 - Engenho Central, final do século XIX.



Fonte: Arquivo particular de Antonio Martins Bezerra

As casas eram concedidas aos trabalhadores do engenho, e, diferentes das senzalas tinham uma nova conotação, conforme o relato de Blay (1985), a Vila Operária, ou casa na vila operária, constitui o elemento mediador entre a venda da força de trabalho e o respectivo preço que deveria ser pago por esta força. Neste sentido, quando a casa era ofertada ao trabalhador ela passava a interferir nas relações de produção, uma vez que passou a oferecer uma relação de troca, onde a concessão da casa pudesse ser vista como mercadoria.

Essa “nova” estrutura, se assemelha muito ao engenho nos moldes coloniais, trazia consigo uma reestruturação do poder, com modificação do trabalho, que agora era assalariado e racionalizado a partir de uma divisão de tarefas. A remuneração desses operários era equivalente à de um trabalhador do campo, segundo Dantas (1944, p.49-50), e

pouco contribuíram na melhoria no “standard” da vida do trabalhador. Logo, a cidade e seus aglomerados anexos se constitui de uma população que mal tinha remuneração para alimentação, vivia de modo precário e diante disso tinha que recorrer ao campo como forma de subsistência, essa relação fica ainda mais cristalina quando Dantas (1944, p.51) expõe as despesas semanais de um trabalhador do campo em Sergipe, este que trabalhava no Engenho Vassouras, localizado em Santa Rosa de Lima, em outubro de 1943, seu nome: Cicero Liborio:

CICERO LIBORIO - trabalhador do campo ganhando \$ 28,00 por semana. Casado, com três filhos. A sua despesa semanal é a seguinte:

Cr. \$	
2 ½ quilos de carne fresca de boi.....	8,50
½ quilo de carne de porco	3,00
15 litros de farinha	9,00
1 quilo de açúcar	1,40
2 ½ litros de feijão	1,80
1 ½ quilos de fubá de milho	1,60
½ garrafa de querosene	0,60
½ quilo de sabão	1,20
pão	1,20
tempêro	0,60
fosfóro e fumo	0,50
No total	29,40

A alimentação do trabalhador é básica e insuficiente, não há nessa lista qualquer outra despesa, como vestimentas, manutenção residencial, locomoção, e afins; o salário mal cobria as despesas da alimentação. A diferença de quem vai ocupar a cidade não é contrastante com a do campo, o trabalhador do campo era algo hereditário mesmo após a abolição da escravatura, não existia uma outra perspectiva a não ser seguir os caminhos dos pais, ainda mais com o estabelecimento de uma sistema de cobrança por serviços entre o empregador e o empregado, Dantas (1944) retrata:

Predomina em Sergipe o salário por produção, que varia entre quatro e sete cruzeiros por dia. Nas épocas das safras e entre-safras a média de trabalho diário é de onze e seis horas, respectivamente, para um mesmo sa-lário, e, em cinco e três dias, por semana. O restante do tempo emprega o nosso trabalhador nas suas roças de mandioca, que o senhor de engenho permite seja feita em suas terras, com a obrigação lhe prestar serviços. A necessidade de auxiliar aos pais, no suprimento da casa e no próprio ves-tuário, obriga o filho do nosso trabalhador agrícola, a não freqüentar as escolas, geralmente distantes de suas casas, e a iniciar o seu trabalho como assalariado, aos oito anos, chamando boi de arado, semeando cana, pastoreando gado, carregando água, e outros serviços leves do engenho, percebendo diária de um a dois cruzeiros. Aos doze anos, mais desenvolvidos no trabalho, vão para o cito arrastar a enxada e chamar boi de carroça, no transporte de cana e lenha, ganhando por dia dois a quatro cruzeiros. Aos de-zoito anos, são, na sua plenitude, os trabalhadores da nossa riqueza agrícola. As mulheres pouco serviço prestam nos engenhos, salvo nas épocas do plan-tio da cana, e na safra, juntando olho de cana, para a alimentação dos bois de brocha, e o tempo que lhes sobra dos

afazeres da casa, é empregado nas roças dos companheiros ou em pescar nos rios (DANTAS, 1944, p.49).

Mas uma coisa é certa na construção da cultura do açúcar em Riachuelo, o Engenho Central significou uma peça importante no sistema de construção e dominação urbana. Sua produção seguia uma estabilidade, visto que o percentual de aproveitamento da cana de açúcar era algo louvado na província e fora dela. Na **Figura 17** é possível ter noção da movimentação das safras entre 1891 a 1898, percebe-se o crescimento tímido, mas representativo da produção.

Figura 17 - Quadro demonstrativo de movimento no Engenho Central, 1890.

Quadro demonstrativo do movimento do Engenho Central do Riachuelo, nas safras de 1891 a 1898					
SAFRA	CANNAS	ASSUCAR	AGUARDENTE	RENFA BRUTA	RENDA LIQUIDA
1891-1892	k. 15.783.937	k. 1.225.380	l. 387.460	465:275\$000	183:320\$000
1892-1893	— 17.881.510	— 1.331.165	— 367.200	806:805\$000	353:850\$000
1893-1894	— 21.967.891	— 1.185.320	— 455.520	1.017:428\$000	303:850\$000
1894-1895	— 25.492.900	— 2.074.000	— 360.880	962:430\$943	102:343\$939
1895-1896	— 28.233.245	— 2.345.700	— 372.960	1.189:632\$536	495:760\$000
1896-1897	— 20.015.390	— 1.837.620	— 173.760	845:399\$000	438:751\$980
1897-1898	— 44.012.617	— 3.803.700	— 422.521	2.135:666\$000	781:701\$000

Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁸².

Em pouco mais de uma década de funcionamento o Engenho Central precisou passar por reformas para melhoramento de seu maquinário visando aumento da produção, aumentando seu o poder de processamento de seus aparelhos de pressão e fabricação. Além disso, aperfeiçoando sua fábrica anexa de aguardente e álcool que em 1900 somava um valor global de cerca de dois mil contos de réis⁸³. Desta forma foi anunciada pelo governo à assembleia a seguinte mensagem sobre as melhorias a serem feitas:

A Companhia Assucareira-Parabyba-Sergipe, no intuito de aproveitar toda a zona assucareira que num raio de oito kilometros cerca o engenho central do Riachuelo e de extrahir da canna maior porcentagem de assucar, está reformando aquela usina, dotando-a de aparelhos mais aperfeiçoados e de capacidade dupla dos existentes.

Algumas outras usinas estão sendo melhoradas concurrentemente com o aperfeiçoamento dos trabalhos da lavoura por meio de bombas de irrigação e aparelhos para amanho da terra.

Os agricultores do valle do Vasa-Barris, Coronel Felisbello Freire e Adolpho Rollemberg, foram os primeiros e até agora os unicos, que têm applicado as bombas de irrigação nos campos da lavoura, com o que têm tirado vantagens muito compensadoras.

Os baixos preços do alcool desanimaram a sua fabricação, applicando-se, em ultimo recurso, o melaço como combustível de grande força calorifica, como se verificou no engenho central do Riachuelo e na usina Santa Clara, de propriedade do Dr. Thomaz Rodrigues da Cruz.

⁸² Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1890, n.01, p.29.

⁸³ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1890, n.01, p.29.

Felizmente, e já com bom exito, está se applicando o alcool para illuminação, o que necessariamente aumentará o seu consumo, valorisando a industria saccharina.” (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁸⁴)

Após a reforma, o engenho passou a contar com um processo de extração composto por três moendas, de três cilindros, com embebição, cada cilindro acionado por uma máquina com potência de oitenta cavalos. Os maquinários são descritos nas mensagem ao governador para a assembleia como:

[...] uma bateria de sete geradores de vapor, systema Cail, tubulares e de dois ferveedores, com uma area total de aquecimento de 1,070 metros quadrados, uma machina de alimentação d'água aos geradores de vapor, de duplo efeito uma machina de cortar cannas, systema Ross, combinada com um ap- parelho de desfibrar as talhadas; uma bomba para elevar o caldo de canna aos aparelhos de purificação e evaporação: dois aque- cedores de caldo; uma bateria de nove defecadores de duplo fundo systema Cail: cinco clarificadores de serpentinas para caldo e para xarope, do mesmo systema; dois pares de filtros Danek para caldo e xarope; um par de monta-caldo; um aparelho de evaporação de triplice effeito munido de uma machina a vapor que faz funcção- narem as respectivas bombas de ar seceo, de injeccção de caldo e de aspiração das aguas condensadas; uma caldeira a vacuo para concentração de xarope, com a capacidade de 150 hectolitros : duas outras de capacidade de 100 hectolitros cada uma; duas bombas do ar secco com as quaes funcçãoam simultaneamente as tres caldeiras citadas; dez turbinas, systema Weston; quarenta e dois tanques de ferro para os baixos productos: dez wagonetes De- cauville, montados numa linha interna da fabrica para o transporte dos productos: uma columna Savalle para fabricação de aguar- dente outra para fabricação e rectificação de alcool; e uma gran- de bomba Worthington para agua. Para o transporte de cannas e combustivel o Engenho possui: duas locomotivas americanas e uma dita belga, S2 wagons de lo- tação para oito toneladas e uma linha ferrea de um metro de bi- tola e com o desenvolvimento de 22 kilometros, servindo a toda a zona fornecedora de cannas.

Nos trabalhos do campo se empregam arados Ransomes Head & Jefferies, Ames Plow e Teras Rauger. Os primeiros de ferro, fundido e reversiveis e o ultimo de aço fino: sulcadores, grades de discos e grades de dentes.

Antes dos ultimos melhoramentos, a producção maxima dia. ria era de 500 saccos de assucar e a minima de 400; de aguarden- te de 22.º de 5000 a 5800 litros e de alcool de 40.º entre 2000 e 2500 litros.

Do mel empregado, de 38 Baumé, extrae-se em media 35 'T. de aguardente, não podendo-se determinar a porcentagem do alcol pela insignificante producção devida á falta de consumo.

A porcentagem em assucar e do caldo sobre o peso da canna pela antiga instalação era :

Assucar de 1º jacto branco.....6,27%
> de 2º e 3º jacto mascavinho....1,92%

8,19%

a do caldo era,..... 65%

Com a nova instalação espera a fabrica, com fundamentos, produzir diariamente de 500 a 800 saccos de assucar de 60 kilo- grammas. (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁸⁵)

Logo a fábrica se destacou pelo processo e qualidade do produto, bem como o próprio ramal férreo que facilitava o transporte de mercadorias dos engenhos produtores da

⁸⁴ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1902, n.01, p.39.

⁸⁵ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1903, n.01, p.44.

cana de açúcar até a sede. O seu desenvolvimento foi tanto que em 1921⁸⁶ é considerada a terceira maior empresa de açúcar do país, a empresa se aventurou ainda na produção de álcool e algodão, mas ainda sim não veio a ter uma produção significativa por conta do açúcar ser mais ter preço mais rentável para esta.

V

Ambiência Urbana

Enfim cidade! O aglomerado que já foi arraial⁸⁷, distrito⁸⁸, povoado⁸⁹, freguesia, villa, foi elevado a cidade no dia 25 de janeiro de 1890, sendo anunciado no jornal *O Republicano*, na edição do dia 26 de janeiro de 1890⁹⁰. A elevação para cidade significava a somatória da construção de equipamentos urbanos, autonomia econômica e a instrumentalização burocrática. Ou seja, a construção de uma ambiência urbana, que se materializa no dia a dia de seus habitantes, seja através do comércio, manifestações culturais e a intersecção entre arquitetura e urbanismo.

No entanto, essa elevação a cidade não era gratuita ou natural, ela se deu muito por conta da instalação do Engenho Central, como demonstrado no decreto publicado no *O Republicano* demonstrado na transcrição abaixo, instalado cerca de 4 quilômetros da sede da cidade, a fábrica teve grande interferência na construção institucional, urbana, cultura e política da cidade. Ele era responsável em maior parte pela ocupação empregatícia da população da cidade e rural, visto que sua instalação mexia não só com a produção, mas também com a manutenção das ferrovias, locomotivas, maquinário da fábrica, além de estradas, construções de casas e de anexos da fábrica, bem como alimentação e lazer de todos os envolvidos nessa empreitada.

DECRETO N. 10 - DE 25 DE JANEIRO DE 1890

O governador do Estado federado de Sergipe, attendendo ao grau de pros-peridade a que tem attingido a Villa do Riachuelo deste mesmo Estado; e
Considerando que e commercio, alli se ha muito desenvolvido, maxime depois do estabelecimento no mesmo municipio de um engenho central, me-lhoramento importante que muito tem contribuido para o incremento que se nota;
Considerando ainda que a dita villa é séde de comarca de terceira entrancia;

DECRETA:

⁸⁶ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1921, n.01, p.66.

⁸⁷ Correio Sergipense : Folha Official, Politica e Literaria, 1849, n.19, p.01.

⁸⁸ Correio Sergipense : Folha Official, Politica e Literaria, 1863, n.97, p.01.

⁸⁹ Correio Sergipense : Folha Official, Politica e Literaria, 1856, n.30, p.03.

⁹⁰ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.56, p.03.

Art. 1 Fica elevada á categoria de cidade a villa do Riachuelo, com a mesma denominação e limites existentes. Art. 2. Revogam-se as disposições em contrario. (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁹¹)

O primeiro impacto do Engenho Central no aglomerado pode ser sentido ao analisar a receita destinada para o município nos anos de 1889 e 1890⁹², esta já contava com 04 trapiches, 02 farmácias, 08 quitandas, 14 lojas, 05 padarias, 15 olarias, 04 oficinas de primeira classe, 11 oficinas de segunda classe, 01 fábrica de curtume e 01 fábrica de cal. Além disso, dispunha do serviço dos seguintes profissionais: 02 advogados, 01 médico, 01 engenheiro e 05 professores. Dos impostos cobrados por vendas, a venda de carnes, com a presença de 07 talhos de carne e 09 talhos de carne de porco, além disso são cobrados impostos sobre produtos como aguardente, leite, cigarro, fumo, ouro, ferro, frades, cobre, entre outros.

O aparato de maior destaque na receita do município é o jurídico, além de advogados, detinha de juiz, promotores, o que faz levantar uma hipótese de que o judiciário se estabeleceu antes mesmo de uma administração pública mais efetiva. Somado ao fato da força policial também ser uma instituição presente já nas primeiras décadas do povoado até mesmo na sua afirmação quanto cidade, pois já em 1891 um ano após se tornar de fato cidade, Riachuelo tem sua guarda desligada de Laranjeira:

Decreto N. 1391- de 21 de Fevereiro de 1891
CREA O COMMANDO SUPERIOR DE GUARDAS NACIONAES NA
COMAR-CA DO RIACHUELO NO ESTADO DE SERGIPE,

O chefe do Governo Provisório dos Estados Unidos do Brazil resolve decretar o seguinte:

Artigo unico. Fica desligada da comarca de Laranjeiras a força da guarda nacional da comarca do Riachuelo, no estado de Sergipe, e com ella creado um commando superior de guardas nacionaes, o qual se comporá do batalhão de infantaria n. 22, já organizado na freguezia do Riachuelo, e de outro batalhão da mesma arma, ora creado com a designação de 27 e que será formado de seis companhias de guardas qualificados para o serviço activo na segunda das comarcas acima referidas; revogadas as disposições em contrario. O Ministro dos Negocios da Justiça assim o faça executar. Sala das sessões do Governo Provisorio na cidade do Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1891,3 da Republic-Manoel Deodoro da Fonseca-Baras de Lucena. (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁹³).

Quanto às despesas da cidade, essa se dividia em pagamento com limpeza pública, salários, custos judiciais e manutenção da casa da intendência, esse último tem os custos com limpeza e manutenção mais elevados que a limpeza das principais ruas da cidade. Obras públicas é outro ponto a se ter atenção, pois não tem uma destinação de recursos neste

⁹¹ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.57, p.01.

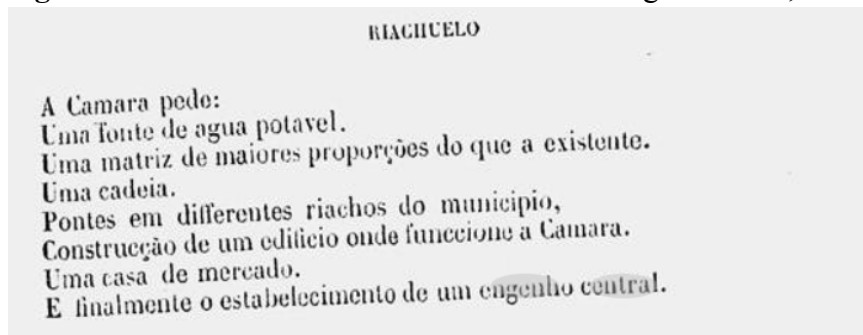
⁹² O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.72, p.01.

⁹³ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.123, p.01.

período para tal, o que pode demonstrar que Riachuelo apresentava uma estrutura urbana pequena e precária.

Em 1880 (**Figura 18**), a Secretaria da Presidência, juntamente com as câmaras municipais apresentaram demandas de cada município, de modo que estes não teriam como custear melhorias, desta forma foi preparado um documento com as reivindicações de cada localidade, entre elas Riachuelo. A câmara municipal considerou de extrema importância as seguintes recomendações:

Figura 18 - Pedidos da câmara de intendentes ao governador, 1880.



Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁹⁴.

As reivindicações se fundamentam em pontos estruturantes para o funcionamento de uma cidade, em primeiro lugar tem-se a reivindicação de oferta de água potável até mesmo de uma estrutura própria para a câmara e cadeia. Além disso, em 1880 o mercado não havia sido construído, o que faz crer que as relações comerciais aconteciam a céu aberto, inclusive de carnes verdes, na região onde futuramente iria se erigir o mercado.

A falta de abastecimento de água potável ainda é um problema em 1890, em visita o governador em exercício, Felisbello Freire ao Engenho Central, é a ele solicitado a execução de um sistema de captação de água nas proximidades do Engenho Central, para abastecimento da cidade. Na ocasião, Felisbello foi analisar o início da produção do Engenho Central, chegou à indústria por volta das 8h30 da manhã, numa vistoria que acabou por volta de duas horas após o início, logo após a visita são feitos pedidos por parte da intendência, onde o Dr. Rego Barros, comprometeu-se na realização de um orçamento para a obra de abastecimento de água gratuitamente.

A Intendencia municipal do Ria-chuelo, encorporada, tambem fez os scus cumprimentos ao criterioso e honesto administrador.

A mesma latondencia nessa occa- zião fez ver os difficuldades com que luta a população da nova cidde para abastecer-se de agua pola vel de boa qualidade, damonstrando a possi bilidade de cons guir-se a canalisação de um dos manancines existentes nas proximidades do engenho contral.

⁹⁴ Jornal de Sergipe, 1880, n.26, p.02.

O iilustre dr. Felisbella Freire, com o interesse que liga ao bem estar de seus concidadãos, julgando pratica- vel a idéa lembrada. acceitou o olle recimento que lhe fizera o dr. Rego Barros para confeccionar gratuitamen te o orgamento da despez a fazer-se como dito trabalho. (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁹⁵).

A necessidade de um abastecimento tão longe pode ser atribuído a contaminação das águas do rio Sergipe pelo despejo de produtos de rejeito da produção da cana de açúcar e até mesmo o despejo de lixo e resíduos residenciais. No caso do engenho esse despejo causa manifestação tanto na cidade de Riachuelo⁹⁶ quanto aos moradores de Divina Pastora⁹⁷. O “caxixe” ou vinhaça é um rejeito da indústria do açúcar, uma calda de cor esverdeada rica em enxofre, potássio e cálcio (CRUZ, 2016, p. 29-30), ou seja, apesar de ser uma material muito rico para a agricultura, o mesmo pode afetar a oxigenação de cursos d'água prejudicando a fauna e flora local.

OFFICIOS DESPACHADOS

Da intendencia municipal de Divi- na Pastora, pedindo providencias em relação ao caxixe que a fabrica do en-genho central do Riachuelo derrama sobre as aguas do rio Sergipe.-In- forme engenheiro do Engenho Cen-tral.(Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁹⁸)

-Ao sr. gerente do engenho cen- tral do Riachuelo - A intendencia municipal dessa cidade nos dous ollicios, por copia juntos, me recla- ma providencias não só em ordem a cessar a pratica de lançarem-se residuos dessa fabrica no unico rio que ahi existe com prejuizo das con- dições hygienicas e bem estar da população, como ainda para que re- alise-se o pagamento do imposto municipal sobre os productos da mesma fabrica, que tenham de ser exportados, ao que vos recusaes. Dando-vos conhecimento de taes. reclamações, chamo para ellas vos- sa atenção no intuito de providen- ciardes quanto à primeira, e infor- mardes quanto à segunda.(Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional⁹⁹).

A poluição não foi a única mudança vista com a instalação do engenho Central, no ambiente urbano, tem-se a construção de residências que se alinhavam ao que se via em grandes centros urbanos do império. Segundo Reis Filho (2014, p. 44-45) esse esquema de moradia, “era geral” em todas as regiões onde se fazia sentir o declínio da escravidão e a presença do progresso tecnologico, encontrava-se os mesmos mecanimos de adaptações às novas condições.” Em Riachuelo, nota-se que esse alinhamento se dá nas ornamentações das fachadas que em estilo eclético se espalharam na região central da cidade.

A cidade cresceu através de lotes estreitos e compridos, dando lugar a moradias sem ventilação e iluminação adequada, assim como de ruas sinuosas e irregulares. Quanto à

⁹⁵ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.073, p.02.

⁹⁶ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.119, p.02.

⁹⁷ O Republicano: órgão do partido republicano, 1856, n.038, p.01.

⁹⁸ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.119, p.02.

⁹⁹ O Republicano: órgão do partido republicano, 1891, n.038, p.01.

distribuição sócio-espacial, não teve uma distinção muito demarcada devido o tamanho da cidade, a distribuição sócio-espacial deu-se por uma especialização das ruas, uma distribuição mais visível pela qualidade das construções tanto quanto pelo tamanho do lote onde elas estavam instaladas, o que por si só criava suas distinções econômicas sobre a posse de cada morador.

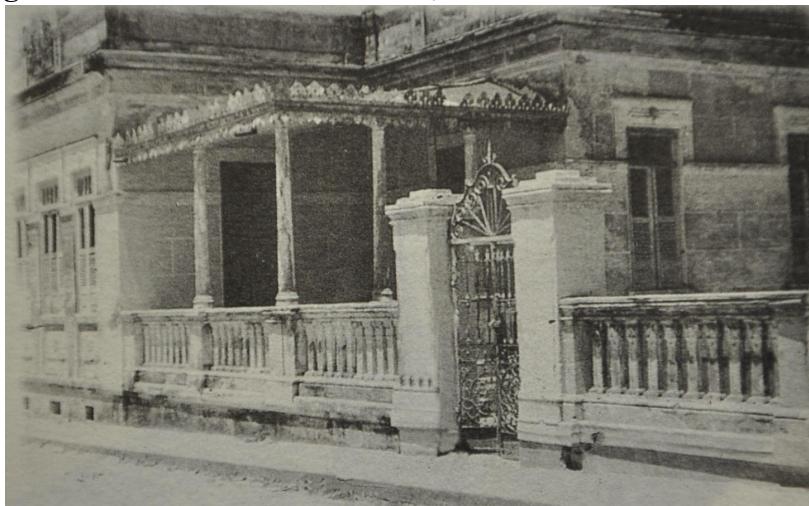
Figura 19 - Residência do Sr. Antonio Franco, entre as décadas de 1920-1930.



Fonte: Arquivo particular de Antônio Bezerra.

As residências de melhor qualidade seguiam uma tendência nacional a partir da introdução do jardim nas moradias urbanas, na sua maioria desconectadas em uma das laterais do lote, solucionando questões de ventilação e iluminação dos cômodos negligenciados nas casas urbanas menos abastadas. Na casa de Júlio Vieira, localizada nas proximidades da praça da feira, tem o avarandado bem marcado, assim como o uso de portão de ferro fundido, altamente trabalhado, o que destacava ainda mais a fachada de uma casa de alto padrão.

Figura 20 - Casarão de Júlio Vieira, entre as décadas de 1920-1930.



Fonte: Arquivo particular de Antônio Bezerra.

Nota-se que a cidade não teve sobrados, umas das possíveis questões relacionadas a esta ser uma cidade térrea é sua formação populacional ser majoritariamente carente, ou questão é a disponibilidade de terras para crescimento possíveis. Para Freyre (2004a, p.272), as casas patriarcais avarandadas é o iniciou “uma nova fase entre os sexos”, onde as mulheres que não eram permitidas a participarem da vida urbana a visto que poderiam ser confundidas ou chamadas de meretrizes, logo a varanda era um lugar onde se desenvolvia a conexão entre as mulheres e o ambiente externo, muitas vezes se dando em relações exogâmicas.

Este último grupo citado esbanjava de casarões em estilo eclético, com fachadas cheias de detalhes contrastavam com casas de trabalhadores, comerciantes e prestadores de serviço. Ou seja, a segregação de espaço nessa cidade era a estamental, já que o campo como forma de manutenção de poder agora buscava controlar e ocupar os cargos políticos.

As casas populares tinham um carácter mais simplista tanto nos materiais quanto nas divisões internas. Estas eram constituídas na sua grande maioria de sala, quarto e cozinha, todos esses cômodos ligados por um corredor, as maiores tinham o acréscimo de mais um quarto e mais um cômodo aos fundos, desligados da casa onde se localizava o banheiro.

Em edital para construções de casas populares em um engenho em 1890, é possível ter noção sobre a materialidade empregada na construção de casas mais populares, onde a alvenaria da casa é em tijolos, com alicerce em pedra e argamassa de cal, rebocadas e caiadas, com cobertura feitas com madeiras como peroba, louro, camassary, no entanto percebe-se que a maior parte deste aditamento é composto por beriba e mangue doce, madeiramento de baixa qualidade facilmente consumida por térmitas enquanto as madeiras mais nobres como peroba eram destinadas para a fabricação de tesouras e terças.

Dimensões de cada casa

Largura 4",5

Cumprimento 12", Altura 3^a,52

Pento 1/4 ou 1,15

Meia agua para cosinha e dispensa

Cumprimento 4",8 Largura 2,7

Ponto 0,8

O edificio é coberto de telha e la- drillhado de tijolo.

Suas paredes são de entulho, assen Ladas supre alicerces de alvenaria de pedra e cal e firmados por pés direi- Lus de madeira. São rebocadas e caia- das.

Para os esteios se empregarão as madeiras seguintes: Secupira, pau d'arcu, jatahy, beciba e sapoqueirana. O madeiramento do lecto será de peruba, olandy, mangue duce, louro e camassary.

Os caibros de mangue doce o as ri- pas de beriba.

José de Siqueira Menezes, engenho-ro militar. (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional¹⁰⁰)

¹⁰⁰ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.100, p.04.

As casas com materiais mais simples, não é sinônimo de monotonia, as singularidades estavam nas fachadas decoradas com motivos ecléticos e/ou em art déco - Weimer (2012, p. 195) vai caracterizar essas casas como “casa do colonizador português”, a qual tinha influências banta, estas estabeleciam uma simetria que poderia ser de translação ou reflexão, seguindo sempre por uma porta e uma janela, recebendo algumas variações a depender do tamanho do lote.

As casas de comércio se diferenciam das residências pela ausência de janelas, substituídas por portas, constituídas de um grande vão, sem muitas divisões internas. Estes estabelecimentos apresentavam fachadas com motivos florais e ou geométricos com pilastras e motivos geométricos, tendência seguida por construções no final do século XIX e início do século XX, onde se tinha a abolição das quedas de água diretamente para a rua por ser sinônimo de atraso e retrocesso. Quanto à localização, estes tinham predileção pela região central da cidade, onde se tinha estabelecido a feira livre, conhecida como praça da feira, como pode ser visto no anúncio de venda de um destes estabelecimentos:

ATENÇÃO

João da Silva Ribeiro, tendo de se retirar deste Estado, por incommodos de saude, vende a quem mais vantagens The offerecer sua casa com- mercial, sita na praça da feira, todas suas propriedades, um sitio cercado de arame com boa casa de morar n'esta ci- dade, uma carroça com bur- ro, vaccas de leite, gado de criar, uma lancha nova de 300 arrobas, um quinhão no engenho Santarem e uma ca. ga no povoado do Carmo.

Riachuelo, Junho de 1890. (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional¹⁰¹)

No final do século XIX, a cidade chega a uma conformação de precariedade sem equipamentos urbanos firmados, entre eles, sem uma sede para independência, sem mercado, sem abastecimento de água entre outros. No entanto, já havia um comércio e uma conformação política que vinha sendo construída com raízes rurais. Na **Figura 21**, a praça da feira se apresenta como local de ambiência urbana que apesar de tudo mantinha a preocupação paisagística, ao deparar com uma pessoa sentada em um pequeno banco deixando a entender que estaria cuidando da limpeza ou manutenção do ajardinamento, bem cuidado, repleto de plantas arbustivas, palmeiras e agaves.

¹⁰¹ Gazeta de Sergipe: Folha Diaria, 1890, n.129, p.03.

Figura 21 - Praça Coronel Antonio Franco, data desconhecida.



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Bezerra.

A distribuição pode ser caracterizada da seguinte forma; no centro da cidade, a feira e casas comerciais, em direção a Igreja as casas de antigos donos de engenhos e pessoas mais abastadas, cabe salientar que essa região é na cidade a que tem o relevo mais elevado (norte); e por fim as pessoas menos afortunadas cabiam as regiões em direção leste e sul. Quanto aos limites da cidade, tem-se no código de postura, implementado em 1923 os seguintes limites:

“Art. 20 perimetro da cidade comprehende-se: Principio do riacho Masangana pelo rio acima até a passagem do Engenho S. José, deste ponto em linha recta ao Sítio do Meio, até onde estiver a ultima edificação, deste ponto em linha recta ao Cemiterio desta Cidade; do Cemiterio seguirá em linha recta a encontrar com a serca do engenho Porto dos Barcos, seguindo pela mesma serca a encontrar com a serca do pasto do cel. Pedro Menezes; dahi em linha recta ao riacho Masangana, seguindo este até encontrar o rio, lugar onde partiu esta demarcação.” (RIACHUELO, 1923, p.05)

VI

O poder senta na porta

A partir do momento em que os donos de engenho se instalam na cidade, ela deixou de ser um subproduto da elite açucareira e passou a ser um ambiente de zelo, servindo como parte de uma estrutura de poder local. E a política é onde esse poder mais se transporece,

desde o final do século XIX, percebe-se uma participação constante na vida política dos produtores de açúcar, como: Albano do Prado Pimentel Franco (Agricultor), Dionysio de Menezes (Agricultor), Francisco Rabello Leite (Agricultor), Francisco Martinho de Freitas Garcez (Agricultor), Rufino de Oliveira Sampaio (Agricultor) entre outros.

Muitos desses donos de terras eram chamados de coronéis, segundo Dantas (1987), o coronelismo se dá como fenômeno no Brasil apoiado em três pilares: econômico-social, ideológico e político. Na primeira, estabelecida através do trabalho, o qual exerce sobre a mão de obra uma relação de dependência pessoal, formada a partir de sentimentos de proteção, solidariedade e fidelidade - estes mantidos e fortalecidos pela fonte de trabalho e poderio econômico, exercido através da exploração do trabalho e desigualdade.

O fator ideológico, está marcado por um conjunto de ideias e representações, na maior parte vinculados a “normas que reforçam laços de lealdade e práticas de submissão”. E o fator político, o qual exerce o papel de conexão entre as massas rurais e a política estadual, no âmbito municipal através dessa estrutura de subserviência.

Em Riachuelo, esses fatores se manifestam de forma presentes ao andar da política do município e as alianças que ali são feitas para manutenção do poder. Para Bomfim (2018, p.51) a política em Riachuelo era exercida através de um coronelismo colegiado, no qual se dava através na construção de alianças familiares, muitos destes coronéis não tinham terras somente em Riachuelo, mas também em outros municípios, assim sendo, para manter o poder, eles criaram redes de alianças. Logo, com terras em municípios distantes era indispensável acordos com outros coronéis a fim de manter uma rede de dominação regional.

Essa forma de manutenção do poder é visível ao analisar a figura de Augusto César Leite (filho de Francisco Rabello Leite), o qual casa sua filha, Maria Virgínia Leite Franco, com Augusto do Prado Franco (filho de Albano do Prado Pimentel Franco), o que resulta na formação dos ‘Leite Franco’ (BOMFIM, 2018, p.65). Essa junção significava a junção de dois grandes produtores de terra no município, (Engenho Espírito Santo e Engenho Central), essa aliança incluiu estabelecer uma dominação regional em torno do Vale do Cotinguiba, os “Leites” de origem de Alagoas, da região da Ilha do Ferro e os “Francos” da cidade de Laranjeiras. Bomfim (2018) conclui que essa união foi importante para o estabelecimento de uma dominação coronelista visto que:

[...] meros colonizadores das terras férteis do Vale do Cotinguiba passam a se estruturarem como grandes líderes familiares, por conseguinte são identificados como senhores de engenhos e líderes coronelísticos. Isto posto pela articulação social e econômica que os facilitavam a dominarem a dinâmica socioeconômica e

política do município. Isto demonstra que algumas famílias se tornam os baluartes representativos desse sistema oligárquico, a exemplo dos “Leites” e os “Francos”. (BOMFIM, 2018, p.65).

Desta forma as unidades agrícolas permitiram o estabelecimento de uma economia que serviu de base para a construção de um poder local. Essa estruturação política se deu historicamente estruturada a partir dos senhores de engenho câmaras de intendentes no final do século e por conseguinte a postura de coronéis, com a república as articulações políticas para alcançar cargos como intendentes e deputados a partir da postura de liderança política local.

A política municipal anterior no final do século XIX era feita a partir das câmaras municipais, a qual era exercida pelas câmaras de intendentes, cuja a indicação era feita pelo governador do estado. Com a Proclamação da República, as câmaras municipais foram dissolvidas e os governos estaduais nomeavam os membros do "conselho de intendência". Em 1905, criou-se a figura do "intendente" que permaneceu até 1930 com o início da Era Vargas. Com a Revolução de 1930 criam-se as prefeituras, às quais foram atribuídas as funções executivas dos municípios. Assim, as câmaras municipais passaram a ter especificamente o papel de casa legislativa.

Não foi possível ter os nomes de todos os envolvidos na política no período Imperial, mas entende-se que existiu uma mudança de nomes pouco expressivos. Entre 1890 e 1891, existiu uma disputa bastante acirrada pela representatividade no município que era feita a partir de três membros no conselho de intendentes até 1890. Isso mudou por conta do governador do Estado Federado de Sergipe, entendendo que a villa do Riachuelo foi elevada à categoria de cidade e por conta disso aumentou para cinco o número de intendentes, a partir dessa decisão, o governador nomeou para ocupar os cargos restantes os Coronéis Francisco Rabello Leite e Alcino de Menezes.¹⁰²

Em março do mesmo ano a cidade passava por situação de calamidade pública devido a migração em massa de pessoas por conta da seca no Sertão, segundo a Gazeta de Sergipe, mais de novecentas pessoas migraram para Riachuelo a procura de meios de subsistência. Como medida de minimizar a situação, a Intendência distribuiu farinha e carne, donativos de origem não informada. Mas que de certo os 50 sacos de farinha e 40 arrobas de carne, não foram suficientes para alimentar as pessoas que se aglomeravam em meio a cidade, como descrito pelo jornal “ o mesmo que lançar uma gota d'água no oceano”.

¹⁰² O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.96, p.02.

Neste período de dificuldade humanitária presidente da intendência não teve descanso, a ambiência da cidade foi descrita da seguinte forma: “o povo impelido pela fome corre as ruas da cidade implorando pão para matar a fome e a resposta que tem de alguns que não se comovem com a infelicidade de outrem é apontar a casa da Intendência ou a casa do distrito clínico.” Enquanto isso outras medidas eram tomadas mediante a crise:

O producto da farinha vendida tem sido applicado na construcção de um grande açude que es-tando litteralmente cheio forne-cerá agua durante dois verões pelo menos. E' pena não encon- trar-se um minador no dito lu-gar.

Dentre as pessoas que têm se prestado com os seus serviços na distribuição de viveres aos infelizes, victimas da secca, e na direcção dos trabalhos materiaes que esta intendência encetou, são dignos de reconhecimento os illustres cidadãos dr. Serafim Vicira e os seus companheiros de Inten-dencia, os empregados da Inten-dencia, o ex-1. supplente do de-legado Antonio Alves da Motta, que tem sido incansavel, assim como o commandante do desta- camento. (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional¹⁰³).

Essa situação não foi exclusiva de Riachuelo, algo parecido acontecia em Laranjeiras¹⁰⁴ ocorreu a mesma situação, quando foi noticiado que as doações do governo eram entregues de forma desigual em abril do mesmo ano. Não foi possível saber a que dimensão essa situação chegou, visto a falta de desdobramentos nos jornais pesquisados, no entanto, o governo provisório gerou situações de desconforto ainda maior, aumentando impostos o que fez com que os srs. Dr. Serafim de Almeida Vieira e Alcino de Menezes pediram demissão do cargo de intendente, por não quererem continuar a colaborar com o administrador deste Estado.¹⁰⁵

A partir dessas situações as cadeiras da câmara de intendentes assumiram uma rotatividade que chama atenção, visto a falta de alinhamento dos agricultores com o governo provisório, cujo governador em exercício era Felisbello Freire. Essa *dança das cadeiras* culminou na nomeação e exoneração de representantes da intendência, sendo retirado do poder municipal os coronéis Albano do Prado Pimentel Franco e Francisco Rabello Leite, duas figuras de grande protagonismo político no município.

¹⁰³ Gazeta de Sergipe: Folha Diaria, 1890, n.68, p.03.

¹⁰⁴ Gazeta de Sergipe: Folha Diaria, 1890, n.07, p.03.

¹⁰⁵ Gazeta de Sergipe: Folha Diaria, 1890, n.111, p.02.

Essa dança começou com o pedido de exoneração dos Srs. Manoel Evencio da Cruz¹⁰⁶ e José Barbosa de Oliveira¹⁰⁷. Seguido deles foram concedidas as exonerações dos seguintes membros: Pedro José da Rocha, João Barbosa de Oliveira, Manoel Gervasio de Vasconcellos e Francisco Rabello Leite¹⁰⁸. Em seguida foram nomeados membros daquela intendência os cidadãos Albano do Prado Pimentel Franco, Francisco de Aguiar Telles de Menezes e Alcino Carneiro Leão, sendo considerada sem efeito a exoneração concedida ao intendente Francisco Rabello Leite.¹⁰⁹

Ao exonerar o cidadão Francisco Rabello Leite do cargo de membro do conselho de intendência municipal do Riachuelo, o governador do Estado Federado de Sergipe, nomeou para o seu lugar o cidadão Francisco de Aguiar Telles de Menezes.¹¹⁰ Pouco após o governador do Estado federado de Sergipe, resolveu considerar o ato 3 do mesmo mês, na parte em que nomeou o cidadão Francisco de Aguiar Telles de Menezes para o cargo de membro do conselho de intendência municipal do Riachuelo e nomeou para exercer o dito cargo ao cidadão José Ramiro de Almeida¹¹¹.

Por ato de 9 dezembro de 1981¹¹² foram exonerados de uma só vez toda a bancada da intendência, constituída dos cidadãos: José Baptista de Vasconcellos, Alfredo Carneiro Leão, Francisco d'Aguiar Telles de Menezes, Francisco Rabello Leite e Albano do Prado Pimentel Franco. No mesmo ato foram nomeados os seguintes cidadãos: Pedro José da Rocha, Manoel Evencio da Cruz, Manoel Gervásio de Vasconcellos Lima, José Barbosa de Oliveira e José de França Barretto, assumindo a cadeira de presidente Pedro José da Rocha.

Não obstante foi feita uma nova nota considerando a exoneração do Tenente Coronel José Baptista de Vasconcellos, Albano do Prado Pimentel Franco, a pedido, Alfredo Carneiro Leão e Francisco Xavier de Menezes Sobral. E divulgando uma nova lista de intendentess composta pelos seguintes cidadãos: coronel Francisco Martinho Freitas Garcez (presidente), Alcino Barretto, capitão José da Silva Nogueira e Luiz Gonsaga de Jesus.¹¹³ O cidadão José da Silva Nogueira, não aceitando o referido cargo foi determinado que o cidadão João Baptista Tatú exercesse o cargo¹¹⁴.

¹⁰⁶ Manoel Evencio da Cruz pode ser encontrado como Manoel da Cruz do Amor-Divino, até 1959, quando este muda seu nome para o citado anteriormente. Após mudança Manoel pública alteração no jornal: Correio Sergipense: Folha Oficial, Política e Literaria, 1859, n.81, p.04.

¹⁰⁷ Gazeta de Sergipe: Folha Diaria, 1890, n.130, p.02.

¹⁰⁸ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.229, p.02.

¹⁰⁹ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.230, p.02.

¹¹⁰ O Republicano: órgão do partido republicano, 1891, n.50, p.01.

¹¹¹ O Republicano: órgão do partido republicano, 1891, n.55, p.01.

¹¹² O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.307, p.01.

¹¹³ Gazeta de Sergipe: Folha Diaria, 1891, n.342, p.02.

¹¹⁴ Gazeta de Sergipe: Folha Diaria, 1891, n.441, p.01.

O governo de Felisbello Freire, não foi duradouro, nos seus oito meses de mandato não conseguiu ter a adesão dos grandes fazendeiros à medida que realizava mudanças moralizantes, aumentando impostos, anulando concessões, privilégios fiscais e explorações monopolistas que tanto beneficiava os grandes produtores rurais (DANTAS, 2022). E após o governo de Felisbello Freire os jornais não noticiaram mais as cadeiras de intendentes, até 1903 existe um limbo, na política de Riachuelo, visto que a câmara de vereadores só tem arquivos a partir de 1949. Desta forma, quando se retoma as fontes já se percebe a cadeira de intendente e do conselho municipal, o qual fazia as vezes de vereadores. Ficou assim listadas as cadeiras de intendente e conselho a partir de 1903 até 1933:

Francisco Muniz Barreto - 1903¹¹⁵

João de França Barreto (Secretário);
Francisco Muniz Barreto (Presidente do conselho);
Abdias Barboza da Silva;
José Domingos de Oliveira;
Manoel Cardo do Prado Franco;
Alfredo Carneiro Leão;
Vicente José de Menezes.

Rufino de Oliveira Sampaio 1904 - ¹¹⁶

(sem informações complementares)

João Aguiar Garcez 1908 - ¹¹⁷

José Dantas de Mendonça (Secretário);
Rufino de Oliveira Sampaio (Presidente do Conselho);
Antonio de Oliveira Reis;
Honorio Hermetto Carneiro Leão;
Manoel Antonio de Mendonça;
Virgilio Barbosa de Oliveira.

Pedro de Menezes, cor. - 1911-1917¹¹⁸

Firmino Muniz de Vasconcellos, cor. (vice);
Urquisia Leal da Silva Vasconcellos (secretário);
Manoel Gervasio de Vasconcellos Lima.(Presidente do Conselho);
João Luiz de Vasconcellos Junior;
Abdias Barbosa da Silva;
Luiz Gonzaga de Jesus;
Sebastião Aguiar Telles de Menezes;
Aurelio de Oliveira Sampaio;
Domingos Dias de Menezes Sobral

Francisco Rabello Leite - 1918¹¹⁹ - 1926¹²⁰

¹¹⁵ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1903, n.A00060, p.1320.

¹¹⁶ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1904, n.01, p.42.

¹¹⁷ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1910, n. B00067, p.1663.

¹¹⁸ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1917, n.B00073, p.1702.

¹¹⁹ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1918, n.A00074, p.2772.

¹²⁰ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1926, n.C00082, p.1157.

Alvaro Sobral Garcez (secretário);
 Alvaro de Oliveira Sampaio (Presidente do conselho);
 Francisco Rodrigues Nogueira;
 José de Barros Menezes;
 José Ramiro de Almeida;
 Saturnino Telles de Menezes;
 Theophilo Freitas Barreto.

Lourival Freitas Barretto - 1927 - ¹²¹

Manoel Leite Belem (Secretário);
 Conselho - vago.

Lourival Freitas Garcez - 1929 - 1930 - ¹²²

Manoel Rolemberg Aguiar (secretario);
 Conselheiros: Vagos.

Segunda formação de Conselheiros (1930):
 Presidente: Francisco Sobral Filho;
 Conselheiros: Vagos.

Cel. Theophilo de Freitas Barrêto - 1933¹²³

José Araújo (Secretário);

Será feita uma breve descrição de cada intendente, começando pelo Coronel Francisco Muniz Barretto, foi oficial titulado, comandante superior da guarda nacional¹²⁴, em 1850 ele demonstrou, em poema, insatisfação com as urnas e reformas militares que estavam ocorrendo, ver trecho abaixo¹²⁵, outros textos dele podem ser encontrados no jornal *Guaycurú*¹²⁶, da Bahia, onde consta que o mesmo também recitava poemas no teatro público da capital bahiana. Seguido por Rufino Sampaio de Oliveira, foi dono do Engenho Sant'Anna, despontou como intendente em 1904, sendo responsável por solucionar em parte o abastecimento de água da cidade¹²⁷. Em 1924, aparece como deputado estadual¹²⁸, em 1933, aparece como correntista no escritório Brittos e Cia¹²⁹ e contador na cidade de Propriá, nas décadas de 1930-1940¹³⁰.

Festejar-te ao nascer, e apedrejar-te
 No leu occaso, cabe aos que costumam
 Assim vilmente proceder co' os homens,
 Eu não; mercê de Deus não serei nunca
 De abyssinio accusado; d'essa infamia

¹²¹ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1927, n.C00083, p.1165.

¹²² Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1929, n.D00085, p.1088.

¹²³ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n. 01, p. 353.

¹²⁴ Correio Sergipense: Folha Official, Política e Literaria, 1847, n.90, p.01.

¹²⁵ A União: Jornal Politico, Litterario e Commercial, 1853, n.62, p.04.

¹²⁶ O Guaycuru: Os principios são tudo, os homens pouco, 1845, n.108, p.03.

¹²⁷ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1904, n.01, p.42.

¹²⁸ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1927, n.C00083, p.1125.

¹²⁹ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p. 343.

¹³⁰ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1940, n.A00096, p.960.

Heide, limpo, cahir na sepultura.
 Acaba, vae-te, some-te uas trevas
 Do passado, anno femea, anno devasso,
 De trezentas reformas militares.
 Impio bate-chapões, profana urnas!
 (Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional¹³¹)

Pouco se sabe sobre João Aguiar Garcez, apenas que o mesmo permaneceu nas listas de agricultores e lavradores até por volta de 1937¹³². O Coronel Pedro de Menezes, agricultor¹³³, foi a figura mais controversa, dentre os nomes citados, visto que o mesmo fora, indiciado por peculato no ano de 1887¹³⁴, enquanto exercia a função de exactor das rendas provinciais de Riachuelo, do qual foi absolvido. O mesmo voltou às páginas dos jornais em 1909, sendo acusado de fraudar as eleições da Coletoria Federal, segundo o Jornal Folha de Sergipe¹³⁵ de março de 1909, Pedro de Menezes estaria sendo acobertado pelo General Siqueira de Menezes, candidato apoiado por Pedro, com o qual deveria ter parentesco. Apesar desta fraude o General Siqueira de Menezes só chegou a ser eleito ao senado em 1915-1923 (DANTAS, 1974, p.33), em eleições que ocorreram durante o mandato de Pedro de Menezes como intendente, após sua saída da intendência, Pedro assumiu o cargo de substituto do Juiz Seccional Federal em Riachuelo¹³⁶.

Francisco Rabello Leite foi o intendente por mais tempo no período analisado, ficando a frente da intendência por dois mandatos, na sua administração foi construída a Intendência Municipal (**Figura 22**), um prédio austero, em arquitetura eclética, localizado em quarteirão paralelo a praça da feira, o que indicava uma nova região de ocupação da cidade.

¹³¹ A União: Jornal Politico, Litterario e Commercial, 1853, n.62, p.04.

¹³² Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1937, n.A00093, p.1981.

¹³³ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1911, n.B00068, p.2307.

¹³⁴ A Reforma: Orgão do Partido Liberal, 1887, n.36, p.02.

¹³⁵ Folha de Sergipe: Orgam Republicano, 1909, n.184, p.01.

¹³⁶ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1917, n.B00073, p.2772.

Figura 22 - Inauguração da intendência.



Fonte: Arquivo Pessoal de Antônio Bezerra.

Conhecido como “Velho Leite”, foi filho do Coronel Francisco Rabello Leite e Maria Izabel Leite donos do Engenho Tartaruga. Sua residência no município ficava inicialmente no Engenho Espírito Santo, e, no decorrer da sua vida foi morar na cidade de Riachuelo. Sua residência na cidade era conhecido ponto de encontro da comunidade, principalmente aos sábados e domingos, quando segundo Bezerra (2012, p.92) se acumulavam cadeiras a porta de sua casa por falta de espaço na sala de visitas (**Figura 23**), nestas reuniões se desenvolviam várias conversas, cujo o principal assunto era a lavoura, além de assuntos internacionais trazidos por seus filhos e netos, quando passavam férias na cidade, pois estudavam fora.

Figura 23 - Ao centro da foto, vestido em terno branco Francisco Rabello Leite, junto de seu filho Silvio e cercado por netos e amigos à frente de sua residência.



Fonte: Arquivo Pessoal de Antônio Bezerra.

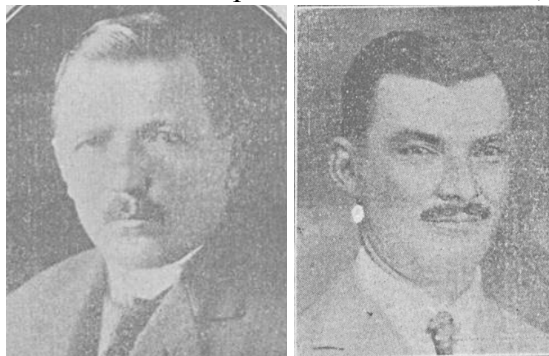
Uma das inconsistências encontradas no levantamento de intendentes está relacionado ao filho do “Velho Leite”, o Francisco Leite Filho que consta como intendente e que havia realizado trabalhos na construção da estrada de rodagem ligando este Município a

Usina S. José, onde se vai encontrar a estrada de rodagem que liga as cidades de S. Paulo, Itabaiana e Laranjeiras a capital do Estado (5 quilômetros). Construiu ainda um prédio que está sendo adaptado para nele se instalar um Grupo Escolar. Construiu uma ponte na propriedade Sant'Anna, do Coronel Antonio Franco (**Figura 24**), ligando a mesma à sede do município. Havia reconstruído outra ponte na rua S. Maria, bem como para embelezar a cidade construiu vários muros em terrenos junto às casas dos contribuintes¹³⁷.

Desta forma ele assumiria o cargo de intendente entre os anos de 1924 a 1928, anos em que essas obras ficaram prontas. Francisco Leite Filho, filho de Francisco Rabello Leite e Maria Virgínia Acioli Leite, teve sua vida dedicada a seguir o caminho trilhado pelo pai. Ele iniciou os estudos em Riachuelo, depois seguiu estudo em Aracaju, mas não chegou a concluir, pois teve que assumir as atividades do engenho Espírito Santo, e depois da fazenda Santa Maria. Não sendo obtida nenhuma outra fonte que apontasse ele como intendente, supõe pela listagem de intendentes apresentada anteriormente que o mesmo tenha assumido após o pai, pois não era permitida a reeleição no mesmo período. Posteriormente ele assumiu como prefeito de Riachuelo nas décadas de 1930-1940, e o cargo de deputado estadual nas décadas de 1950 (Bezerra, 2012, p.119).

Figura 24 - Retrato do Cel. Antonio do Prado Franco¹³⁸, década de 1930.

Figura 25 - Retrato do Cel. Theophilo de Freitas Barrêto, década de 1930.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.¹³⁹

Lourival Freitas Barretto e Lourival Freitas Garcez, são duas figuras que permanecem incógnitas, não sendo demonstradas as realizações do último, como o Mercado iniciado pelo Cel. Pedro Menezes, continuado por Francisco Rabello Leite e concluído por Lourival Garcez, Catavento adquirido na sua administração. Theophilo de Freitas Barrêto (**Figura 25**), outro agricultor e usineiro de Riachuelo (proprietário do Engenho Tingui)¹⁴⁰, foi do conselho de intendentes de 1918 até assumir o cargo de intendente em 1933.

¹³⁷ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n. 01, p.354-355.

¹³⁸ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n. 01, p.432.

¹³⁹ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.485.

¹⁴⁰ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n. 01, p.76.

O que fez com que Riachuelo ganhasse projeção na política estadual, foi a quantidade de votos em 1890, Riachuelo contava com cerca de 418 eleitores, número semelhante a de eleitores em cidades maiores tais como: Maruim (512), Laranjeiras (343), Estância (492), Lagarto (428) e Aracaju (520)¹⁴¹. Logo as relações de dominação estabelecidas no município eram de grande valia para assegurar o poder político que tinha por trás a manutenção da exploração agrária e proteção econômico-familiar, evitando assim a alternância de representações.

Para Dantas (2022, p.40) com a ausência de oportunidade para alternância de poder, os indivíduos com visões diferentes foram gradualmente se distanciando, resultando no declínio do sistema de múltiplos, a vida política foi reduzida a um ritual previsível, onde os resultados já eram esperados. Consequentemente, nas diversas esferas políticas do Estado, o controle político se intensificou, e o poder consolidou-se nas mãos de uma pequena parcela de donos de terras e empresários, imobilizando o desenvolvimento de um ideário democrático.

¹⁴¹ O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.212, p.02.

Figura 26 - Mapa ilustrativo com traçado das por volta de 1930.¹⁴²



Fonte: Elaboração própria a partir de mapa topográfico disponibilizado pela Prefeitura do Município de Riachuelo (2023).

¹⁴² Mapa com traçado das ruas foi elaborado baseado na ocupação das quadras por edifícios públicos construídos em suas proximidades - 1) Igreja Nossa Senhora da Conceição; 2) Praça da Feira; 3) Talho de Carne; 4) Mercado Municipal; 5) Matadouro Municipal; 6) Ponte ligando a cidade ao Engenho Central; 7) Trapiche Santa Maria; 8) Prédio da Intendência; 9) Cine Parque.

- Parte III -

A cidade superada

A ideia de cidade weberiana e posteriormente trabalhada por Reis Filho (1968), é superada com a implantação de uma infraestrutura que estabelece um distanciamento econômico e administrativo das características do campo, enquanto espaço de atividades primárias. Para que essa mudança ocorresse o papel do Estado foi de inteira importância, ao passo que essas ações foram frutos de um esforço conjunto do governo e da classe empresarial. Segundo Dantas (2022, p.65), nos anos vinte do século XX, Antônio do Prado Franco foi a figura que mais participou desse processo de modernização do Estado a partir de seu apoio para construção de estradas, prédios e infraestrutura.

Além disso, nas primeiras décadas da República foi perceptível um aumento considerável no número de indústrias, serviços e estabelecimentos comerciais nas áreas urbanas, o que resultou em um crescente contingente de trabalhadores empregados nessas áreas. Essa transformação impulsionou o desenvolvimento econômico e social de regiões de Sergipe, bem como impulsionou as indústrias que já estavam instaladas no Estado, ajudando na dinamização dessas produções.

Foi nesse cenário que a Usina Central foi adquirida pelo Antônio do Prado Franco juntamente com alguns sócios no Rio de Janeiro por meio de um leilão e posteriormente ele comprou a parte dos sócios, tornando-se o único acionista. Em suas mãos a empresa progrediu enquanto que o mesmo passou a desempenhar um papel ativo nos empreendimentos do governo Graccho Cardoso (DANTAS, 2022, p.51). E como cidade, Riachuelo se beneficia desse período de boaventura do Estado, a exemplo da construção do Hospital de Caridade, o desenvolvimento de olarias, hotéis, fábrica de tecidos, curtumes, entre outras atividades e serviços que a cidade não dispunha antes da década de 1920¹⁴³.

Riachuelo vivenciava décadas muito prolíficas, o qual fez com que Riachuelo, chegasse na década de 1930 com cerca de 13.600 habitantes, destes 3000¹⁴⁴ viviam na sede municipal, os outros 10,600 estavam distribuídos entre os seguintes povoados: Central, Roque Mendes, Malhador, Areia Branca, Sítio do Meio, Itapicurú e Alecrim. O município ainda contava com nove escolas públicas com sistema de iluminação pública elétrica,

¹⁴³ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1930, C00086, p.1094-1095.

¹⁴⁴ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1930, C00086, p.1093.

transporte terrestre feito pela linha de trem da E'ste Brasileiro, e fluvial pelo porto do Sapé e investimento na abertura de estradas vicinais¹⁴⁵.

Mas nem tudo era tão bom como parece, a município enfrentou nesse período surtos de varíola, entre 1911-1912, deixando vários mortos (DANTAS, 2022, p.46), o surto de gripe espanhola em 1919¹⁴⁶, grande enchente em 1922¹⁴⁷. Todas essas mazelas afetaram negativamente a população mais pobre da cidade, mostrando que o desenvolvimento e riqueza produzidos pelo município não eram da grande massa, mas sim de uma pequena classe agrária do município.

No Almanaque Laemmert¹⁴⁸, a cidade aparece estratificada em dois grupos de homens de posses, os “agricultores e lavradores” e os “capitalistas”. Na classe de agricultores aparecem os donos de engenhos, escritos abaixo, enquanto o de “capitalistas”, também dentro da lista de “agricultores e lavradores”, Antônio do Prado Franco, Francisco Rabello Leite e Francisco Xavier Menezes Sobral.

Antonio Prado Franco (Usina Central)¹⁴⁹;
 Antonio Prado Barretto (Piedade);
 Aurelino Oliveira Sampaio (Mangueira);
 Dr. Dionizio Eleuterio Menezes (Lyra);
 Dr. Sylvio Leite (Sant'Anna e Angico);
 Eduardo Vieira Andrade (Usina Porto Barcos);
 Francisco Rabello Leite (Engenho Espírito Santo);
 Francisco Xavier Menezes Sobral (Engenho Tartaruga);
 Francisco Leite Filho (Gameleira);
 João Aguiar Garcez (Massapê);
 José Barros P. Franco (Araçá);
 Lourival Garcez (Prazeres);
 Manoel Antonio Mendonça (S. José);
 Nestor Faro (Usina São Paulo);
 Paulo Cardoso Menezes (Engenho Recurso);
 Sylvio Menezes Sobral (Pedrinhas);
 Theophilo Freitas Barreto (Usina Tingui);
 Tobias Rabelo Leite (São Bento).

Não existe uma explicação quanto a diferença entre essas nomenclaturas, no entanto, o perfil dos capitalistas estava ligado a uma vida política e empresarial. Antônio do Prado Franco, responsável pelo Usina Central, tinha uma vida política muito forte no Estado, ou seja, carregava o peso de ser político e empresário; Francisco Rabello Leite, dono do Engenho Espírito Santo, importante propriedade no município, com produção expressiva

¹⁴⁵ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.354-355.

¹⁴⁶ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1919, n.01, p.68.

¹⁴⁷ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1922, n.01, p.13.

¹⁴⁸ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1930, C00086, p.1095.

¹⁴⁹ Usina Central - Esta propriedade abrange as fazendas Escuta, Mangueira, S. Felix, S. José, Jesus Maria José, Quintas, Matta, Contadouro, Penha Várzea, Pamonha, Mumbaça, Piedade e Carretão.

não somente de açúcar, mas também pela criação de gado, além de exercer uma vida pública bastante expressiva no Estado. Francisco Xavier Menezes Sobral, dono do engenho Tartaruga, pouco foi encontrado sobre ele, apenas que era militar, adquiriu o engenho Tartaruga por volta de 1889¹⁵⁰ e fora presidente do conselho de intendência de Riachuelo em 1891¹⁵¹.

Desta forma, é conclusivo que o município e cidade sede, vinha a produzir bastante riqueza, ao mesmo tempo que essa riqueza gerava um distanciamento social entre mão de obra e donos de terras. É nessa perspectiva que a terceira parte deste trabalho vai trazer as transformações que essa cidade e o município sofreram, a partir da dinamização industrial nas primeiras décadas da República. Narrando os desdobramentos políticos, a configuração administrativa local, assim como a configuração de ocupação do espaço urbano e o espaço urbano operário.

Para isso os dois primeiros tópicos (rede de comunicação e açúcar, álcool e algodão) se distanciam até certo ponto das fontes de jornais, visto que existe uma diminuição de ocorrência e publicações que demonstram como a cidade vinha sendo desenhada. Como forma de preencher os vazios narrativos, a narrativa é complementada com as *Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia*, os *Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros*, *Almanaque Laemmert* e o *Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe* e bibliografia proposta.

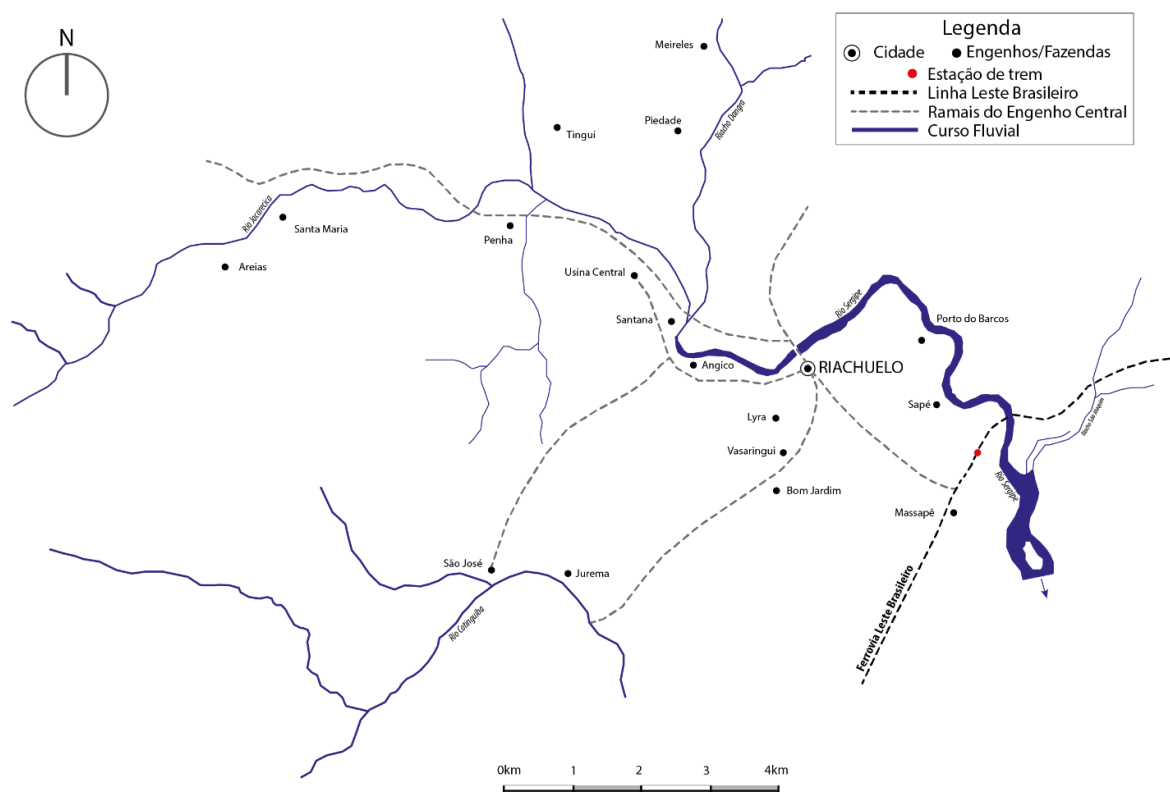
VII

Rede de comunicação

A comunicação entre a cidade e tudo a sua volta é uma característica fundamental para a sobrevivência das cidades, em Riachuelo, essa comunicação era feita por via fluvial, terrestre, primeiramente por tração animal, mais tarde, por ferrovias. Inicialmente a estrada de ferro foi uma forma de transporte estabelecida entre o Engenho Central e os engenhos produtores de cana de açúcar e mais tarde esse modal vai ser estabelecido de forma mais ampla através da instalação da estrada de ferro da CIA Leste Brasileiro, como pode ser visto no mapa trazido na **Figura 27**:

¹⁵⁰ Jornal A Reforma, 1889, n.168, p. 04.

¹⁵¹ Gazeta de Sergipe: Folha Diaria, 1891, n.94, p.01.

Figura 27 - Disposição das linhas ferroviárias em Riachuelo, 1956.

Fonte: (FERREIRA, 1958, p.340, Modificado pelo autor).

No final do século XIX a forma mais usada para sair de Riachuelo e chegar à capital foi a mesma usada pelo Felisbello Freire em sua visita ao Engenho Central em 1890¹⁵². No fim desta visita foi anunciado que Fellisbello, saiu da usina por uma ramal do, até uma região denominada Sapé (**Figura 27**¹⁵³). O Sapé era tido como porto de onde saíam os barcos a vapor pertencentes a empresa de transporte fluvial, deste, os barcos seguiam pelo rio Sergipe até chegar a Aracaju, capital do estado. Após sua visita ao Engenho Central, o governador seguiu para a capital, Rio de Janeiro, por navegação marítima, ou seja, o rio e o mar eram os principais meios de transporte até o momento, seja para deslocamentos regionais, nacionais e internacionais.

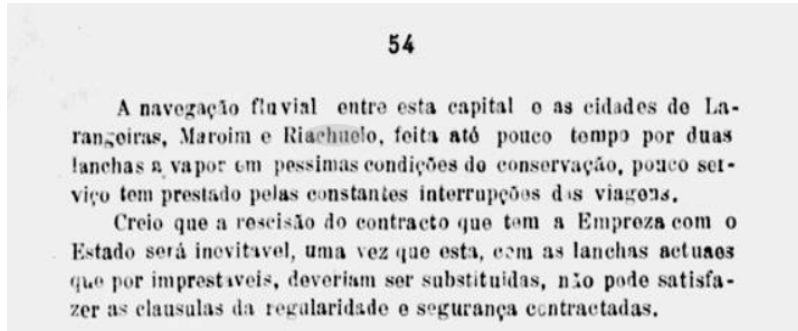
Para Almeida (1984, p. 229), “se chegar à costa, pessoas ou produtos tinham que vencer toda sorte de dificuldades, para tanto, um centro produtivo que não contasse com o curso de um rio navegável passava a dispor de formas de escoamento bastante precárias”. As estradas de terra por onde circulavam os carros de bois e outras conduções de tração

¹⁵² O Republicano: órgão do partido republicano, 1890, n.73, p.02.

¹⁵³ Cabe destacar que o mapa corresponde à década de 1950 e algumas informações referentes à visita de Fellisbello Freire em 1890 podem fugir dessa representação, a exemplo que acredita-se que existia uma via férrea pertencente ao Engenho Central que fazia ligação direta com o porto do Sapé. Além disso, a existência da Linhas Férrea Leste Brasileiro é uma realidade somente na primeira metade do século XX.

animal eram ruins, e no primeiro sinal de chuvas tornavam o seu uso impraticável. Mesmo sendo o principal meio de locomoção, a navegação fluvial entre Laranjeiras, Maruim e Riachuelo, não era bem vista devido a falta de manutenção e o sucateamento das embarcações, como pode ser vista no recorte da **Figura 28** - uma mensagem do Governador de Sergipe de 1904 a Assembleia, sugeria a substituição da empresa, pois havia um risco no transporte das pessoas nas duas conduções que faziam o percurso:

Figura 28 -Navegação Fluvial, Laranjeiras, Maruim e Riachuelo.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira¹⁵⁴.

Pelas tecnologias da época, a comunicação entre o interior e a capital só poderia ser superada com a instalação de uma linha ferroviária, melhor meio de transporte da época para vencer grandes distâncias. A instalação de via férrea em Sergipe vinha sendo discutida desde meados do século XIX, no ano de 1882 foi publicada no *Jornal Sergipe: jornal dedicado aos interesses da lavoura, commercio e melhoramentos geraes da provincia*, uma exigência para a construção de um ramal da estrada de ferro, no entanto se demonstra que esse anseio já era algo antigo não somente em Riachuelo, mas em toda a província:

Venho tratar de um privilegio que pede o engenheiro Manoel de Mendonça Guimarães, cessionario da estrada de ferro de Aracajú á Simão Dias, para construir um ramal; que partindo de Laranjeiras, dirija-se à villa da Capella, interessando o quanto for possivel aos municipios de Riachuelo, Divina Pastora, Maruim, Siriry e Japarutuba.

Senhores, a questão da estrada de ferro nesta provincia tem sido objecto de uma luta terrivel travada entre o governo geral e o capitão Eugenio José de Lima (apoiados). (Hemeroteca Digital Brasileira¹⁵⁵).

O anseio da população pela concretização dessa nova via de locomoção foi um caminho árduo, Jesus (2017), vai definir que a instalação da ferrovia em Sergipe teve três momentos, o primeiro é compreendido entre 1872-1882; o segundo entre 1884-1891; e o

¹⁵⁴ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1904, n.01, p.53.

¹⁵⁵ *Sergipe: jornal dedicado aos interesses da lavoura, commercio e melhoramentos geraes da provincia*, 1882, n.82, p.03.

terceiro entre 1893-1900. Nenhum destes chegou a se concretizar, a estrada de ferro só seria implementada como modal de uso contínuo na segunda década do século XX.

Para Jesus (2017, p.28), o que explica a demora na efetiva construção destas vias foram: “a falência de uma empresa construtora ou a inauguração fictícia de um traçado de estrada de ferro em Sergipe somente para que uma construtora se beneficie com a obtenção de garantia de juros afiançadas pelo Governo Imperial.” Por outro lado, a insistência de um sistema estruturado capaz de transportar pessoas e mercadorias “era reconhecida como uma das principais causas do atraso econômico a que estava submetida a Província” (PASSOS SOBRINHO, 1983, p. 50).

O primeiro projeto ferroviário foi fruto do Decreto Imperial nº 4.916, de 30 de março de 1872, o qual direcionava as linhas para o interior da província, atingindo assim a região Centro-Sul do Estado, não incluindo a faixa litorânea como prioridade. Para Oliveira (2021, p.28) “este fato mostra a força e importância de cidades com forte produção de cereais no cenário sergipano.”

Figura 29 - A) Estudo de implantação de estrada de ferro em Sergipe, 1883; B) Recorte do Estudo de implantação de estrada de ferro em Sergipe, 1883.



Em 1908, em carta aberta no jornal da *Folha de Sergipe* (**Figura 31**), em tom ansioso ao receber um telegrama do presidente Affonso Penna, confirmando a construção da estrada de ferro em Sergipe. Não só a estrada de ferro como a construção de uma “barra franca”, ou seja, um porto para escoamento dos produtos sergipanos. A concretude da estrada de ferro em Sergipe só veio a ser uma realidade em 1913, 29 anos depois dos estudos, com um ramal entre Aracaju e Rio Real na Bahia.

Outro ramal, é inaugurado em 1914, agora ligando Aracaju a Rosário do Catete, no ano seguinte esta mesma linha foi conectada à cidade de Propriá. Ao todo a linha ferroviária de Sergipe possuía 20 estações presentes nas cidades de: Tomar do Geru, Itabaianinha, Pedrinhas, Boquim, Salgado, Itaporanga d’Ajuda, São Cristóvão, Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, Laranjeiras, Riachuelo, Divina Pastora, Maruim, Rosário do Catete, Carmópolis, Japarutuba, Capela, Muribeca, Cedro de São João e Propriá.

Em 1917 é anunciada a criação do ramal ligando o povoado Central, lembrando que a Fábrica já tinha um ramal próprio desde o final do século XIX, este que chegava até as imediações do porte de Sapé, logo, a ligação a ser construída a partir de 1917 é somente do Sapé até o ramal da Leste Brasileira. A conexão visava o escoamento de até 100 mil sacos de açúcar cristal visando suprir a retirada de uma outra empresa de açúcar que deixará de moer e venderá sua produção para o Engenho Central.

Figura 32 - Notícia da construção do ramal Engenho Central/Leste Brasileiro.

A construção do ramal ferreo ligando a estação de Riachuelo ao povoado Central, onde fica situado o Engenho Central—a maior uzina do Estado, que, pela transformação por que está passando terá capacidade para produção de 100.000 saccos de assucar crystal por safra, concorrerá muito para augmentar a proporção do assucar de 1^o, porque os proprietarios de engenhos proximos á Estrada de Ferro Timbó a Propriá deixarão de moer, pois essa Estrada, como a Estrada de Ferro Leopoldina, no Estado do Rio, receberá em suas margens a canna dos engenhos e a transportará áquella Uzina.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira¹⁵⁷.

Ao final da década de 1920 o Engenho Central contava com cerca de 22 quilômetros de ramais próprios, onde as locomotivas eram apelidadas de Santo Antônio, Moura, Caetaninha e Iningas. Estas compunham os dois roteiros percorridos pelas locomotivas (**Figura 32**), chamados de Ramal 01 - Central, Araçá, Mangueira Escuta Lyra, zona urbana, Vasaringui e Sapé, Estação Leste Brasileiro. O Ramal 02 - saía do Central, Araçá, Cantadouro, Matta, Quintas e Jesus Maria José (BEZERRA, 2012, p.63).

¹⁵⁷ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, Ano 1917, Edição 01, p. 26.

Figura 33 - Locomotiva de carga do Engenho Central, entre final do século XIX e início do século XX.



Fonte: Arquivo particular de Antônio Bezerra.

O transporte de pessoas também era feito pelo, por uma parada improvisada nas proximidade do centro urbano da cidade, o Ramal 01 do Engenho Central, ao passar pela zona urbana e seguia em direção ao porto de Sapé e mais tarde até a Estação Leste Brasileiro (**Figura 27**), por onde passavam trens que levavam a capital da província. Os horários eram pré-estabelecidos, bem como preços com distinção entre primeira e segunda classe - Os preços das passagens de primeira classe comparadas com valores da época, correspondem à remuneração semanal de um trabalhador do campo¹⁵⁸, enquanto o da segunda classe corresponde a pouco mais da metade dessa remuneração. Desta forma o trem como meio de deslocamento não era algo acessível, ver preços listados na cartilha abaixo:

¹⁵⁸ Segundo Dantas (1944, p.51), o pagamento semanal de um trabalhador do campo era de aproximadamente Cr.\$ 28, enquanto que as passagens de trem de primeira e segunda classe custavam Cr.\$ 27 e Cr.\$ 17, respectivamente.

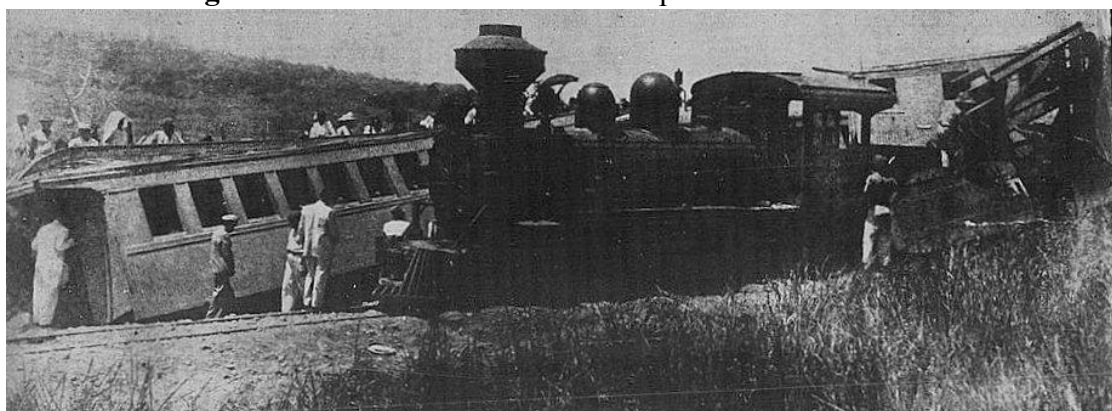
Figura 34 - Tabela de tarifas e horários dos trens em suas respectivas paradas.

101 Aracajú - Propriá					De Aracajú Quilom.	VOLTA	PN 2 3ª 6ª	PN 4 4ª e	PN 6 Dom.	SN 2	
Preços de Aracajú	IDA	PN 1 5ª e	PN 3 2ª 3ª	SN 3 Sab.							SN 5 men.
1ª cl. 2ª cl.		Dom. e 6ª		Sab.							
	Aracajú...p.	820	1400	1410	1800	123	Propriá...	500	1300	1600	...
10,0	6,0 Calumbi...	838	1418	1429	1819	111	Batinga...	528	1328	1628	...
11,0	7,0 Cotinguiba	850	1429	1441	1831	104	M. dos Bois	548	1348	1648	...
17,0	11,0 Laranjeiras	908	1445	1501	1851	92	Muribeca...	618	1418	1720	...
27,0	17,0 Riachuelo	937	1514	1530	1920	73	Murta...c.	701	1502	1803	...
39,0	24,0 Marolm...	1008	1543	1602	1952	85	Capela c	...	...	...	400
45,0	28,0 RosárioCatete	1033	1608	1627	2017		Murta...p.	721	1522	1823	440
53,0	33,0 Carmópolis..	1057	1631	1651	2041	68	Japaratuba ..	734	1535	1837	454
63,0	38,0 Japaratuba...	1124	1658	1718	2108	58	Carmópolis..	758	1559	1902	519
67,0	41,0 Murta...c.	1137	1711	1731	2121	49	RosárioCatete	827	1628	1931	547
	Murta p.	...	...	1745	2135	42	Marolm...	848	1650	1953	609
	Capela c	...	...	1825	2215	29	Riachuelo.	915	1718	2020	645
78,0	48,0 Murta...p.	1157	1731	...	...	18	Laranjeiras	945	1749	2050	718
85,0	52,0 Muribeca...	1245	1818	...	...	12	Cotinguiba	1002	1807	2107	739
96,0	59,0 M. dos Bois	1315	1847	...	...	8	Calumbi...	1013	1818	2118	750
100,0	61,0 Batinga...	1333	1905	...	...	...	Aracajú...	1030	1835	2135	807
112,0	69,0 Propriá...	1400	1932	...	...						

Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_propria/fotos/guialevi9641.jpg. Acesso em: 22 de abril de 2023.

Em 1920, a situação da navegação entre as cidades de Laranjeiras, Marumim e Riachuelo para a cidade de Aracaju foi exposta na seguinte reclamação: "Este serviço carece de melhoramento no seu material, notadamente as lanchas a vapor que fazem as viagens."¹⁵⁹ A situação da Empresa Fluvial de navegação para esse trecho não sofre melhoras ao que deixa entender os jornais, nos anos de 1921¹⁶⁰, isso se agrava principalmente pelas enchentes que vieram a assolar a região do Cotinguiba.

O transporte ferroviário, no entanto, parecia até o momento a melhor opção de deslocamento, à medida que existia um sucateamento do sistema fluvial. O sistema ferroviário só foi contestado após o acidente ocorrido no final da tarde de segunda-feira do dia 18 de março de 1946, no povoado Pedrinhas, região compreendida entre a cidade de Laranjeiras e Riachuelo.

Figura 35 - Descarrilamento de trem próximo de Riachuelo.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Acidente_ferrovi%C3%A1rio_de_Aracaju. Acesso em: 30 de abril de 2023.

¹⁵⁹ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1920, n.01, p.50.

¹⁶⁰ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1921, n.01, p.32.

O trem vindo da capital perdeu o controle, em um trecho de declive elevado, mesmo acionando os freios, protagonizou um desastre de grande escala para a história ferroviária nacional. Segundo Oliveira (2021, p.66-67), não houve uma divulgação exata sobre a dimensão real do acidente, mas estima-se que o trem vinha superlotado com aproximadamente 1000 passageiros, a locomotiva cargueira contava com três vagões de passageiros, muitos deste esmagados pelas ferragens e outros multilados a ponto de não ser possível a identificação.

O ocorrido pode ter ceifado cerca de 185 vidas além de deixar mais de 300 feridos, após investigação, os condutores do trem foram incriminados, os mesmos conseguiram fugir no mesmo momento do sinistro. O acidente então foi uma das causas que levaram ao enfraquecimento paulatino do breve período ferroviário sergipano, como diz Oliveira (2021, p. 69):

Aos poucos, o que um dia foi o “sonho sergipano” estava tornando-se um pesadelo. Os anos finais da primeira metade do século XX marcaram o início de um definhamento desta ferrovia. Entretanto, Aracaju parecia estar contra a corrente, pois nessa época é elaborado o projeto de construção de uma nova estação ferroviária, mais ampla e imponente, que motivou a subutilização e abandono da primeira estação ferroviária de Aracaju.

Assim como o transporte fluvial, o transporte ferroviário cedeu lugar ao transporte rodoviário até a extinção do uso civil desses modais. Em Riachuelo, esse transporte foi responsável pela comunicação de seus habitantes com o resto do estado até 1977, substituído por completo pelas rodovias, largamente implementadas a partir da década de 1950 pelo Conselho de Desenvolvimento de Sergipe (Condese). (DANTAS, 2022). Mas, de certo, a estrada de ferro ajudou bastante na dinamização da Usina Central, sendo que a partir de 1914 sofreu mudanças significativas tanto na administração quanto na produção de outros produtos.

VIII

Açúcar, álcool e algodão

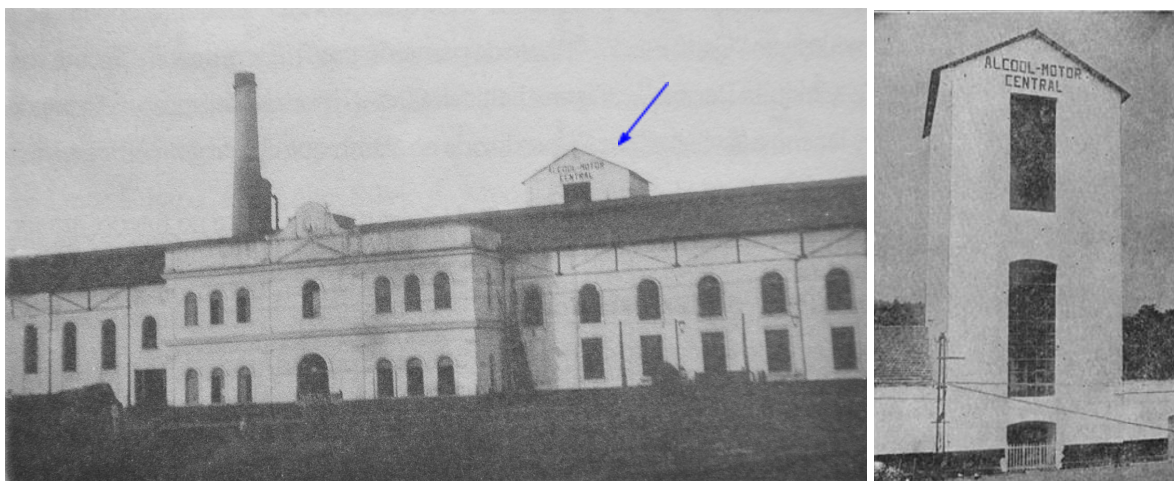
A dinâmica econômica passou por algumas modificações, as quais podem ser citadas a mudança de administração do Engenho Central que no ano de 1914 foi adquirido da Companhia Paraíba do Norte e Sergipe pelos coronéis Gonçalo Rollemberg do Prado, João Rodrigues da Cruz e Antonio do Prado Franco. Estes se organizaram em sociedade, tendo

depois se retirado da mesma o coronel Gonçalo Rollemberg por motivo de seu falecimento ficando à frente o coronel Antônio do Prado Franco¹⁶¹.

A administração do coronel Antônio do Prado Franco foi importante na criação de outros tipo de produção nas instalações do Engenho Central, como por exemplo, a inauguração de uma seção para a fabricação de álcool-motor em 1932, sendo a maior do Estado na época, com capacidade para produzir 7.000 litros diários. O prédio de 1886 ganhou novos anexos como a fábrica de álcool, como pode ser visto na Figura abaixo, a produção de álcool ocorria numa espécie de anexo aos fundos da fábrica, outra inovação implementadas pela usina foi a criação de uma seção destinada a fabricação de tecidos, bem como mais moradias ao seu redor da usina.

Figura 36 - Fachada principal do Engenho Central, final da década de 1920.

Figura 37 - Anexo do Engenho Central para a fabricação de Álcool Motor, final da década de 1920.



Fonte: A esquerda, Arquivo Pessoal de Antônio Bezerra (Modificado pelo autor). A direita, Hemeroteca Digital Brasileira¹⁶².

O Engenho Central, juntamente com seus anexos chegou a empregar diretamente cerca de 2000 pessoas¹⁶³, entre o período em que funcionava o processamento do açúcar, a fabricação de álcool e a produção de tecido. Nesse ínterim a Usina consumia cerca de 261.331 quilogramas de algodão, produzia cerca de 60.000 sacos de açúcar por ano e queimava cerca de 3.200 toneladas de lenha¹⁶⁴. A. Franco e Cia. como foi chamada a companhia têxtil da empresa, não chegou a produzir tecido para a exportação nem mesmo para o consumo do mercado interno, se limitou ao consumo da própria empresa, a qual complementava a sua tecelagem com a compra externa de tecido para atender o ensacamento do açúcar.

¹⁶¹ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.143.

¹⁶² Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.145.

¹⁶³ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.145.

¹⁶⁴ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.209.

A porcentagem de empregos geradas pelo Engenho Central era grandiosa, se comprados com número de habitante do município, no período citado acima, o consumo de mão de obra pelas companhias de Antonio do Prado Franco, chegou a empregar 15%¹⁶⁵ de toda da população do município, isso sem contar o trabalho rural que ocorria em outros engenhos de açúcar que vendiam sua produção para a usina. Ou seja, o açúcar foi a maior força de trabalho já administrada no município de Riachuelo, além disso, pode ser afirmado que toda as outras dinâmicas comerciais e de serviço dependiam do sucesso da empreitada do açúcar na região.

Mas oferta de emprego não queria dizer que esses empregos eram dignos, como fora visto no tópico *IV - Mecanização*, os salários não eram compatíveis com as despesas. Bem como, a cidade de Riachuelo tinha vários outros desafios além da pobreza, como as epidemias, a falta de estruturação e até mesmo enchentes corriqueiras - Em especial a ocorrida em 1922, não somente Riachuelo, como também em Laranjeiras e até mesmo São Cristóvão, para se ter uma noção desses desastres pode ver abaixo uma grande enchente ocorrida na década de 1990. Nota-se como a vazão do rio Sergipe ultrapassa o leito do rio, invadindo propriedades ribeirinhas.

Figura 38 - Mensagem do Governador à Assembleia sobre enchente, 1922.

0.4193123.
—Na cidade de Laranjeiras foram executados serviços, de relativa importância, de socorros aos flagellados pela ultima e grande enchente, empregando-se a verba concedida pelo Governo Federal, por solicitação minha, para tal fim, no intuito de socorrer a pobreza grandemente prejudicada naquela cidade e nas cidades de Riachuelo e S. Christovam.
Os serviços de socorros na cidade de Laranjeiras foram confiados ao engenheiro capitão Antonio Mendonça, tendo sido reconstruidas varias ruas de casebres, e bem assim uma ponte de alvenaria, damnificada pela enchente, e de immediata necessidade para a população, daquelle municipio.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira¹⁶⁶.

O rio Sergipe e seus afluentes têm cheias frequentes por estarem em uma região baixa em relação a Serra de Itabaiana, logo em períodos de grande grande volume de chuvas as regiões que fazem limite com o rio tendem a encher. Atentando-se a isso, cidades como Riachuelo, Laranjeiras e até mesmo São Cristóvão, por serem construídas ao redor do rio, sofrem com as cheias nos períodos de chuva. Como meio de justificar a falta de assistência às famílias afetadas, o Governo Estadual a todo momento comunicava a falta de recursos para implementação de obras que amenizassem as situações na saúde e ou no amparo às vítimas desses desastres. Para tal era acionado o Governo Federal como pode ser visto no

¹⁶⁵ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.113.

¹⁶⁶ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1922, n.01, p.55.

trecho retirado da **Figura 38**: “[...] empregando-se a verba concedida pelo Governo Federal, por solicitação minha, para tal fim, no intuito de socorrer a pobreza grandemente prejudicada naquella cidade e nas cidades de Riachuelo e S. Christovam.”¹⁶⁷ Em outro momento o Governador agradeceu as verbas enviadas pelo Governo Federal:

Alem desses valiosos con- cursos prestados ao nosso progresso, é mister lembrar o humanitario acolhimento dado pelo eminente brasileiro ao appello que lhe fiz para attenuar a sorte dos flagellados das inundações nos municipios de Larangeiras, S. Christovam e Riachuelo.

Os beneficios distribuidos aos que por esse motivo recuperaram os seus tectos, destruidos pelas correntes impetuosas das aguas, es- pecialmente nos dois primeiros dos referidos municipios, onde as da-vastações foram incalculaveis, hão de se mutiplicar em benções á digna pessoa de s. cx. e ao seu honrado governo, sempre solicito no amparo das boas causas. (Hemeroteca Digital Brasileira¹⁶⁸)

Ao passo em que a população pobre sofria suas mazelas a Indústria tinha momentos áureos, o Engenho Central foi anexando outras estruturas ao longo do tempo, como: igreja, escola, casa grande, galpão industrial e uma vila operária de pouco mais de 80 casas, que mais tarde foram adaptadas ao modelo estilístico eclético com linhas que tentam refletir a idéia industrial do início do século XX, a partir de platibandas que se assemelham a logotipos de marcas da indústria aeronáutica, automobilística e naval.

Figura 39 - Fachada de casas da vila operária, Engenho Central.



Fonte: Acervo pessoal do autor, (2019).

Nessa nova roupagem industrial, o Engenho também ganhou uma capela Igreja dedicada a Santo Antônio, construída em virtude de D. Marcia Leite Franco, esposa do Coronel Antonio do Prado Franco a qual acreditava que era necessária a difusão do ensinamento religioso para moradores ao redor do Engenho - “para que assim pudessem as duas mil almas que vivem neste núcleo de trabalho, receber os santos ensinamentos da religião romana” - Anunciava a propaganda do engenho em Cadastro de 1933¹⁶⁹. Santo Antônio é um padroeiro atrelado a muitas instalações de cunho industrial, talvez por sua Figura de homem que se doa a ajudar os pobres - em uma fase pós escravocrata a difusão de uma vida simples e de doação é um ideário importante a ser estabelecido. Além disso, os

¹⁶⁷ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1922, n.01, p.56.

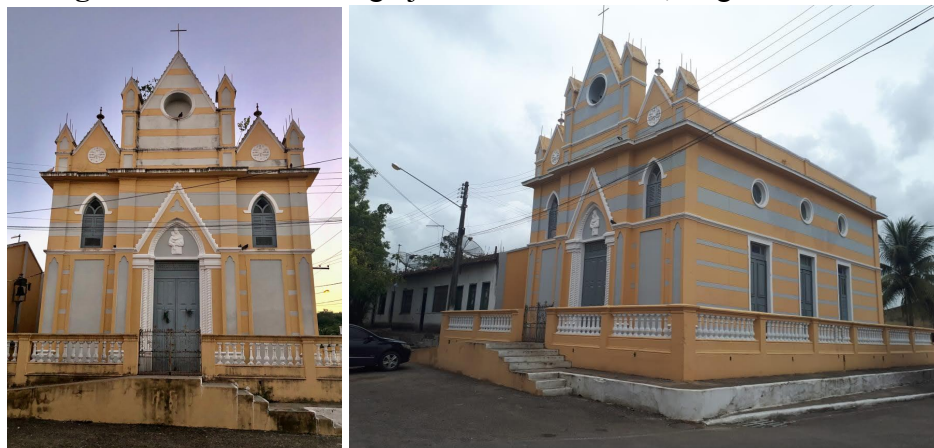
¹⁶⁸ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1922, n.01, p.13.

¹⁶⁹ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe., 1933, n.01, p.145.

ensinos religiosos eram uma forma de controle e dominação da mão-de-obra, que tinha sua rotina controlada pelos horários da usina.

Figura 40 - Fachada da Igreja de Santo Antônio, Engenho Central.

Figura 41 - Fachada da Igreja de Santo Antônio, Engenho Central.



Fonte: Acervo pessoal do autor, (2019).

A vila operária agia como uma cidade satélite, apresentavam comércio próprio, escola, bem como assistência médica. Para Rago (1985) a criação das Vilas Operárias tinha o objetivo de disciplinar a classe trabalhadora rebelde, buscando concretizar a utopia burguesa de fabricar uma classe trabalhadora desejada, combinando interesses econômicos e políticos.

Desta forma as Vilas Operárias visavam controlar a economia interna dos trabalhadores e o seu tempo fora do ambiente de trabalho, utilizando a vila como um instrumento disciplinador para delimitar o espaço de circulação e convivência. Dessa forma, a vila e a fábrica estavam sob o controle de um único agente, resultando em um cotidiano operário que era uma extensão rígida do horário de trabalho. Além disso, a proximidade entre os trabalhadores garantia a assiduidade e a pontualidade, criando um estado de prontidão constante para atender às demandas do setor industrial.

Ou seja, a família “Leite e Franco” criaram um sistema urbano próprio com o intuito de “cativar” o respeito e a servidão dos moradores. Se criou aqui um sistema de trabalho doméstico, pronto para entrar em ação a qualquer momento, desde que existisse a necessidade. Além disso, existia uma reprodução da mão-de-obra, visto que os filhos dos operários hoje seriam os operários de amanhã, nesta lógica se tinha o controle do ensino, com a instituição de uma escola própria que ajudava na ocupação das crianças enquanto os pais trabalhavam bem como a qualidade do ensino ali prestado, se estabelecia um ideário de dominação hereditária.

A Fábrica de Tecidos foi administrada pelo Dr. Sylvio Leite, médico da sede municipal, sob a gerência do coronel Antônio do Prado Franco. A fábrica contava com 50 teares em funcionamento, compreendendo aproximadamente 3.160 fusos para fiação e 910 na produção de massaroca. Cerca de 320 operários trabalhavam na fábrica, os quais a empresa se orgulhava de descrevê-los como: “todos higiênicos”¹⁷⁰. Os moradores, todos operários, tinham direito a assistência médica, incluindo o fornecimento gratuito de medicamentos, além de uma enfermaria bem equipada.

É indubitável o concurso que as fabricas de tecidos emprestam ao desenvolvimento da nossa economia, quer pelo augmento do valor da nossa exportação, quer pelo numero de braços que nellas encontram arrimo e trabalho. (Hemeroteca Digital Brasileira¹⁷¹)

A fábrica era responsável pelo fornecimento de sacos para o armazenamento e transporte do açúcar e mais tarde se especializando também na confecção de tecidos grossos próprios para os uniforme dos trabalhadores das fazendas e operários do Engenho Central¹⁷².

A fábrica chegou a consumir cerca de 4,200 sacas de algodão entre 1924 e 1925¹⁷³, entre 1926-1927 foram consumidos 1956 fardos, entre 1927-1928 - 3.266 ramas¹⁷⁴ e em 1929 movimentava sozinho cerca de 3.210 ramas¹⁷⁵. Todas essas ramas chegavam por meio fluvial no Trapiche Santa Maria, localizado na sede do município e seguiam em direção a fábrica no Engenho Central. O consumo de algodão em Riachuelo era tão expressivo que o município fazia parte das quatro zonas estabelecidas pela Superintendência o Serviço do Algodão do Estado¹⁷⁶:

- 1 - Zona norte (Aquidaban, Propriá, Porto da Folha e Gararú).
- 2 - Zona centro (São Paulo, Itabaiana e Campo do Britto).
- 3 - Zona oeste (Dores, Capella, Siriry e Riachuelo).
- 4 - Zona sul (Annapolis, Lagarto, Campos, Riachão e Boquim).

Com a gradativa mudança das características monocultora do estado, essas fábricas vão ganhando espaço no cenário estadual, motivadas primeiramente por uma mudança social do país, em segundo por um incentivo governamental (DANTAS, 2022, p.67) para desenvolvimento industrial do país e em terceiro a mão de obra barata e em grande quantidade que se encontravam nesses núcleos urbanos. Logo a diversificação econômica,

¹⁷⁰ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.145.

¹⁷¹ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1925, n.01, p.117.

¹⁷² Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1925, n.01, p.117.

¹⁷³ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1925, n.01, p.46.

¹⁷⁴ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1928, n.01, p.93.

¹⁷⁵ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1930, n.01, p.98.

¹⁷⁶ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1925, n.01, p.53.

juntamente com as vilas operárias que agiam como cidades satélites, além dos engenhos ao redor da cidade criaram um ambiente propício para o desenvolvimento urbano.

No entanto, tal situação apresentava vários pontos sensíveis, visto que tudo confluiu para a exploração e controle da mão de obra, bem como a cidade ainda era um ambiente completamente suscetível a epidemias, catástrofes naturais e até mesmo a sua ocupação irregular. E os empregos, eram ligados à produção, seja do açúcar, do álcool ou tecido, logo, a queda dessas produções, além do preços de matérias primas e mercado externo influenciam diretamente na mão-de-obra que estava sendo empregada ali.

XIX

Estruturação Urbana

Por volta de 1890, a sede do município contava com cerca de 3.000 habitantes e 10.000 em toda a sua extensão¹⁷⁷, já na primeira década do século XX, a sede do município contava com 603 casas, mais 1.243 espalhadas pelos povoados, sendo Malhador e Areia Branca povoados de maior aglomeração depois da sede. A economia local continuava dependente da produção de açúcar em larga escala, álcool, aguardente e algodão, dinâmicas que estruturam a permanência crescente de pessoas neste aglomerado.

Figura 42 - Número de fogos no município de Riachuelo, 1915.

Cidade de Riachuelo—sede do Governo	
Municipal	603
Nos engenhos e sítios do município	384
Povoado Roquemendes	66
» Sítio do Meio	65
» Areia Branca	223
» Malhador e suburbio	233
» Alecrim	50
» Itapicuré	20
» Cabeça do Boi	31
» Mutuca	11
» Adique	34
» Sacco Torto	94
» Jacú	28

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira¹⁷⁸.

Nesse período são contabilizados no município 12 usinas, 9 engenhos de fabricar açúcar e 8 alambiques, número menor do que chegou a ter nas últimas décadas do século XIX, mas ainda sim um número expressivo, considerando a presença de um engenho de porte como o Central.¹⁷⁹ Além disso, o município contava com o total de 9 escolas públicas, mantidas pelo estado e uma escola particular.

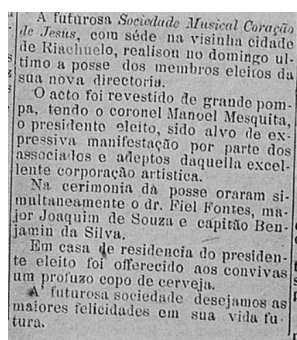
¹⁷⁷ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1921, n.C00077-00078, p.877.

¹⁷⁸ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1915, n.01, p.107.

¹⁷⁹ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1919, n.01, p.67.

A vida urbana ganha novos contornos e costumes, a exemplo da Sociedade Musical Sagrado Coração de Jesus, essa não era a única filarmônica da cidade, existia outra, chamada União Riachuelense, nascida da dissidência de membros da Sagrado Coração de Jesus. Essas sociedades musicais eram instituições nas quais existia uma configuração política, essa levada com muito rigor, Segundo Dantas (2022, p.78): “não era raro existir, num mesmo centro urbano, mais de uma banda competindo orgulhosamente com suas produções e interpretações.”.

Figura 43 - Posse de Manoel Mesquita na Sociedade Musical Coração de Jesus.



A futura Sociedade Musical Coração de Jesus, com sede na vizinha cidade de Riachuelo, realizou no domingo ultimo a posse dos membros eleitos da sua nova directoria.

O acto foi revestido de grande pompa, tendo o coronel Manoel Mesquita, o presidente eleito, sido alvo de expressiva manifestação por parte dos associados e adeptos daquela excelente corporação artistica.

Na cerimonia da posse oraram simultaneamente o dr. Fiel Fontes, major Joaquim de Souza e capitão Benjamin da Silva,

Em casa de residencia do presidente eleito foi offerecido aos convivas um profuzo copo de cerveja.

A futura sociedade desejamos as maiores felicidades em sua vida futura.

Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional¹⁸⁰.

Em 1909, o coronel Manoel Mesquita, uma agente de compra de açúcar¹⁸¹, foi eleito como presidente desta sociedade e ao que tudo indica o mesmo não foi bem visto pelos membros. Além disso, a eleição era regada de uma manifestação social, a qual indicava o que existia um certo status social envolvido na participação destas cerimônias. Em outro recorte de jornal, é afirmado que essas sociedades mantinham uma comunicação e comunhão entre as sociedades de cidades vizinhas, como pode ser visto na **Figura 44**, claro em meio a essas apresentações deveriam haver certo nível de rivalidade.

Figura 44 - Apresentação da Sociedade Musical Coração de Jesus em Laranjeiras.



A apreciada e futura philharmonica <Santa Cruz, com sede na vizinha cidade de Laranjeiras, teve a gentileza de convidar-nos por intermedio de um bello cartão-chromo, para assistirmos a sumptuosa festa que realisar-se-á hoje, em commemoração ao seu 18º anniversario.

O programma da referida festa, está caprichosamente confeccionado, sendo orador official o talentoso dr. Baptista Belém.

Sabemos que para maior realce deste festival, comparecerão a ella as bandas musicas do Corpo Policial, <Santa Cecilia>, da capital, <Lyra Commercial>, de Marim, <N. S. da Conceição>, de Riachuelo, e <Rosarense> do Rosario.

Agradecidos pela fidalguia do convite, fazemos votos para que a festa tenha um brilhantismo digno dos creditos da distincta corporação musical.

Fonte: Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional¹⁸².

¹⁸⁰ Folha de Sergipe: Orgam Republicano, 1909, n.208, p.02.

¹⁸¹ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1913, n.B069, p.1602.

¹⁸² Folha de Sergipe : Orgam Republicano, 1908, n.100, p.01.

Outra forma de entretenimento da cidade era o cinema, em 1918¹⁸³, o almanaque Laemmert, indicou a existência de um cinema chamado “smart”, a existência deste fica listada entre 1918 a 1927. Em 1930¹⁸⁴ o Almanaque indica a existência do cinema, agora chamado Riachuelense e o Bezerra (2012) vai indicar a existência de outro cinema, esse chamado de Cine Parque (**Figura 45**). O lazer na cidade, era definido por esses modais, o cinema, as apresentações da filarmônica, idas a igreja e alguns botequins e bilhares.

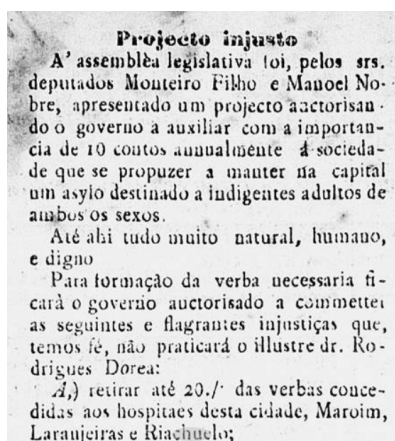
Figura 45 - Cine Parque, década de 1930.



Fonte: Arquivo Particular de Antônio Bezerra.

O que mais marcou as primeiras décadas do século XX, foram as preocupações ligadas à saúde e medidas sanitizantes, as doenças contagiosas se tornaram um problema à medida em que a população urbana crescia. Mesmo assim, redução no investimento na saúde eram negligenciados pela Assembleia, como pode ser visto na **Figura 46**, onde em 1908 era levado a plenária projeto para redução de 20% das verbas destinadas aos hospitais de Laranjeiras, Maruim e Riachuelo.

Figura 46 - Projeto para diminuição de verbas para o hospital de Riachuelo.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira¹⁸⁵.

¹⁸³ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1918, n.A074, p.2772.

¹⁸⁴ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 1930, n.C086, p.1094.

¹⁸⁵ A Razão: Orgão dos interesses Sociaes, 1908, n.41, p.02.

O clima de preocupação é ainda maior em 1919, por conta de uma epidemia de gripe que atingiu um total de 25,910¹⁸⁶ pessoas, entre estes 195 foram diagnosticados no município de Riachuelo, levando 24 pessoas ao óbito. A virose em questão era a epidemia de gripe espanhola, que começou na Europa e adentrando o Brasil pelo porto de Recife em 1918 e logo se espalhou por todo o território.

A epidemia de gripe durou cerca de três meses em Sergipe, o seu combate contou com a participação de vários agentes privados como a Loja do Cotinguiba, a Fábrica Confiança, a Fábrica Sergipe Industrial, entre outras que somadas fizeram o atendimento de 7.974¹⁸⁷ vítimas. Esse apoio da sociedade civil foi importante diante a deficiência do poder público em lidar uma situação completamente nova, devido às proporções. A gripe espanhola foi responsável pelo fechamento de escolas e várias outras instituições coletivas. O que deixava cada vez mais clara a necessidade de uma ampla reforma dos serviços de higiene e saúde pública nos municípios.

No mesmo ano, surgiram, por parte do Dr. Sylvio Leite médico clínico de Riachuelo, questionamentos sobre os diagnósticos realizados, por existir uma suspeita da existência de febre amarela em meio aos casos de gripe espanhola. Um dos casos que levantaram a hipótese foi a de um engenheiro alemão e de sua esposa que morreram com sintomas semelhantes três anos antes da epidemia de gripe:

Ha séria divergencia em dignosticos firmados por clinicos em três localidades do Estado e apparece agora duvida em casos occorridos ha três annos, comparados com um caso de fe-bre recentemente occorrido na pessoa de um engenheiro alle-mão fallecido na cidade de Riachuelo, em que o medico assis-tente diagnosticou accesso pernicioso de impaludismo, forma delirante, adoecendo tambem a senhora do referido engenhei-ro de febre, sem gravidade, segundo exame e observações do director de Hygiene e do medico clinico da localidade, dr. Sy-lvio Leite. (Hemeroteca Digital Brasileira¹⁸⁸).

No entanto, ainda em 1919 o governador Pereira Lobo em resposta a essa hipótese da existência de febre amarela em Sergipe, soltou um comunicado embasado em dados médicos, no qual afirmava que não existia febre amarela no estado, discordando das análises até mesmo do governo central. Segundo Souza (2011, p.49-50) existia naquele momento uma interferência política no que tange a existência da febre amarela no estado, visto que isso poderia “macular a imagem de uma capital moderna defendida nos referidos governos” (SOUZA, 2011, p. 50).

¹⁸⁶ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1919, n.01, p.68.

¹⁸⁷ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1919, n.01, p.68.

¹⁸⁸ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1919, n.01, p.75.

Outra mazela que assolou o território foi a varíola, doença assim como a gripe, causada por vírus que tem como característica sua alta taxa de contágio. Segundo a *Mensagem do Governador de Sergipe para a Assembleia*, a varíola começou a se manifestar por volta de outubro de 1919, na Villa de Socorro, em pessoas vindas da Bahia. Após os casos no município de Nossa Senhora do Socorro, o mal veio a aparecer em Aracaju em marinheiros desembarcados da embarcação denominada *Cacique e Conceição*¹⁸⁹, e daí seguiu com vários casos pelas cidade de Aracaju.

Apesar das medidas de vacinação do governo, o qual chegou a vacinar cerca de 3.205 pessoas, a varíola se espalhou para outros municípios, dentre eles Riachuelo. Onde a doença se deu de forma grave, explana a mensagem:

Figura 47 - Trecho sobre a varíola em Riachuelo.

Em Riachuelo o perigo foi mais grave. O mal irrompeu com violência em todas as ruas e a cidade dentro de poucos dias apresentava o aspecto dum grande hospital.
A população começou a debandar e foi preciso tomar providencias energicas para que os emigrantes não levassem o contagio aos municipios vizinhos e muito especialmente para a capital, onde a invasão seria mais para recear.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira¹⁹⁰.

Uma força conjunta entre o dr. Ávila Nabuco e o dr. Eronides Carvalho, agiram rápido na intensificação da vacinação, bem como a criação de cordões sanitários, que tiveram êxito no número diminuto de óbitos na região¹⁹¹. O medo maior das autoridades na época era o fluxo de pessoas entre Riachuelo e Laranjeiras, visto que em Laranjeiras esta mazela não atingiu a população de forma tão grave.

Em 1921, a situação de doenças no interior do Estado era controlada, no entanto isso não queria dizer que havia sumido os surtos de doenças como “a variola em fôrma benigna, o alastrim, e diversas outras doenças infecciosas”¹⁹². Importante se ater que eram doenças muito relacionadas ao saneamento público, ligadas a falta de esgotamento, e drenagem eficazes, além do destino adequado do lixo, além disso pode está ligada a ocupação de regiões pantanosas e/ou acúmulo de água próximo das regiões destas cidades, vilas e povoados.

Diante dessa fase epidêmica na saúde pública enfrentada na cidade de Riachuelo e no Estado de Sergipe, foi assinado por Olívio Trindade, então intendente da cidade, em 4 de

¹⁸⁹ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1920, n.01, p.68.

¹⁹⁰ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1920, n.01, p.69.

¹⁹¹ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1920, n.01, p.68.

¹⁹² Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1921, n.01, p.60.

dezembro de 1921 o primeiro código de postura da cidade, este dividido em nove capítulos, os quais tratavam sobre as mais diversas áreas de interesse - bem, moral e segurança pública; da indústria e comércio; da saúde, higiene e limpeza pública; da caça e pesca; das edificações; das disposições gerais; dos animais.

Dentre estes, cabe destacar o interesse pela ordenação pública e a preocupação com a higiene e saúde pública. Fica, assim, descrito em lei que toda construção deverá ser aprovada pela independência (art. 44, p.12), do mesmo modo que não é permitida a construção de casebres no perímetro urbano (art. 46, p.12), é determinado que a canalização de esgoto seja previamente aprovadas (art.24, p.08), bem como as águas pluviais sejam despejadas na rua (art. p.51).

Em 1923, esse código ganhou ainda mais corpo com a revisão feita pelo intendente municipal Albano do Prado Pimentel. Nesse novo documento, ou lei de nº 02 do município, existe uma mudança na estruturação com a inclusão de alguns capítulos como: Iluminação, Mercado Matadouro e Açougue, Estradas e suas Conservações, Polícia Municipal, Imposto e Arrecadações e os Empregados.

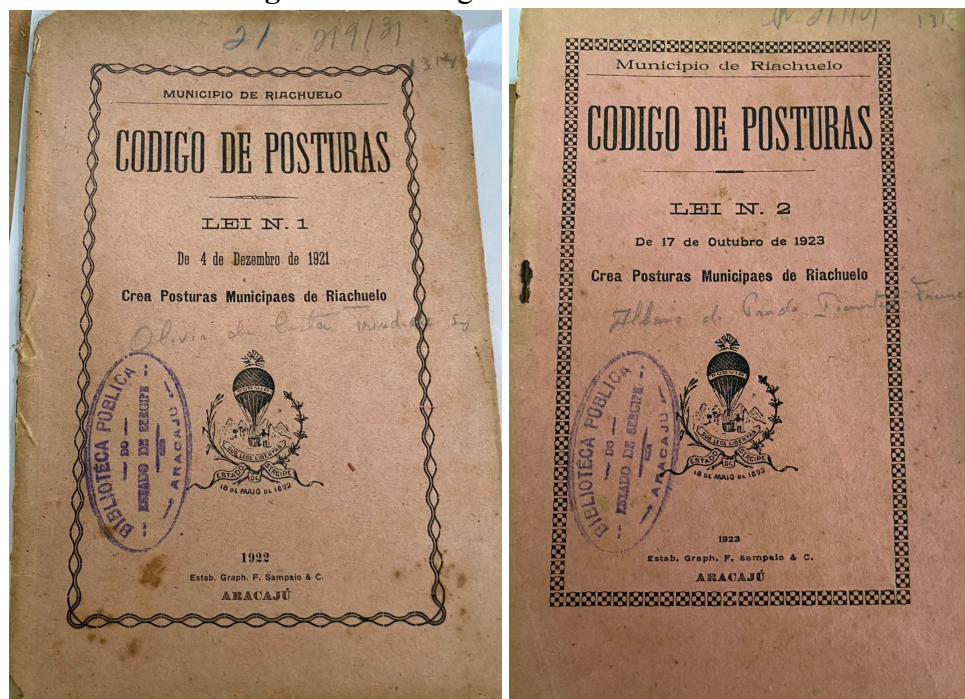
O mais importante se ater nessa nova reformulação do código de postura é sua relação com as epidemias relatadas, nesse ponto existe uma evolução no trato com as doenças transmissíveis que podem ser assinaladas pelo art. 24, primeiro artigo do capítulos e higiene pública, que tornou obrigatória a vacinação, e a revacinação a cada 5 anos. O art. 26, promulga sob pena de multa, que quando diagnosticado com varíola ou qualquer outra doença transmissível o doente seja direcionado para o lazareto municipal ou que se mantenha em casa em quarentena, sendo obrigatório avisar aos representantes municipais, afim de envio de médico contratado para diagnóstico, esse último afirmado pelo art. 29.

As obrigações não cabiam apenas aos civis, mas também aos trabalhadores da saúde, pelo art. 27, ficava determinada a diferenciação na limpeza de roupas de pacientes com doenças infecciosas; no art. 28. considerava como doença infecciosa: varíola, difteria, typho, febre amarela, cholera morbus, escarlatina, sarampo, maligno, desinteria, pyrectica epidêmica e beribéri - qualquer ocorrência destas deveriam ser comunicado a intendência e/ou conselho municipal.

Os cuidados com a limpeza e saúde pública abrangem ainda os comércios e as vendas no mercado e feira, no art. 51, deverá ser mantido o maior asseio no mercado, art. 57, não deverá ser abatido gado fora do matadouro público e sem a assistência do Fiscal; art. 67, o marchante deverá manter asseio pessoal, bem como suas vestes, sendo vetada a sua

presença em passeio público com vestes manchadas de sangue. No comércio, ficava as casas de drogas ter maior asseio com seus frascos e objetos de manipulação, segundo art. 45; os balcões, balanças, copos de demais utensílios de comércios deverão se manter limpos segundo art. 46.

Figura 48 - Código de Postura de 1921;
Figura 49 - Código de Postura de 1923.



Fonte: Biblioteca Epifânio Dórea.

Estes documentos foram marcos enquanto instrumentos que formalizam e normatizam a administração e construção de comunidade urbana, uma medida de instrumentalização da cidade como território urbano, no entanto sua efetiva prática deve ser questionada, em virtude de que a legislação expressa o ideal ao qual a cidade deveria chegar. Isso se afirma à medida que esses documentos precederam a construção de obras em que ela própria regulamenta, tais como: Mercado, talho de carne, matadouro, abertura de ruas, entre outras. As manifestações epidêmicas serviram de sinal de atenção, pois algo precisava ser feito nos centros urbanos e essa ação deveria vir dos governantes, as questões sanitárias eram urgentes, não somente em Riachuelo, mas em todos os perímetros urbanos do estado.

Como obras de intervenção sanitária, pode ser citado o início da construção de um catavento para a distribuição de água para a população, isso em 1925¹⁹³, após os surtos epidêmicos, esses enfrentados inclusive sem um abastecimento de água satisfatório, no mesmo ano ainda foi realizada a construção de um coreto e um poço artesiano¹⁹⁴. Um

¹⁹³ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1925, n.01, p.115.

¹⁹⁴ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1925, n.01, p.155.

problema que vem se arrastando desde o final do século XIX. Em 1926¹⁹⁵ previsto o projeto do talho de carne verde, obra consequente a legislação para a venda de carne, na **Figura 50**, é possível ver a construção em uma arquitetura imponente, com portões em ferro fundido, com traços neoclássico e com imponência de um prédio administrativo.

Figura 50 - Talho de Carne Verde de Riachuelo, década de 1930.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira¹⁹⁶.

Ainda em 1926 foram instaladas duas fontes de pedra, uma no Carregosa e de um curral para o matadouro, além de um jardim público com chafariz, local não indicado¹⁹⁷. No ano seguinte foi feita a desapropriação de duas casas para a construção de uma praça na frente da igreja matriz, bem como o melhoramento de várias ruas do município incluindo o calçamento do largo de São João, região nos fundos do Mercado. Além disso, foi projetada uma ponte na estrada do Roque Mendes, povoado próximo ao centro urbano¹⁹⁸.

Em 1928 foi iniciada a obra da ponte nas proximidades do engenho Sant'Anna e do Mercado Municipal, obra que já era esperada a muito tempo, visto que os terrenos para a construção deste é feito ainda em 1915¹⁹⁹. O mercado de Riachuelo passou por alguns momentos, em um primeiro registro fotográfico ele funciona apenas com cobertura, sem fechamentos. Em um segundo momento é visto um registro fotográfico com fechamentos em alvenaria.

¹⁹⁵ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1926, n.01, p.114.

¹⁹⁶ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.72.

¹⁹⁷ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1926, n.01, p.114.

¹⁹⁸ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1927, n.01, p.99.

¹⁹⁹ Mensagens do Governador de Sergipe para a Assembléia, 1915, n.01, p.107.

Figura 51 - Cobertura do Mercado, início do século XX.



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Bezerra.

Na primeira Figura, percebe-se a movimentação de um dia de feira, com homens vestindo terno, nenhuma silhueta aparentemente feminina, com cavalos na região esquerda, além de produtos distribuídos no chão ao redor da praça chamada da feira. Ao fundo uma construção alta com cobertura em duas águas e ao fundo desta uma cobertura maior ainda seguindo as duas águas, mais ao fundo, não é notada a presença de fechamentos desta estrutura, desta forma conclui-se que a **Figura 51** se trata do período de construção deste. Em 1929 a obra do Mercado Municipal foi finalizada, seguida de dois poços artesianos e o início da construção do talho de carne verde (**Figura 52**)²⁰⁰. Ainda em 1929 foi projetado um calçamento para a praça do moinho bem como um matadouro Municipal. A década de 1930, teve início com a entrega do talho para carnes verdes, a reconstrução do muro e do passeio da Intendência Municipal, a construção de muros e passeios em várias ruas da cidade, para embelezamento das mesmas, a reforma geral no catavento público, e melhoramentos na ponte de Sant'Anna.

Ainda no mesmo ano foram iniciadas obras de um matadouro em Riachuelo e um talho de carne no povoado de Malhador, bem como projetadas obras de um prédio para o destacamento policial e de uma escola municipal, como também a pavimentação da rua Santa Luzia.

²⁰⁰ Relatorios dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 1929, n.01, p.111.

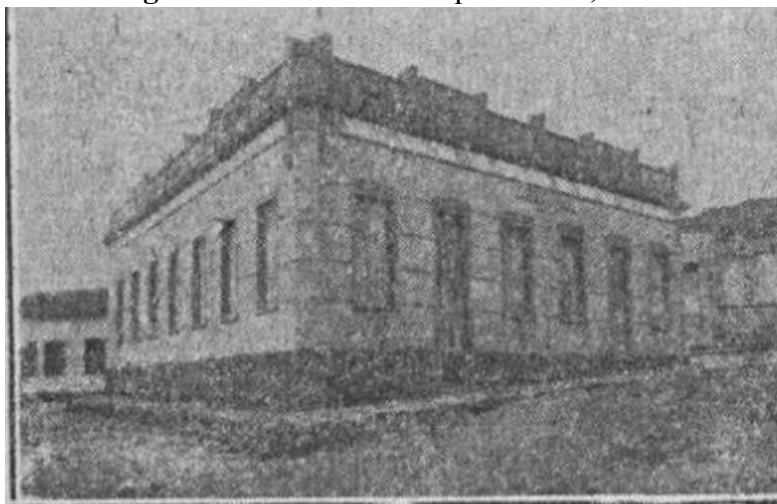
Figura 52 - Matadouro Municipal, 1933.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira²⁰¹.

Em 1933, em uma publicação com teor político, demonstra as obras realizadas sob a administração de Francisco Leite Filho: “Os “clichés” desta página, reproduzem os retratos das obras realizadas na administração do distinto moço, Sr. Francisco Leite Filho, quando Intendente da cidade de Riachuelo.” O texto segue elogiando a administração do mesmo, demonstrando como ele havia tirado dinheiro de sua própria renda para construir obras na cidade sem contrair nenhum empréstimo, tudo pela honra da “honestidade e trabalho”.

Figura 53 - Prédio do Grupo Escolar, 1933.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira²⁰².

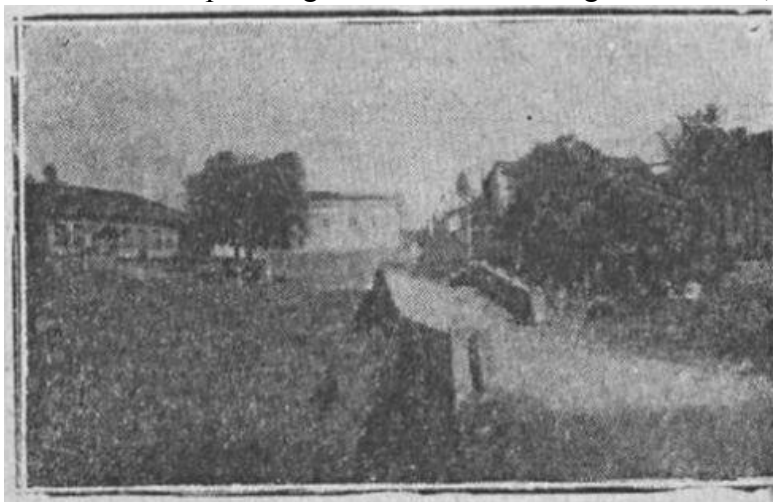
Dentre as obras fruto da honestidade e trabalho de Francisco Leite Filho estão o Matadouro, que seria entregue com aparelhos modernos e com todos os rigores de higiene atendidos. O talho de carnes verdes, localizado na praça da feira. Um prédio já com

²⁰¹ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.72.

²⁰² Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe., 1933, n.01, p.72.

adaptações necessárias para ser instalado um Grupo Escolar (**Figura 53**). Uma ponte de alvenaria ligando a cidade ao Engenho Central, está localizada na divisa de Riachuelo e o povoado além da pavimentação de um trecho da estrada de rodagem ligando a cidade de Riachuelo à de Laranjeiras.

Figura 54 - Vista da ponte ligando a Cidade ao Engenho Central, 1933.



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.²⁰³

Assim sendo, o período prolífico de estruturação urbana de Riachuelo se dá nas três primeiras décadas do século XX, como pode ser visto neste último tópico. Além disso, demonstra o quanto a cidade evoluiu desde a sua instituição como povoado, sendo um crescimento rápido e complicado, Riachuelo logo despontou como uma cidade de oportunidades, no entanto esse crescimento teve um preço muito alto principalmente pela falta de estruturas que comportassem ou acompanhassem o sucesso da empreitada econômica do município.

Em certo momento o passado deixa a entender que o desenvolvimento da cidade esteve atrelado ao sucesso da empreitada industrial, e mais atrelado ainda às questões da política local. A oportunidade de emprego tornou Riachuelo uma centralidade, e, como centro de convergência, teve que se adaptar aos estabelecimentos que lhe eram impostos, aqueles que colheram as oportunidades possíveis, seja de mão de obra ou dos seus restritos recursos naturais.

Portanto, a cidade de Riachuelo se tornou um ambiente de construção social e de dominação, e teve aqui, nesse estudo, a definição dos moldes que serviram para estabelecer as relações e estruturas que se desenrolaram nas décadas seguintes e até mesmo chegando aos dias correntes. Sua estrutura física, política e industrial também são definidas nesta

²⁰³ Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe, 1933, n.01, p.72.

janela de tempo, o que faz crer que o estabelecimento urbano da cidade, concretizou nesse período os trilhos que a cidade e município iriam seguir nos anos correntes.

Conclusões

O principal objetivo desta pesquisa foi analisar a formação e história da cidade de Riachuelo, desde a sua instituição como povoado, freguesia, vila e cidade até o final da República Velha. Sendo assim, questões inerentes às origens do povoamento, sua estruturação urbana, política e social ganharam destaque dentro da análise sobre a sociedade local, principalmente quando na busca de apreendê-los utilizando os jornais como fontes de narrativas – as quais possibilitaram ampliar a discussão sobre a formação de uma ambiência urbana dentro de um aglomerado urbano.

Nessa construção coube a micro história e a macro história o entendimento dos atores e fatores que estruturam o percurso que o aglomerado humano, oitocentista, objeto desta dissertação sofreu do seu estabelecimento como povoado até o período de sua estruturação urbana como cidade. Por meio dessa junção foi possível compreender as dinâmicas e os papéis atribuídos na construção física e civil de um ambiente citadino, assim como sua construção como comunidade dotada de normativas e arranjo político.

Através deste enquadramento, tomando a cidade de Riachuelo/SE como área geográfica de análise empírica, tem-se que a evolução da cidade apresenta em sua dinâmica uma dependência ao sistema de produção implementado na ocupação do território sergipano. Essa dependência se estabelece através da construção de uma economia de exportação, bem como uma política de domínio de base familiar.

Embora a história das cidades pós colonial brasileira seja algo pouco explorado, tem-se como conclusivo que Riachuelo não tem sua origem quanto aglomerado atrelada a uma figura colonial, mas sim, como subproduto de uma política colonial de ocupação territorial. Isso é visto através dos recortes de jornal, quanto retratam o aglomerado em questão como distrito desde a década de 1840, período já compreendido como império, sem esquecer que sua datação de fundação pelo Almanaque Laemmert dista de 1860, um tempo histórico relativamente curto entre as duas fontes.

A pesquisa ainda reavalia a questão do mito de fundação da cidade, que na perspectiva oral era atrelado a uma família de sobrenome “Mesquita Pinto”, esse mito é contestado com através do nome de “Luiz Pinto”, esse que havia construído uma capela cuja padroeira, Nossa Senhora da Conceição. Cabe destacar aqui que o culto a Nossa Senhora da

Conceição é atrelado a homens Pardos, o que faz acreditar que o Luiz, não era um grande proprietário de terra, nem tinha tantas posses assim, no entanto seu papel na construção do povoado é esquecido ao longo do tempo, principalmente após a retirada do seu sobrenome com a elevação da cidade como vila em 1874.

De certo que o mito fundador da cidade é ainda repleto de questionamento, contrário a isso, são as dinâmicas que levaram a construção deste aglomerado como povoado, as quais estão ligadas efetivamente a constituição territorial, esse largamente empregada no cultivo da cana-de-açúcar. O aglomerado não seria possível sem o assentamento de engenhos, muito menos sem a instituição de poder familiar. Essa predominância da estrutura de poder baseada em relações familiares teve implicações significativas para o desenvolvimento e a governança local. Decisões importantes para o povoado foram influenciadas pelos interesses particulares dos donos de engenho, em detrimento do bem-estar e das necessidades dos habitantes do aglomerado como um todo.

A dominação familiar tão presente nos engenhos de açúcar ultrapassou os limites das fazendas de plantação a partir da criação de uma estrutura política, seja quando vila, ou mais ainda quanto à cidade. Ou seja, o povoado só vai ser ocupado pela “elite” açucareira a partir do momento em que é possível estabelecer nesses núcleo humano, uma dominação e ganho efetivo dessa classe social. Essa dominação foi responsável pelo controle de perspectivas e na tomada de decisões, as quais possibilitaram limitar ou gerar progresso e inovação no município.

Isso pode ser entendido melhor, quando a cidade de Riachuelo é analisada na década de 1890 e na década de 1930, esse período marcado pela luta ao poder para o cargo de intendente do município, visto o ganho de força das intendências no período republicano. Na última década do século XIX, o município vivia seus primeiros anos de instalação da Usina Central e a cidade apresentava várias demandas, essas negligenciadas e que acarretavam na precariedade com a qual os seus habitantes viviam, e o quanto isso só foi passível de transformação a partir do interesse político, concretizado nas décadas de 1920 e 1930. Esse interesse político acaba esbarrando em esferas simbólicas e adentra raízes profundas, as quais não são ponto focal deste trabalho.

Desta forma cabe destacar que duas questões influenciaram diretamente a evolução urbana de Riachuelo, a primeira como já introduzida no parágrafo anterior é a questão política, seguida de uma questão econômica a qual a industrialização foi indispensável, pois tornou o município um local de vasta oferta de emprego. A questão do emprego na Usina

Central, se demonstrou tão importante que o mesmo gerou uma massa migratório do sertão de cerca de 900 pessoas, como mencionado no tópico “o poder senta na porta”, ou seja em 1890 a cidade era vista como um reduto prolífico de empregos. Ao longo dos 40 primeiros anos de Engenho Central, este chegou a ser responsável pela geração de cerca de 2000 vagas de empregos, e, pela diversificação de sua produção.

Retirando o Engenho Central, Riachuelo não despontou como polo industrial de Sergipe, seu desenvolvimento, quanto espaço de desenvolvimento de uma economia urbana foi único e exclusivo do Engenho Central. Desta forma não existiu uma dinâmica na instalação de outros equipamentos de produção industrial, apenas algumas outras manufaturas, essas para o abastecimento da própria cidade, nada para uma produção em escala regional ou de exportação. Essa prática de instalação industrial poderia ocorrer principalmente pela proximidade do município da capital, bem como a vasta oferta de terras, bem como o transporte ferroviário e fluvial já estabelecido, isso sem falar na mão de obra que a cidade ofertava.

Logo a exclusividade de mão de obra e recursos naturais, tornaram o Engenho Central não somente uma indústria, mas como também um instrumento de domínio não somente empregatício, como também instrumento de assegurar o carisma da população nas eleições a cargos eletivos. Essas afirmações ganham força principalmente com a compra do Engenho Central pelo coronel Augusto do Prado Franco, e os trabalhos do coronel Antonio do Prado Franco, frente a modernização do estado e também atrelada a obras importantes dentro do município.

A figura do Coronel, como figura urbana esteve muito atrelada a outra figura bastante importante a configuração política da cidade de Riachuelo, o coronel Francisco Rabello Leite, foi responsável pelo maior período no poder da administração municipal, o seu sobrenome se perpetuar através de seus descendentes no século XX e XXI, com a administração municipal de seu filho Francisco Rabelo Leite Filho (1953-1956), Júlio César Leite Sobrinho (1967-1970), Aldebrando de Menezes Leite (1997-2004) e Cândida Emília Sandes Vieira Leite (2013-2018). O que demonstra que o poder familiar dos coronéis do século XIX, se perpetua até a contemporaneidade através da influência da posse de terras e pela posição social-econômica.

Não distante da vida política da cidade, foi o período de urbanização do município, esse que só se deu a partir da década de 1920, com a construção de prédios públicos importantes, bem como a instituição de uma legislação que regulamenta tanto o crescimento

urbano. Essa estruturação urbana, em toda a vida do aglomerado só veio ocorrer de forma efetiva no governo do Francisco Rabello Leite, antes dele já vinham sendo postos em prática avanços pela qualidade da vida urbana desde o início do século XX.

Se comparado com o processo civilizatório de Riachuelo o processo europeu é algo completamente curto, os municípios de Sergipe, tiveram que fazer suas revoluções civilizatórias em um curto espaço de tempo. Riachuelo teve sua pequena revolução industrial com apenas 26 anos de existência, datando seu estabelecimento em 1860. Teve sua primeira crise sanitária com 62 anos, sua primeira legislação com 63 anos, ou seja, foi uma urbanização que se deu de forma truculenta e demasiadamente desorganizada e desestruturada, na força da exploração da mão de obra barata e sobre a miséria de sua população.

O processo de urbanização teve seu primeiro passo dado com efeito necessário entre 1920 e 1930, isso à frente de situações adversas enfrentadas pelas epidemias que assolavam a cidade de maneira abrupta. Como marco dessa mudança podem ser citadas as duas legislações urbanas, essas que introduziram a cidade uma formalização de ocupação espacial, através da orientação dos tamanhos das ruas, de onde deveriam ser descartados os esgotos e água de drenagem, bem como o comportamento sanitário perante a venda de produtos e serviços. Depois dessa normatização veio uma leva de estruturas públicas, como o mercado, o talho de carne, o grupo escolar, a pavimentação de ruas e a construção de ponte entre o povoado Sítio do Meio e o centro da cidade.

Foi nessa janela de tempo que se definiu o futuro do empreendimento industrial de Riachuelo, com a implementação da fábrica de tecidos, cuja produção vai ganhando espaço até 1968, quando o maquinário de processamento de açúcar é anexado à Usina São José dos Pinheiros, em Laranjeiras. A partir desse momento o Engenho Central dava lugar a fábrica de tecidos agora Sergipe Industrial S/A – SISA. Isso ocorre quando o Engenho Central passa a pertencer apenas à família Prado Franco, sendo seu único investidor o empresário e político Augusto do Prado Franco, filho do segundo casamento de Albano do Prado Pimentel Franco com Adélia do Prado Franco, e, irmão de Antônio Prado Franco, anterior acionista da empresa.

Os limites do município também sofreram alteração a partir de 1960, quando o município perdeu parte de seu território - antes composto pelos povoados de Areia Branca, Saco Torto e Malhador, tornando-se um dos menores municípios de Sergipe. A fábrica de tecido não tinha a mesma força que a Usina, logo se perde a imagem de local de fatura de

trabalho. Diante deste cenário, conclui-se que a cidade de Riachuelo ao longo da história se caracterizou como um estabelecimento do domínio familiar, uma extensão dos limites dos engenhos, ou ainda um subproduto da produção canavieira. Isso se deu com maior propulsão a partir das transformações sociais do Brasil na virada do século XIX para o século XX - sob eixos sensíveis de mudanças sociais como: a abolição da escravidão, proclamação da república, o investimento no desenvolvimento industrial, entre outras - todas essas que ajudaram a moldar a sociedade urbana de Riachuelo.

Sendo assim, esse estudo, mesmo centralizando sua análise no entendimento e interpretação das dinâmicas urbanas, possibilitou ampliar a análise de compreensão sobre a evolução de Riachuelo como núcleo urbano, bem como suas dinâmicas e mecanismos. Além disso possibilitou ampliar a análise para uma compreensão muito além das questões de uma história geral da cidade, e sim, contribuiu e conseguiu demonstrar interpretações sobre as próprias dinâmicas políticas e econômicas ao traçar relações de dominação e poder simbólico com recurso para a manutenção do espaço da cidade.

Bibliografia

- ALMEIDA, M. da G. S. de. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- AZEVEDO, Aroldo. **Vilas e cidades do Brasil colonial; ensaio de geografia urbana retrospectiva**. TERRA LIVRE —AGB São Paulo | p. 23-78, nº 10 janeiro-julho, 1992.
- BARRETO, Lima. **“O pecado”**. In: O homem que sabia javanês e outros Contos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.
- BEZERRA, Antonio Martins. **Riachuelo passado de riquezas**. Aracaju: Textopronto Editora e Gráfica, 2012.
- BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985.
- BOMFIM, Fagner dos Santos. **Os vereadores e o ofício da política em riachuelo: recursos sociais, redes de relações e dominação**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2019.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- _____. 2001. **¿Qué significa hablar? Economía de los intercambios lingüísticos**. Madrid : Akal
- CARDOSO, Rosa Maria. **Viva Maria a “Nossa Senhora”**. O Mensageiro, Santo André, SP. Ano XLIII, n. 08, p. 02-04, out. 2000.
- CRUZ, Izaclaudia Santana da. **Efluentes Da Indústria Canavieira Do Estado De Sergipe**. Interfaces Científicas - Exatas e Tecnológicas • Aracaju • V.2 • N.2 • p. 27 - 36 • Out. 2016.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **O Tenentismo em Sergipe**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1974.
- _____. **Coronelismo e Dominação**. Aracaju, Universidade Federal de Sergipe, PROEX/CE - CAC/ Programa Editorial, 1987.
- _____. **História de Sergipe: República 1889-2000**. 2. ed. Aracaju : Editora SEDUC, 2022.
- DANTAS, Orlando Vieira. **A Vida Patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. **O Problema Açucareiro de Sergipe**. Editora: Livraria Regina- Aracaju, 1944. (Disponível no Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura -ITBEC)

- FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958, p.340, v. IV: Grande Nordeste.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História política de Sergipe: do golpe de 15-11-1889 ao golpe de 31-03-1964**. s.n.t. Aracaju: 1986.
- FREIRE, Felisbello. **História Territorial de Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe/Secretaria do Estado da Cultura/FUNDEPAH, 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. **Sobrados e mucambos: a decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano**. 15ª ed. São Paulo: Global, 2004a.
- _____. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004b.
- _____. **Vida social no Brasil, nos meados do século XIX**. 4 ed. São Paulo: Global, 2009.
- GÓES, Balthazar. **A República em Sergipe: apontamentos para a história de Sergipe, 1870-1889**. Laranjeiras, 1891.
- GUARANÁ, Manuel Armindo Cordeiro. **Diccionario bio-bibliographico sergipano**. Edição do Estado de Sergipe. 1925
- GOMES, Geraldo. **Engenho e Arquitetura**. Recife: FUNDAJ; Ed. Massangana, 2006.
- HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- JESUS, André Luiz Sá de. **Uma história da primeira estação ferroviária de Aracaju (1910-1976)**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.
- LOUREIRO, Kátia Afonso da Silva. **Arquitetura Sergipana do Açúcar**. Aracaju: FUNCAJU, 1999.
- LÚZIO, J. **A sacralização do feminino nas imagens marianas de marfim**. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 24 (An. mus. paul., 2016 24(3)), p.299–314.
- MARCONDES FILHO, C.. (2001). **Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira**. São Paulo Em Perspectiva, 15(2), 20–27.
- MARTINS, Henrique. **Lista bacharéis e doutores faculdade Recife**. 1828-1931. Recife, 1931.

- LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.
- NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Provincial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Aracaju, SE: Bancodo Estado de Sergipe, 2006.
- OLIVEIRA, Bruno de Abreu. **Nos trilhos da memória: a representação das ferrovias no imaginário sergipano**. 2021. 114 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.
- PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. **Reordenamento do trabalho: trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste açucareiro: Sergipe 1850 - 1930**. Aracaju: FUNCAJU, 2000.
- PINA NETO, Reginaldo Passos. **O sagrado e as circunstâncias: restauração da capela Nossa Senhora da Conceição do antigo Engenho Penha**. (Dissertação em Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos), Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal Da Bahia, 2018.
- QUINTAS, Fátima (Org.). **A civilização do açúcar**. Recife: Sebrae, Fundação Gilberto Freyre, 2007.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. 3. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500-1720)**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora: Edusp, 1968.
- _____. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RISÉRIO, Antonio. **A cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2013 (2ª Edição).
- SANTOS, Thaysa Mirths Alves dos. **Engenho Lyra: uma análise sob o viés da arqueologia da arquitetura**. Monografia apresentada à disciplina TCC 2, Universidade Federal de Sergipe UFS, Laranjeiras 2015.
- SANTOS, Thieres Janderson. **O capitão-mor José Mateus da Graça Leite Sampaio e a Independência da Capitania de Sergipe del Rei**. Artigo apresentado à disciplina Prática de Pesquisa como exigência parcial à obtenção do título de graduado em História. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2019
- SANTOS, Bruna Morrana dos. **A imprensa oficial sergipana e o processo eleitoral de 1896**. Revista Discentes do Programa de Pós-Graduação em História UFRJ, Vol. 3 | N. 6 | JUL./DEZ. 2017. P. 55-75.

SOUSA, Antonio Lindvaldo. **O Discurso da Modernização de Aracaju e as Epidemias nas Primeiras Décadas do Século XX**. PONTA DE LANÇA. Ano 4, n.8, p. 45-53. Abr 2011 - Out 2011

SUBRINHO, Josué. M. P. **Reordenamento do Trabalho Escravo e Trabalho Livre no Nordeste Açucareiro**. Sergipe (1850 – 1930). Aracaju: FUNCAJU, 2000.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**, v. 2. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WEIMER, G. . **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo, Martins Fontes, 2012.